

CONTOS 5 FANTASTICOS





APÓS O ARMAGEDOM – Clark Ashton Smith

Este é um breve poema de versos mais ou menos livres e com rimas simples, que eu, no entanto, por amor da clareza, preferi deixar em versos brancos.

Deus caminha leve nos jardins de uma estrela escura e fria.
Desconhecendo o pó que se apega às dobras de sua roupa,
Deus assinala no barro, marca-o no molde,
Andando nos campos noturnos de uma guerra perdida
Em uma estrela que há muito esfriou.

Deus pisa brilhante onde há ossos de coisas esquecidas,
Pálido de esplendor como a geada de uma praia banhada de luar,
Deus vê as tumbas à luz de Sua face,
Ele treme ao ler as runas lá gravadas, e Sua sombra no céu
Treme imensamente no espaço.

Deus fala brevemente com suas hostes de vermes sepulcrais.
Deus parlamenta com a minhoca e as traças famintas:
Suas bocas comeram todos, mas o verme segue presa
De uma fome negra ainda, e murmura maldades
Com a traça taciturna.

Deus volta apressado ao céu, deixando uma estrela morta.
Mas Seus robes estão manchados da poeira de coisas mortas,
O verme cinzento vai escondido e a pálida traça se fartou
Escondida em uma dobra dourada de sua batina brocada,
Como uma desgraça inaudita.

A HISTÓRIA DO LIMPADOR DE BOTAS – Charles Dickens

Em que lugares havia estado na mocidade?, repetiu ele quando lhe formulei a pergunta. Santo Deus!!, havia estado em todas as partes! E que profissões exercera? Quase todas as que se pode ser!

Se havia visto muitas coisas? Certamente. Eu mesmo diria isso, posso assegurar, se soubesse de um vigésimo do que lhe acontecera na vida. Tanto que seria muito mais fácil para ele falar do que não vira do que aquilo que vira. Muito mais fácil.

Qual a coisa mais curiosa que havia visto? Bem! Não sabia ao certo. Naquele instante não poderia avaliá-lo... talvez um unicórnio... que encontrara uma vez numa feira. Mas, se eu imaginasse um jovem cavalheiro de oito anos incompletos fugindo com uma bela senhorinha de sete – não seria isso um bom começo para uma história? Claro que sim. Eis que ele próprio havia visto essa história, com os olhos que Deus lhe dera, e inclusive limpava os sapatos com que eles haviam fugido, pequenos sapatos nos quais sua mão nem cabia.

O pai de Harry Júnior vivia na casa dos Elmses, em Shooter's Hill, a seis ou sete milhas de Lunnon. Era um homem espirituoso, bem apessoado, que caminhava de cabeça erguida e tinha o que se pode chamar de eclético. Escrevia versos, montava, corria, jogava críquete, dançava, representava, tudo fazendo satisfatoriamente. Sentia-se muito orgulhoso de Harry Júnior, seu único filho, mas não o levava a se perder com mimos em excesso. Era um cavalheiro de gosto e vontade próprios, o que logo se notava. Assim, embora fosse um bom companheiro para aquele excelente menino, e gostasse de vê-lo entretido na leitura de contos de fadas, e nunca se cansasse de ouvi-lo dizer que ele era Norval, cantarolando canções infantis, mantinha a sua autoridade sobre o menino, um autêntico menino, e bom seria se todas as crianças fossem assim!

Como sabia o limpador de botas de tudo isso? Porque havia sido o jardineiro auxiliar. Naturalmente era impossível que, na qualidade de jardineiro, indo e vindo pelo gramado, sob as janelas da casa, ceifando, varrendo, desramando, e

podando, e mais isto e aquilo, não se inteirasse dos assuntos da família. Isso sem contar com o fato de que, numa manhã, Harry Júnior lhe perguntou:

— Cobbs, de que modo escreveria a palavra "Norah", se te pedissem?

Ato contínuo, pôs-se a escrevê-la nas ripas da cerca, com letra de forma.

Ele não poderia dizer que tivesse dado muita atenção às crianças antes disso; mas era lindo vê-los, os dois pequenos, andando de cá para lá, profundamente enamorados. E a coragem do menino! Meu Deus, ele teria tirado o chapéu, arregaçado as mangas e avançado para um leão, se algum aparecesse para assustar sua bem amada. Uma vez, Harry Júnior, em companhia de Norah, deteve-se diante de Cobbs, que catava ervas daninhas no cascalho, e disse-lhe firmemente:

— Cobbs, gosto muito de você.

— Verdade, senhor? Fico muito contente em ouvir isso.

— Gosto sim, Cobbs. Porque você acha que gosto de você, Cobbs?

— Confesso que não sei, Harry Júnior.

— Porque Norah também gosta de você, Cobbs.

— É mesmo, senhor? Isso é muito honroso.

— Honroso, Cobbs? Ser querido por Norah vale mais do que ter milhões de puros diamantes.

— Certamente, senhor.

— Vai deixar-nos, não é assim, Cobbs? — Não gostaria de ocupar outro cargo, Cobbs?

— Não teria objeções, se fosse um bom cargo.

— Pois bem, Cobbs — determinou Harry Júnior — será nosso jardineiro-chefe quando nos casarmos.

Dito isso, enlaçou seu braço no de Norah, que vestia um aventalzinho azul-celeste, e ambos se afastaram.

O limpador de botas me assegurava que, melhor do que apreciar um quadro ou assistir uma peça de teatro, era ver as duas crianças, com seus cabelos louros encaracolados, seus olhos brilhantes e o caminhar ágil e firme pelo jardim, completamente enamorados. Cobbs achava sinceramente que os passarinhos os julgavam seus amigos e que cantavam para eles com a intenção de agradá-los. Por vezes, ambos se sentavam sob as árvores e ali ficavam abraçados, os

rostinhos macios bem juntos, lendo histórias como "O Príncipe e o Dragão", "Os Encantadores Bons e Maus" e "A Linda Filha do Rei". Algumas vezes, Cobbs os ouvira falando de seus planos de morar numa casinha na floresta, com abelhas e vacas, para viverem só de mel e leite. Outra vez, deu com eles junto ao tanque e ouviu Harry Júnior, que dizia:

— Minha adorável Norah, me dá um beijo e me diz que me ama com loucura, senão vou me atirar dentro da água.

Cobb não tinha dúvida de que cumpriria o prometido, se ela não tivesse atendido seus pedidos. Resumindo, o limpador de botas me assegurou que tudo aquilo despertava nele próprio a sensação de também estar enamorado, embora sem saber exatamente por quem.

— Cobbs — disse Harry Júnior ao jardineiro quando ele regava as flores — em junho vou visitar vovó, que mora em York.

— Realmente, senhor? Espero que se divirta bastante. Eu também vou para Yorkshire quando sair daqui.

— Vai visitar sua avó, Cobbs?

— Não, senhor. Não a tenho mais.

— Não tem mais avó, Cobbs?

— Não, senhor.

O menino ficou olhando-o regar as flores por tempo e depois lhe disse:

— Ficarei muito contente em ir, Cobbs. Norah vai também.

— Vai estar muito feliz então, senhor — acrescentou Cobbs — com sua linda namorada ao seu lado.

— Cobbs — censurou o menino, ruborizando-se — não permito brincadeiras desse tipo, se eu puder impedir.

— Não foi brincadeira, senhor — desculpou-se Cobb, humilde. — Não tive essa intenção.

— Fico muito contente de que seja assim, Cobbs, porque gosto de você como sabe. E porque vai viver conosco... Cobbs!

— Senhor.

— Que é que você acha que vovó costuma me dar quando vou visitá-la?

— Não posso imaginar, senhor.

— Me dá uma nota de cinco libras do Banco da Inglaterra, Cobbs.

— Puxa! — exclamou Coobs — é um montão de dinheiro, Harry Júnior.

— Pode-se fazer um montão de coisas com esse dinheiro, não é mesmo, Cobbs?

— Acho que sim, senhor.

— Cobbs, vou te contar um segredo. Em casa de Norah, zombam de nós, forçam as risadas pelo nosso compromisso matrimonial... levam na brincadeira, Cobbs!

— Assim é, senhor — disse Cobbs — a maldade da natureza humana.

O menino, exata imagem do pai, ficou parado por um momento com o rosto iluminado voltado para o pôr-do-sol e depois se despediu:

— Boa noite, Cobbs. Vou entrar.

Quando perguntei ao limpador de botas por que resolvera deixar, naquela época, o serviço, ele não soube o que responder. Achava que poderia ter continuado na casa até hoje se tivesse tido vontade. Mas era jovem naquela época e pretendia mudar de vida. Isso era o que ele desejava – mudar. Quando comunicou ao Sr. Walmers que ia deixar o emprego, este lhe disse:

— Cobbs, tem alguma queixa a fazer? Pergunto isso porque, se algum dos meus empregados tem algo de que se queixar, se puder, quero lhe dar satisfações.

— Não, meu senhor — explicou Cobbs — agradeço muito, senhor, estou melhor do que poderia estar em qualquer outro emprego. A verdade é que vou em busca da fortuna, meu senhor.

— Oh, é isso, Cobbs? Faço votos de que a encontre.

E o limpador de botas assegurou-me – e o fez com um gesto, levando a calçadeira à cabeça, modo de saudação apropriada ao seu ofício – que até hoje não encontrara a dita fortuna.

Pois bem, vencido o prazo marcado, o limpador de botas deixou os Elmses, e Harry Júnior foi para a casa da velha senhora em York; esta velha senhora teria sido capaz de arrancar os dentes (se ainda os tivesse) para dá-los ao menino, tal era a paixão que nutria por ele. E não é que a criança (pois criança podemos chamá-lo com razão) foge da casa da avó em companhia de Norah, dirigindo-se a Gretna Green, com o propósito de se casarem!

Sim, senhor: o limpador de botas estava na mesma Hospedaria do Azevim (deixara-a várias vezes com a intenção de melhorar de vida, mas acabava sempre voltando por uma ou outra razão) quando, numa tarde de verão, parou

um coche à porta e dele desceram as duas crianças. O cocheiro da diligência disse ao patrão de Cobbs:

— Não compreendo bem o que pretendem estas crianças, mas as ordens do pequeno cavaleiro foram para que os trouxesse aqui.

O pequeno cavaleiro apeou-se, estendeu a mão à sua dama para ajudá-la a descer, deu uma gorjeta ao cocheiro e se dirigiu ao dono da hospedaria:

— Vamos passar a noite aqui. Providencie, por favor, uma sala de estar e dois dormitórios. E costeletas fritas e pudim de cereja para dois!

Passando o braço por Norah (que trajava o seu aventalzinho azul-celeste) entrou na hospedaria mais apurado do que um general.

O limpador de botas deixava a meu critério avaliar qual teria sido a surpresa, dos presentes, ao verem as duas criaturinhas entrando — surpresa que se tornou ainda maior quando Cobbs, que as vira sem por elas ser visto, explicou ao hoteleiro o provável objetivo da viagem de ambos.

— Cobbs — anunciou-lhe então o patrão — se é assim, tenho de ir a York para tranquilizar os familiares. Por enquanto, cuide de vigiá-los e distraí-los até a minha volta. Mas antes de tomar a decisão definitiva, Cobbs, gostaria que confirmasse com eles se a tua suposição é verdadeira.

— Vou tratar disso imediatamente, senhor — retrucou Cobbs. Subindo ao apartamento do andar superior, o limpador de botas encontrou Harry Júnior sentado num enorme sofá — já enorme de origem e gigantesco quando comparado ao menino — enxugando as lágrimas de Miss Norah, com seu lenço. Claro que seus pezinhos não alcançavam o chão e o limpador de botas não achava palavras para descrever quão pequenas lhe pareceram as crianças.

— É Cobbs! É Cobbs! — exclamou Harry Júnior, correndo para ele e agarrando-lhe a mão. Miss Norah também veio correndo, pelo outro lado, agarrando-se à outra mão, e ambos se puseram a saltitar de alegria.

— Eu os vi, senhor, quando desciam do coche, disse Cobbs. — Logo os reconheci, porque não podia me enganar com a altura e aparência dos patrõesinhos. Qual o objetivo da jornada dos senhores?... Matrimonial?

— Vamos nos casar em Gretna Green, Cobbs — relatou o menino. — Fugimos com essa finalidade. Norah está bastante deprimida, Cobbs, mas se alegrará, agora que temos o nosso amigo.

— Muito obrigado, senhor, e muito obrigado, senhora — disse Cobbs — pelo bom juízo que fazem de mim. Trouxeram bagagem, senhor?

O limpador de botas me assegurou, sob sua palavra de honra, que a dama trazia uma sombrinha, um frasco de sais, uma torrada e meia com manteiga, oito balas de hortelã e uma escovinha de cabelo, provavelmente de boneca. O cavalheiro trazia um rolo de barbante, um canivete, três ou quatro folhas de papel de carta dobrada várias vezes, uma laranja e uma canequinha de Chaney com seu monograma.

— Quais são exatamente os seus planos, senhor? — perguntou Cobbs.

— Prosseguir viagem pela manhã — respondeu o menino, cujo valor era digno de admiração — e nos casar no mesmo dia.

— Muito bem, senhor — disse Cobbs. — E seria de seu agrado que eu os acompanhasse, senhor?

— Oh, sim, sim, Cobbs! Sim! — exclamaram ambos, alegres a saltitar novamente.

— Bem, senhor — continuou Cobbs — me perdoem pela liberdade de dar minha opinião, mas eu gostaria de sugerir o seguinte: sei de um pônei, senhor, que atrelado a uma pequena carruagem, que eu tomaria emprestada, poderia levar o senhor e senhora Harry Walmers Júnior (eu seria o cocheiro, se lhes parecesse bem) ao fim da jornada no menor tempo possível. Não estou certo, senhor, se o pônei vai estar em liberdade amanhã, mas mesmo que tivéssemos que esperar até depois de amanhã, ainda valeria a pena. Quanto às vossas pequenas despesas aqui, senhor, no caso de lhes faltar dinheiro, não se preocupem pois sou sócio do estabelecimento e nele tens crédito.

O limpador de botas declarou-me que – quando os viu batendo palmas, pulando de contentes, chamando-o de o "bom Cobbs!", o "querido Cobbs!", e, no auge da felicidade dos corações confiantes, beijando-se na sua frente – sentiu-se o mais miserável dos canalhas por enganá-los assim.

— Alguma coisa que desejam para já, senhor? — perguntou Cobbs, envergonhado de si mesmo.

— Gostaríamos de alguns doces depois do jantar — declarou Harry Júnior, cruzando os braços, avançando um pé, olhando-o de frente — duas maçãs... e geléia. Para o jantar, preferimos torradas e água. Mas Norah está acostumada a tomar meio cálice de vinho de groselha de sobremesa. E eu também.

— Farei o pedido no bar, senhor — disse Cobbs, retirando-se.

Ao contar-me isso, Cobbs experimentava os mesmos sentimentos de então, e confessou ter concordado com o hospedeiro a contragosto; de todo o coração,

desejara que existisse um lugar absurdo onde aquelas crianças pudessem contrair um absurdo casamento e viver absurdamente felizes daí para frente. Mas como era isso impossível, conformou-se com o plano do patrão e este se pôs a caminho de York, meia hora depois.

O carinho que as mulheres da casa... sem exceção... todas elas.... casadas e solteiras... passaram a admirar o menino depois de saberem da sua história, surpreendeu o limpador de botas. Teve este de desdobrar-se para impedir que fossem ao apartamento para beijá-lo. Subiram perigosamente até às vidraças, correndo até risco de vida, para conseguirem vê-los através do vidro. Formavam fila para contemplá-lo pelo buraco da fechadura. Ficaram loucas pelo menino e pela sua coragem.

Ao anoitecer, o limpador de botas foi até o apartamento para ver como estavam passando os fujões. O pequeno cavalheiro, sentado perto da janela, amparava a pequena dama em seus braços. Esta, com o rosto marcado de lágrimas, descansava, exausta e semi-adormecida, com a cabeça apoiada no ombro do companheiro.

— A Senhora Harry Walmers Júnios está fatigada, senhor? — perguntou Cobbs.

— Está sim, Cobbs, não está acostumada a ausentar-se de casa e acha-se deprimida novamente. Cobbs, acha que poderia arranjar uma torta de maçã?

— Desculpe-me, senhor — disse — o senhor deseja uma...?

— Acho que uma torta de maçã de Norfolk a reanimaria, Cobbs. Ela gosta muito.

O limpador de botas saiu em busca do revigorante solicitado. Quando o trouxe, o cavalheiro entregou-a à dama, deu-lhe de comer na boca com uma colher com a qual provou um pouco ele mesmo. Mas a dama estava realmente sonolenta e deprimida.

— Que acha, senhor — perguntou Cobbs — se eu trazer um candelabro para guiá-los até os seus aposentos?

O cavalheiro aprovou a sugestão. A camareira antecipou-se subindo pela grande escada, seguida da dama com seu aventalzinho azul-celeste, galantemente escoltada pelo cavalheiro que abraçou-a à porta do quarto dela e retirou-se para o seu, cuja porta foi cuidadosamente trancada pelo limpador de botas.

Cobbs não pôde deixar de se sentir ainda mais envergonhando da sua maldade quando, no dia seguinte, no desjejum (havia ordenado, na véspera, leite com água, adoçado, torradas e geléia de groselha) ambos lhe perguntaram pelo pônei.

Foi verdadeiramente penoso – me confessava isso sem embaraço – olhar para aquelas duas criaturinhas e pensar no abominável embusteiro que ele havia se tornado. No entanto, continuou a mentir, tão cinicamente quanto um troiano, sobre o pônei. Disse-lhes que, infelizmente, o pônei estava tosquiado e que não seria conveniente levá-lo ao tempo nesse estado, pois poderiam se ressentir os seus órgãos internos. Mas o tratamento terminaria naquele mesmo dia e no dia seguinte a pequena carruagem estaria pronta para a viagem. O limpador de botas julgava – ao refletir sobre o caso comigo, no meu quarto – que a Senhora Harry Walmers Júnior começava a perder o entusiasmo. Ao deitar-se, não lhe haviam enrolado os cabelos; tão pouco parecia capaz de pentear-se por si mesma; a irritavam os cachos caindo sobre seus olhos. Porém, nada abatia o ânimo de Harry Júnior. Sentado diante da xícara do desjejum, servia-se de geléia com tanta elegância quanto seu par.

O limpador de botas estava propenso a acreditar que, terminado o desjejum, ambos se haviam ocupado em desenhar soldadinhos... pelo menos sabia que muitos desses desenhos foram encontrados na lareira – desenhos de soldadinhos montados. No transcurso da manhã, Harry Júnior tocara a sineta (era realmente surpreendente como aquele menino conservava sua postura) e perguntara com ansiedade:

— Cobbs, há algum passeio bonito pelas vizinhanças?

— Há sim, senhor — respondeu Cobbs. — Temos o Caminho do Amor.

— Ponha-se daqui para fora, Cobbs! — essa foi a expressão usada pelo menino.

— Está com zombarias.

— Peço perdão, senhor — desculpou-se Cobbs — mas o Caminho do Amor existe de fato. é um belo passeio e eu me sentiria muito orgulhoso de poder mostrá-lo ao senhor e à Senhora Harry Walmers Júnior.

— Norah, querida — disse Harry Júnior — isto é curioso. Devemos realmente ir conhecer o Caminho do Amor. Põe o chapéu, minha adorada, e Cobbs nos levarás até lá.

O limpador de botas deixava para mim o encargo de imaginar que grande vilão ele não deveria ter se sentido quando o jovem par lhe disse, durante a caminhada, que havia decidido pagar-lhe dois mil guinéus por um ano como jardineiro-chefe, levando em conta a sua lealdade de amigo. O limpador de botas desejara que a terra se houvesse aberto para enterrá-lo, tão mesquinho se sentiu quando os olhinhos brilhantes de ambos se fixaram nele, confiantes. Tratou de mudar o rumo da conversa, como pôde, e guiou-os pelo Caminho do Amor até

um prado à beira do rio, onde Harry Júnior quase se afogou tentando apanhar um nenúfar para a senhora Norah; nada temia aquele menino. Depois de algum tempo, estavam caindo de cansaço. Tudo era tão novo e estranho para eles, que se cansavam ao extremo. Deixando-se cair num recanto forrado de margaridas, adormeceram como crianças perdidas na floresta, no caso, no prado.

O limpador de botas não sabia – talvez eu o soubesse, mas isso não faz diferença – por que um homem se entenece como um tolo ao ver duas lindas crianças dormindo em pleno dia, sonhando menos adormecidas do que quando acordadas. Mas a verdade é que quando a gente pensa em si próprio, na vida que se levou desde o berço e no pouco que se vale, que se a gente não está pensando no passado está se preocupando com o futuro, e jamais se vive o hoje; e assim por diante.

O parzinho acordou finalmente e o limpador de botas ficou certo de uma coisa: o ânimo da Senhora Harry Walmers Júnior vacilava. Quando Harry Júnior lhe passou o braço pela cintura, ela pediu "que não a aborrecesse tanto". Quando ele lhe perguntou: "Norah, a luz da minha vida, teu Harry te aborrece?", ela respondeu:

— Sim. Quero ir para casa!

Um frango assado e um pudim de pão e manteiga ao forno reanimaram a Senhora Walmers um pouco; mas o limpador de botas teria desejado, confessava-me em tom de segredo, vê-la mais sensível ao chamado do amor e menos ao da groselha. No entanto, Harry Júnior mantinha-se firme, o coração tão apaixonado quanto antes. Ao entardecer, a Senhora Walmers sentiu-se muito sonolenta e pôs-se a chorar. Logo depois foi se deitar, como na véspera, e Harry Júnior fez o mesmo.

Às onze horas da noite, voltou o hospedeiro num coche, acompanhado do Sr. Walmers e de uma senhora idosa. O Senhor Walmers parecia ao mesmo tempo muito alegre e preocupado e perguntou à hospedeira:

— Somos muito gratos, senhora, por haver cuidado tão bondosamente dos nossos pequenos; nossa gratidão não tem limites. Por favor, senhora, onde se encontra o meu filho?

A hospedeira respondeu:

— Cobbs tem tomado conta de seu adorável menino, senhor. Cobbs, leve-o ao quarenta.

O Senhor Walmers voltou-se para Cobbs e disse:

— Ah, Cobbs, estou muito satisfeito em te ver! Já sabia que estavas aqui!

Cobbs confirmou:

— Sim, senhor. Seu criado muito obediente.

Talvez eu tivesse me surpreendido ao ouvi-lo dizer isso, mas Cobbs me assegurou que ao subir as escadas o seu coração batia como um martelo.

— Perdoa-me, senhor, — disse ele enquanto soltava o ferrolho da porta — mas espero que não esteja muito zangado com Harry Júnior. Harry Júnior é um excelente menino, senhor, que vai honrá-lo e de quem ficará orgulhoso.

O limpador de botas me deu a entender que se o pai do excelente menino não tivesse concordado com ele, no estado de ânimo que se encontrava, seria capaz de agredi-lo, deixando para depois as suas conseqüências.

Mas o Senhor Walmers limitou-se a dizer:

— Não Cobbs. Não, meu amigo, Muito obrigado!

Aberta a porta, entrou. Cobbs acompanhou-o, levando um candelabro, e viu-o chegar-se ao leito, inclinar-se e carinhosamente beijar a face do menino adormecido. Depois, ficou um instante a contemplá-lo, sendo impressionante a sua semelhança com Harry Júnior (conta-se que também havia fugido com a sua esposa). Depois sacudiu suavemente o ombro do menino:

— Harry, meu querido! Harry!

Harry Júnior ergueu-se sobressaltado e olhou-o. Olhou para Cobbs. Tal era o sentimento de honra daquela criança, que olhou logo para Cobbs, a ver se não lhe causara dificuldades.

— Não estou zangado, meu querido. Quero apenas que te vistas e que volte para casa.

— Sim, papai.

Harry Júnior vestiu-se rapidamente. Quando terminou, seu peito começou a dilatar-se, e mais se dilatou quando se postou diante do pai, que o olhava também, silencioso.

— Por favor, eu poderia... (a fibra daquela criança dominando as lágrimas, prestes a explodir!) por favor papai querido... posso... posso beijar Norah antes de ir?

— Pode, sim, meu filho.

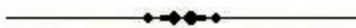
Tomou Harry Júnior pela mão, e Cobb foi adiante, com a luz; chegaram ao outro quarto, onde a senhora idosa estava sentada à cabeceira da cama e a pequenina Senhora Harry Walmers Júnior dormia profundamente. Lá chegados, o pai ergueu o menino até o travesseiro e este encostou o rostinho, por um só instante, no tépido rostinho da adormecida, atraindo-a gentilmente para si. O espetáculo comoveu tanto as camareiras que espiavam pela fresta da porta que uma delas exclamou:

— É uma vergonha separá-los!

Mas a camareira sempre fora, informou-me o limpador de botas, de coração mole. Ao dizer isso não queria dizer nada de mal contra ela, pelo contrário.

E isso foi tudo, concluiu o limpador de botas. O Senhor Walmers partiu no coche, tendo entre as suas mãos as mãos de Harry Júnior. A senhora idosa e sua filha, que jamais chegou a ser a Senhora Harry Walmers Júnior (casou-se com um capitão muitos anos depois e morreu na Índia) partiram no dia seguinte. No final das contas, Cobbs apresentava-me seus dois pontos de vista, para ver se eu concordava com eles: primeiro, não existem muitos casais de noivos que cheguem ao casamento inocentes de toda a maldade como aquelas duas crianças; segundo, talvez fosse uma verdadeira bênção para muitos casais de noivos serem detidos antes de se casar e cada um voltar para a sua casa.

O DEFUNTO - Thomaz Lopes



Quando ele despertou, deitado ao comprido num estreito caixão negro e dourado, tinha as mãos postas numa derradeira prece. Lançou vagamente os olhos em torno, e em torno tudo era silêncio e treva. Procurou levar as mãos aos olhos, mas sentiu as mãos presas, sem movimento; e parece-lhe então que estava morto.

Como é pesado o ar que respira! Como é profunda a escuridão que o encerra! E onde está? No seu quarto? No seu leito? Que estranha cama, estreita e dura! E por que dorme calçado? E que vestes tão solenes! Terá vindo ébrio de alguma festa? E as mãos amarradas! E que falta de ar! Ah! que dolorosa e lenta agonia.

De novo distendeu os braços; mas a fita que os unia partiu-se, e as mãos geladas bateram de encontro às tábuas. Passou os frios dedos pelo rosto e retirou-os espantado, sentindo a face morta como a de um cadáver. Veio-lhe à memória uma vaga lembrança de moléstia e de perda de sentidos.

E sentiu sobre si uma tampa, uma tampa de caixão, de caixão de defunto!

Um medo contínuo de si próprio, um indefinível asco do "cadáver" que sente a seu lado, assoberba-o. Rebenta o caixão, levanta-se, quer correr, mas bate de encontro a uma parede, uma fria e cinzenta parede de mármore. Rápida e rija vem-lhe a certeza de estar enterrado vivo, prisioneiro da morte, atirado num calabouço. No silêncio e na treva, entre a loucura e a morte, dá dois passos, mas tropeça. Que será?

E como seus pés tateassem na sombra, encontraram um degrau que subiram; depois, outro mais outros, outros ainda. Oh! que sepultura profunda! Erguendo as mãos para o céu que está tão longe dos abismos, sentiu nas mãos a fria laje do teto.

Em vão tenta erguê-la. Respira a longos haustos por uma fresta aberta na pedra. Um novo esforço para erguê-la: em vão! - Uma sepultura de mármore, como que para guardar o corpo aos vermes e ao pó; uma fresta por onde apenas entra o ar que prolonga a vida ao condenado; uma escada que os passos sobem e inutilmente descem; uma laje que se levanta para enterrar os mortos e que se não ergue para salvar os vivos; - oh! essa sepultura é com certeza uma sepultura

de igreja.

E novamente luta para erguer a pedra, mas com o esforço inútil, vem o cansaço, vem o abatimento, vem o desânimo. Então como o inconsciente ou o muito atilado, que vendo abertos os braços lívidos da Morte, em vez de fugir, aos braços se atira, ele resignadamente desce. Ao descer alucinado e cego, bate com o corpo no mármore da parede, e grita. A sua voz sobe e desce, abafada como o eco de um trovão distante encerrado numa gruta profunda. Agora, sereno e calmo, como quem leva um sol apagado no coração e uma estrela sem luz em cada olhar, sobe de novo os degraus da Vida e da Morte. Nos primeiros momentos, com a calma e serenidade com que subira, junto ao intento a sua força, mas a pedra permanece impassível. A angústia do sofrimento prolongado destrói-lhe o sossego da ação; com um doloroso esforço, ingurgitadas as veias, os músculos retesados na onipotência da sua própria força, os olhos saltando das órbitas, procura num ansioso desespero levantar a pedra que talvez para sempre o encerra. Trabalho inútil! Parece que o pranto preso na garganta vai sufocá-lo, - e sente uma a uma ensangüentarem-se, dilacerarem-se, largarem-lhe da carne as unhas. Impossível!

Exausto de fadiga e dor, deixa-se abater, e o seu corpo doente, rolando de degrau em degrau como um fardo sinistro, vai parar ao pé da parede cinzenta e fria...

Veio o sono. Veio seguindo a nébula do sono a doida fantasia do sonho.

Era vago e tênue. Mas porque tão vago fosse e tão tênue, quase sem torturas, o Espírito-Zombeteiro dos Sonhos fê-lo aclarar-se, - assim como uma cidade que despe aos primeiros raios de sol a túnica de névoas em manhãs de frio.

Vai-se largamente o sonho dilatando, mas sempre duvidoso e cinzento.

Era uma noite profunda, iluminada de estrelas. O céu muito alto era como um imenso veludo macio. - E o céu alto e a noite profunda cobriam e envolviam uma cidade estranha mas que lhe não era de todo desconhecida. Havia velhos lugares que amava e, pelos sítios conhecidos, - nem viv'alma! Apenas sombras. Caminhava e, quando era a grande fadiga e o repouso que lhe abria os braços amigos, outros braços mais fortes o impeliam e uma sinistra voz bradava: - Marcha! Marcha! - As pernas pesavam, se entorpeciam; desejos protetores de descanso inundavam-lhe o laço corpo. À proporção que atravessava caminhos, os caminhos mudavam: eram jardins floridos e perfumados, prados extensos, longas campinas, casarios que fugiam na sombra; outras vezes, charnecas adustas e ressequidas, betesgas exalando podridão.

Passou por cemitérios e à sua passagem os defuntos erguiam-se, cobertos de pó

e de segredo, acompanhando-o fantasticamente por dilatados e dolorosos momentos. As árvores tomavam assombradoras formas de avejões e as estrelas, apagando-se no céu, deixavam o céu cinzento e frio como o mármore da sua sepultura tão fria e tão cinzenta. E, entretanto, no silêncio, na noite e na treva - o defunto caminhava.

De súbito, como aos olhos tontos e averiguadores do naufrago, aparece a orla branca de uma praia distante, no seu espírito cansado nasceu uma idéia feliz: aquela noite de loucura e de assombramento marcava o aniversário de sua Noiva e por data essa tão formosa haveria uma formosa festa. Devia ser tarde; ansiavam por ele. - Com uma força nova, um grande desejo de ver, de ouvir, de sentir, de querer, de palpitar, de amar e de viver banhou-lhe a alma numa cariciosa sensação de vida. Apressou o passo, correu. Mas, voltando-se para trás, julgou ver na sombra uma sombra que resvalava. Levantaram-se-lhe os cabelos, um calafrio de medo correu-lhe o corpo de alto a baixo - e partiu, assombrado, numa carreira mal segura, de perseguido. Batendo com os pés no solo, todo o solo ressoava ao contacto, como se os pés fossem de aço.

Depois, com surpresa, sentiu-se leve; houve um suspiro de prazer e de alívio e, flutuando no espaço, começou a voar. Subiu; rompeu a camada cinzenta do céu e o céu tornou-se inteiramente negro. Como subisse mais alto, seus olhos extasiaram-se diante do azul, um azul, tão límpido e transparente como até hoje olhos humanos não sonharam. No alto, imensamente longe, brilhavam as estrelas no glorioso esplendor de uma imortal claridade. Muito embaixo, perto da Terra, desaparecia a Lua amorável dos poetas. Os seus olhos humanos quase cegaram fitando Sírius. - Entre as estrelas abriu-se o céu e aqueles mesmos deslumbrados olhos viram sobre os sóis o suave Jesus dos Humildes. Perto de Cristo apareceram duas sombras que se foram corporificando e nas quais o Defunto se reconheceu, a si e a sua Noiva! Ela! Mas como, se "ele" ali estava oculto contemplando a felicidade do outro "ele"! Jesus sorriu. Jesus os abençoou. E eles voaram. Ah! se ele pudesse, também seguir-lhes o vôo!...

Quando quis voar, as asas se lhe desfizeram e ele caiu, rolou, precipitou-se, tocou a terra - e partiu novamente, correndo pelas estradas solitárias e ermas. Voltando o rosto viu outra vez, na treva, o mesmo vulto que o acompanhara; dominado pelo medo, correu mais, até que, numa curva do caminho, espessa sebe lhe tomou o passo. Retrocedeu, passou, assombrado, pelo vulto, que lhe estendeu os braços, e na mesma carreira fantástica, atravessou planícies, estepes nuas, estradas mortas, frias e cinzentas. Lamentou a perda das suas asas felizes e lembrou-se da sombra que não o deixava. Mas, se ele estava morto, por que o perseguiam? Cada vez mais o vulto avançava e era tão longe a casa de sua

Noiva! O vulto já ia tocá-lo... - Mas ele era cadáver e, na sua qualidade de morto, devia amedrontar os vivos... Voltou-se, mas quem quer que era riu-lhe diante da medrosa face. Mais intenso foi então o pavor de si mesmo e da sombra que devia ser a sua alma... E ela vinha resvalando na sombra, acompanhando-o...

Estava perdido! Já não tinha mais forças! Coragem! Uma luz brilhou ao longe; oh! que deliciosa alegria ! Era a casa de sua Noiva! Mais um passo! Avante! O alguém seguia-o, quase alcançando-o; mas estava salvo! Era a casa dela, era o som da orquestra, era a luz intensa, era a salvação! Um pouco de ânimo - coragem! E antes de bater com o corpo nas lajes cinzentas e frias da sepultura, pareceu que o vulto perseguidor lhe abriu os braços. E também pareceu que eram os braços regelados da Morte...

Um raio de sol, fino e tênue, atravessava a fresta aberta na pedra.

* * *

Despertou suado, ardendo em febre. Pelo seu rosto lívido andava, molemente, uma larva. Quis gritar, mas só lhe saiu da boca um grunhido surdo que o apavorou. Abriu os braços para certificar-se da vida e na treva os braços bateram contra a parede.

Pensou, então, no seu sonho - e tristemente verificou que era, em verdade, por aqueles dias, o aniversário de sua Noiva. Que data era a de sua morte? Quem sabe se não era mesmo aquele o dia festivo! Todo o passado irrompeu, tumultuando, da sombra e ele reviu as longas horas de contemplação ou de melancolia em que todo o seu ser era um crente adorando a um ídolo. E outra vez, de repente, voltou a encarar a sua situação de morto.

Longas horas passaram; desaparecera o raio de sol; e um sino tangia ao longe, fúnebre e evocativo, os dobres que deviam ser os da Ave-Maria. O som do triste bronze, chegando a seus ouvidos, falava na vida e na liberdade A liberdade! A delícia infinita! Ah! como era doloroso morrer assim, solitário, consciente, indefeso, abandonado, sem o prazer da luta, sem o esforço da salvação! E por que o enterraram vivo? Mil vezes amaldiçoou a estupidez criminosa que o atirara à morte! Os soluços e as lágrimas rebentaram e sofrendo sem termo, e chorando sem esperança adormeceu, sem sentidos, esperando pela Morte...

* * *

Ao despertar, na manhã do outro dia, viu a fita do sol - único que lhe levava à cova a carícia de uma visita.

Admirando-se de ainda estar enterrado, quis levantar-se e sentiu que desmaiava. Tinha uma fome devoradora e uma sede que o requeimava. Ah! quarenta e oito longas, intermináveis horas sem comer, sem beber! Sem beber! Sentia o estômago vazio e gelado e a língua, ressequida, estalava. De novo quis levantar-se e de novo ficou. O dia inteiro - longo como um deserto; a noite inteira - vazia como o silêncio, ele passou, ora em profunda sonolência, ora acordado, com a ânsia estranguladora de comer e de beber.

Outra vez o sol que devia ser o dia, outra vez a manhã que devia ser a vida!

O enterrado ouviu a seus pés um guincho fino; os olhos tiveram um rápido brilho de prazer e, estendendo as mãos crispadas, apanhou um rato, vivo e mole. Abrindo os lábios num sorriso que devia ser de imbecilidade, bestializado e faminto, levou o rato à boca, frio, áspero, nojento, estrebuchando e guinchando entre os dentes. Oh! mas a sede! A sede que aquela carne repulsiva aumentara ! A fome que ela fizera crescer ! - E então, num esforço hercúleo, ergueu-se; olhou a treva um instante, com um olhar profundo, calmo, parado. De repente, soltando um uivo de fera enjaulada, rasgou as roupas, dilacerou-as - e, nu, selvagem, rugindo e chorando de desespero, retalhou com os dentes a carne branca dos seus braços. O sangue brotava em ondas rubras que espumavam e ele o sorvia, atirando a cabeça de um lado para o outro, aparando-o para não perder uma gota chupando aquele sangue que corria quente espesso, vivo, garganta abaixo, descendo para o estômago crispado pela fome.

Um rugido mais rouco, dois saltos contra a parede onde repartiu a cabeça, de onde brotou mais sangue que lhe envolveu o rosto numa máscara vermelha. Enlouquecera.

Outra vez, pela última vez, subiu as escadas. Ajoelhou-se, rilhou os dentes, entrelaçou os dedos sobre as mãos, numa prece maldita - e ficou morto, imóvel, rígido e nu, coberto de sangue escarlate, como o mármore cinzento e frio da sua sepultura...

LUAR - Guy de Maupassant

Aquele nome de batalha ia bem ao cura Marignan. Era um sacerdote alto, magro, de alma reta, mas em perene estado de exaltação. Todas as suas crenças eram fixas, sem jamais sofrerem vacilações. Sinceramente acreditava conhecer seu Deus, penetrar-lhe os desígnios, os desejos, as intenções.

Quando passeava com passos largos pela alameda do pequeno presbitério, muitas vezes uma interrogação se erguia no seu espírito:

"Por que Deus terá feito tal coisa?"

Obstinava-se em procurar a resposta para aquele porquê, colocando-se mentalmente no lugar de Deus, e sempre a encontrava. Não seria ele quem murmuraria num impulso de piedosa humilhação:

"Senhor, vossos desígnios são impenetráveis!"

Dizia:

"Sou o servo de Deus, preciso conhecer as razões que o movem, e adivinhá-las quando não as conhecer".

Todas as coisas na natureza lhe pareciam ter sido criadas com absoluta e admirável lógica. Os "Por que?" e os "Porque" sempre se equilibravam.

As auroras haviam sido feitas para alegrar o despertar, os dias para amadurecer as colheitas, as chuvas para regá-las, as tardes para preparar o sono, e as noites escuras para dormir.

As quatro estações correspondiam perfeitamente às necessidades da agricultura; e nunca perturbara o sacerdote a suspeita de que a natureza não tem intenções e que, ao contrário, tudo quanto vive está sujeito às duas necessidades impostas pelas épocas, pelos climas e pela matéria.

Mas ele odiava a mulher, odiava-a inconscientemente, e desprezava-a por instinto.

Aprazia-lhe repetir a frase de Cristo: "Mulher, o que há de comum entre ti e mim?" E acrescentava: "Dir-se-ia que o próprio Deus se sentia descontente com essa parte da sua criação".

Para ele a mulher era bem a criança doze vezes impura de que fala o poeta. Era o

tentador que arrastara o primeiro homem e que prosseguia sem cessar na sua obra de perdição, ente fraco, perigoso, misteriosamente perturbador.

E, ainda mais do que o seu corpo, instrumento de danação, odiava-lhe a alma amorosa.

Muitas vezes sentira a ternura da mulher envolvê-lo e, embora se acreditasse inatingível, exasperava-o aquela necessidade de amor que constantemente fazia palpitarem os corações femininos.

Deus, na sua opinião, criara a mulher apenas para tentar o homem e experimentá-lo.

Urgia não se aproximar dela, a não ser com precauções defensivas, e o temor com que defrontamos as armadilhas. Com efeito, com seus braços estendidos e seus lábios entreabertos para o homem, ela bem que se assemelhava a uma armadilha.

Só as religiosas, a quem os votos tornavam inofensivas, mereciam a sua indulgência; assim mesmo, tratava-as com dureza, pois sentia que continuava viva em seus corações acorrentados, em seus corações humilhados, aquela eterna ternura que também o envolvia, embora fosse sacerdote.

Sentia-a nos seus olhares mais umedecidos pela piedade do que o olhar dos monges; nos seus êxtases, nos quais o sexo se misturava; nos seus arroubos amorosos para com o Cristo, que o indignavam por se tratar de amor de mulher, amor carnal; sentia aquela mesma ternura amaldiçoada na própria docilidade das religiosas, na doçura das suas vozes quando a ele se dirigiam, nos seus olhos baixos, e nas lágrimas resignadas que derramavam quando as tratava com aspereza.

E sacudia a batina ao deixar as portas do convento, e afastava-se com passos apressados como se fugisse a um perigo.

O cura Marignan tinha uma sobrinha que vivia com a mãe numa casinha, nos arredores. Porfiava em fazer dela uma irmã de caridade.

A moça era bonita, estouvada, zombeteira. Ouvia, sorrindo, os sermões do cura; e quando ele se zangava, abraçava-o com veemência, apertando-o contra o coração, enquanto que, involuntariamente, ele tentava desvencilhar-se do amplexo; dela lhe vinha, contudo, uma doce alegria, pois despertava no seu íntimo o instinto da paternidade, que dormita em todos os homens.

Muitas vezes, caminhando ao lado da sobrinha através dos campos, o cura

falava-lhe de Deus, do seu Deus. Ela mal o escutava e olhava o céu, as plantas, as flores e o gosto de viver lhe transparecia nos olhos. Às vezes, corria para apanhar um inseto alado e exclamava ao trazê-lo:

"Veja, titio, como é bonito: até sinto vontade de beijá-lo!"

E aquele desejo de "beijar moscas", ou sementes de lilás, inquietava, irritava, revoltava o sacerdote que nele encontrava a inextirpável ternura sempre pronta a germinar no coração das mulheres.

E eis que um dia a mulher do sacristão, que cuidava da casa do cura Marignan, cautelosamente lhe contou que sua sobrinha tinha um namorado.

A notícia causou ao sacerdote uma enorme emoção, e ele quase perdeu o fôlego, o rosto cheio de sabão, pois se barbeava.

Quando novamente se encontrou em estado de refletir e de falar, exclamou:

– Não é verdade, você está mentindo, Mélanie!

Mas a camponesa colocou a mão no coração:

– Que Nosso Senhor me castigue se estou mentindo, senhor Cura. Estou lhe dizendo que ela sai todas as noites, nem bem a mãe se deita. Encontram-se à beira do rio. Se quiser vê-los, é só aparecer lá entre dez horas e meia-noite. O sacerdote parou de arranhar o queixo e pôs-se a caminhar agitadamente, como costumava fazer em suas horas de graves meditações.

E cortou-se três vezes, entre o nariz e a orelha, quando recomeçou a barbear-se.

Durante o dia inteiro permaneceu silencioso, quase estourando de cólera e indignação. Ao seu furor sacerdotal diante do invencível amor, juntava-se uma exasperação de pai espiritual, de tutor, de responsável pelas almas, enganado, roubado, ludibriado por uma criança; aquela mesma indignação egoísta dos pais a quem uma filha comunica que, sem consultá-los, e contra a vontade deles escolheu um marido.

Depois do jantar tentou ler um pouco, mas não conseguiu; sentia-se cada vez mais irritado. Ao soar das dez horas, apanhou a bengala, um formidável bastão de carvalho, que sempre o acompanhava nas suas saídas noturnas, quando ia ver algum doente. E olhou com um sorriso o maciço cacete que ameaçadoramente fazia girar no seu sólido punho de camponês. Depois ergueu-o no ar, de chofre, e rilhando os dentes, deixou-o cair sobre uma cadeira cujo espaldar foi parar no chão, rachado ao meio.

Abriu a porta para sair; porém, deteve-se à soleira, perplexo ante o esplendor de um luar como muito raramente se via.

E como era dotado de um espírito ardente, de um daqueles espíritos que deviam ter animado os Padres da Igreja, esses poetas sonhadores, subitamente se sentiu empolgado, emocionado pela grandiosa e serena beleza da noite clara.

No seu jardimzinho, inteiramente banhado por uma suave luminosidade, as árvores frutíferas, enfileiradas, desenhavam no chão, em silhueta, os galhos frágeis ainda mal revestidos de verdura; ao passo que a madressilva gigante, enroscada na parede da casa, exalava fragrâncias deliciosas e como que adocicadas, fazendo flutuar na noite tépida e transparente uma espécie de alma perfumada.

O cura Marignan pôs-se a respirar profundamente, sorvendo o ar como os bêbedos bebem vinho, e caminhando a passos lentos, encantado, maravilhado, quase esquecido da sua sobrinha. Assim que chegou ao campo, deteve-se para contemplar a planície iluminada por aquela claridade acariciante, envolta pelo encanto terno e lânguido das noites serenas.

Os sapos soltavam, continuamente, suas notas curtas e metálicas e, na distância, rouxinóis entremisturavam seus cantos trinados, que fazem sonhar sem obrigar a pensar, música leve e vibrante feita para o beijo, sob a fascinação do luar.

O pároco começou a caminhar, sentindo o coração desfalecer, sem que soubesse por quê. Sentia-se como que enfraquecido, subitamente esgotado; tinha vontade de sentar-se, de aí permanecer, de contemplar, de admirar Deus através da sua obra.

Ao longe, acompanhando as ondulações do riacho, serpenteava uma longa fileira de choupos. Uma névoa fina, vapor branco que os raios da lua traspassavam, prateavam, e faziam cintilar, pairava sobre as ribanceiras, cingia-as, e envolvia o curso tortuoso da água numa espécie de algodão leve e transparente.

Mais uma vez o sacerdote estacou, invadido até o fundo da alma por um crescente e irresistível enternecimento. E uma dúvida, uma vaga inquietação o assaltava; sentia modelar-se dentro dele uma daquelas perguntas que dirigia a si próprio, às vezes.

Por que Deus fizera aquilo?

Já que a noite era destinada ao sono, à inconsciência, ao repouso, ao esquecimento de tudo, por que torná-la mais bela do que o dia, mais suave do que as auroras e as tardes, e por que aquele astro lânguido e sedutor, mais poético do que o sol, e tão discreto, que parecia fadado a iluminar coisas

delicadas e misteriosas demais para a luz do sol, por que viera a tornar tão transparentes as trevas da noite?

Por que o mais harmonioso dos pássaros canoros não repousava como os outros e se punha a cantar na sombra perturbadora ?

Por que aquele véu transparente atirado sobre o mundo? Por que aqueles frêmitos no coração, aquela emoção na alma, aquele langor na carne?

Por que aquela exibição de belezas que os homens não viam, pois dormiam em suas camas ? A quem seria destinado aquele sublime espetáculo, aquele transbordamento de poesia que o céu atirava sobre a terra ?

E o cura nada compreendia.

Eis que ao longe, à orla da campina, sob a abóbada do arvoredor imerso numa bruma luminosa, surgiram duas sombras, caminhando lado a lado.

O homem era mais alto e enlaçava os ombros da companheira e, de quando em quando, beijava-a na testa. Subitamente, animaram a paisagem imóvel que os envolvia como uma moldura divina para eles preparada. Ambos pareciam compor um único ser, o ser para o qual se destinava aquela noite calma e silenciosa; e caminhavam em direção ao sacerdote como uma resposta viva, a resposta que o Senhor atirava às suas interrogações.

Ele permanecia de pé, o coração palpitando, perturbado, e acreditava presenciar um episódio bíblico, tal como os amores de Ruth e Booz, a realização da vontade do Senhor num dos grandiosos cenários a que se referem os livros santos. Na sua cabeça começaram a ressoar os versetos do Cântico dos Cânticos, gritos ardentes, apelos carnaais, toda a candente poesia daquele poema inflamado de ternura.

E ele disse consigo mesmo:

– Talvez Deus tenha feito noites iguais a essa para velar com um pouco de idealismo os amores dos homens.

Retrocedeu diante do par enlaçado que continuava a avançar. Contudo, tratava-se da sua sobrinha; agora, porém, indagava a si próprio se não iria desobedecer a Deus. Pois Deus não consentiria no amor, já que o envolvia abertamente em tamanho esplendor?

E o cura Marignan afastou-se depressa, aturdido, quase envergonhado, como se tivesse penetrado num templo no qual não tivesse o direito de entrar.

HISTÓRIA DO ESPÍRITO QUE APARECEU EM DOURDANS – Charles Nodier

O senhor Vidi, coletor de impostos em Dourdans, escreveu a um de seus amigos a história de uma singular aparição que ocorreu em sua casa, no ano de 1700. Esta carta foi conservada pelo senhor Barré, auditor de contas, e publicada por Lenglet-Dufresnoy em sua Coleção de Dissertações sobre aparições. A carta é a seguinte:

O espírito começou a fazer ruído num cômodo que se encontra longe daquele que regularmente usamos para alojar os serviçais doentes. Nossa criada ouviu várias vezes suspiros semelhantes aos de alguém em sofrimento; todavia, não via ninguém, e nada de estranho sentia.

Quis o destino malfazejo, todavia, que a moça caísse enferma. Dela cuidamos durante seis meses e, quando estava convalescente, a enviamos à casa de sua família, para que respirasse o ar natal. Ali permaneceu por cerca de um mês. Durante esse tempo, não viu ou ouviu nada de extraordinário. De lá voltou com boa saúde, e fizemo-la dormir num cômodo próximo ao nosso. Ela queixou-se de que ouvia ruídos e, dois ou três dias depois, quando estava no lenheiro, aonde for a buscar os paus, sentiu que lhe arrebatavam a saia. Na tarde desse mesmo dia, minha mulher a enviou à novena. Quando saía da igreja, sentiu que o espírito a subjugava com uma força tal que não conseguia sequer avançar. Uma hora depois, voltou a casa e, ao dirigir-se ao nossos aposentos, foi repelida com uma força tal que minha mulher ouviu o barulho. E, uma vez dentro, pudemos ver que os prendedores de sua saia estavam rompidos. Ao ver este prodígio, minha mulher tremeu de medo e sofreu um pequeno desmaio.

No domingo seguinte, durante à noite, a jovem ouviu passos no quarto e, um pouco depois, o espírito deitou-se junto a ela, passando-lhe pela face uma mão muito fria, à guisa de carícia. Então, a jovem tirou do bolso o rosário e o colocou no pescoço. Alguns dias antes havíamos dito a ela que, se continuasse a ouvir

os ruídos, conjurasse o espírito em nome de Deus para que revelasse o que desejava. Ela fez mentalmente o que lhe havíamos recomendado, pois o terror excessivo deixara-a sem fala. Ouviu, então, o resmungo de sons inarticulados.

Entre as três ou quatro horas da manhã, o espírito provocou um estrondo tão grande que parecia que a casa desmoronava. O barulho acordou-nos a todos ao mesmo tempo. Chamei uma empregada para ver o que havia acontecido, pensando que a criada que havia produzido aquele estrépito mercê do medo que sentia. A empregada encontrou-a empapada de suor. A moça quis vestir-se, mas não encontrou as meias. E neste estado entrou em nosso quarto. Vi uma espécie de bruma ou fumaça densa que a seguia e que desaparecia logo depois. Nós a aconselhamos a vestir-se e a se confessar e comungar quando soasse a missa das cinco. Foi novamente buscar as meias, que encontrou num buraco da cama, na parte mais alta do dossel. Recolheu-as com a ajuda de um bastão. O espírito também havia arrastado os sapatos para a janela.

Quando se recuperou do espanto, foi confessar-se e comungar. Assim que voltou, perguntei o que havia visto. Ela me disse que, ao se aproximar do altar para tomar a comunhão, notara junto a si a sua mãe, que havia morrido há doze anos. Depois da comunhão, retirara-se a uma capela onde, mal havia entrado, a mãe se pôs de joelhos à sua frente e lhe tomou as mãos, dizendo-lhe:

– Minha filha, não tenhas medo; sou eu, tua mãe. Seu irmão morreu queimado acidentalmente quando eu me encontrava no forno de Ban de Oisonville, próximo a Estampe. Em seguida, fui procurar o senhor cura de Garancières, que vivia santamente, para que me impusesse uma penitência, pois pensava eu que era culpada por aquela desgraça. Ele me respondeu que eu não era culpada e me enviou a Chartres, ao presbítero penitenciário. Fui encontrá-lo, e como eu me obstinava em pedir-lhe uma penitência, ele me impôs uma, que consistia em levar um cinturão de pelo durante dois anos. Não pude cumprir tal penitência por causa da gravidez e outras enfermidades, e como morri grávida sem a ter cumprido a penitência, rogo-lhe que a cumpra por mim...

A filha assim o prometeu. A mãe a encarregou, ademais, de jejuar a pão e água durante quatro sextas-feiras e sábados, pagar ao armarinheiro Lânier vinte e seis quartos que lhe devia pela compra de um fio, e que fosse ao porão da casa onde havia morrido.

– Lá encontrarás – disse – a soma de sete libras que escondi debaixo do terceiro degrau. Faça também uma viagem a Chartres, para ver Nossa Senhora, a quem rezarás por mim. Voltarei a falar contigo mais uma vez.

Continuando, deu conselhos à filha: disse-lhe sobretudo que rezasse à Santa

Virgem, que Deus não lhe negaria nada e que as penitências destes mundo eram fáceis de cumprir, mas a do outro mundo eram muito duras. No dia seguinte, a criada mandou rezar uma missa, durante a qual o espírito agitava-lhe o rosário. Nesse mesmo dia, passou-lhe também a mão pelo braço, como se para agradá-la. Durante dois dias seguidos, a moça a viu ao seu lado.

Pensei que seria necessário que ela realizasse o mais rápido possível o que a mãe a havia encarregado de cumprir. Por isso, na primeira oportunidade, mandei-a a Gomberville, onde encomendou uma missa, pagou os vinte e seis quartos, que sua mãe efetivamente devia, e encontrou as sete libras sob o terceiro degrau do sótão. De lá seguiu a Chartres, onde encomendou três missas, confessou-se e comungou na capela. Quando saiu, sua mãe apareceu-lhe pela última vez, dizendo-lhe:

– Minha filha, como estás disposta a fazer tudo o que te pedi, eu me libero deste peso, que tu levarás em meu lugar. Adeus, sigo à glória eterna.

A LEI DA VIDA – Jack London

O velho Koskoosh escutava com ansiedade. Embora a vista lhe tivesse há muito enfraquecido, o seu ouvido era muito sensível e o mínimo som penetrava na inteligência viva que ainda habitava aquela testa enrugada, mas que já não olhava as coisas do mundo. Ah! Aquilo era a Sitcum-to-ha a praguejar contra os cães enquanto lhes batia para lhes pôr os arreios. Sitcum-to-ha, era a filha da sua filha, mas andava demasiado ocupada para perder tempo com o avô doente, ali sozinho, sentado na neve, desamparado e abandonado. O acampamento já devia estar desfeito. O longo trilho esperava, enquanto o curto dia se recusava a deter-se. A vida chamava-a, as obrigações da vida, não as da morte. E ele estava já muito perto da morte.

Esta ideia fez com que o velho ficasse em pânico, e estendeu a mão entrevada, que vagueou trémula sobre o monte de lenha seca a seu lado. Depois de se assegurar de que a lenha lá estava realmente, a mão voltou a refugiar-se nas suas peles miseráveis, e ele pôs-se de novo à escuta. O monótono estalar das peles meio geladas dizia-lhe que a cabana de pele de alce do chefe já tinha sido desarmada e nesse preciso momento estava a ser reduzida a um volume de tamanho transportável. O chefe era o seu filho, forte e resoluta, chefe da tribo e grande caçador. Enquanto as mulheres se afadigavam com as bagagens do acampamento, a voz dele elevou-se a ralhar-lhes pela sua lentidão. O velho Koskoosh apurou o ouvido. Lá foi a tenda do Geehow! E a do Tusken! Sete, oito, nove; só a do feiticeiro estava ainda de pé. Lá vai ela! Estavam agora a tratar dela. Estava a ouvir o feiticeiro a resmungar enquanto a empilhava no trenó. Uma criança choramingava e uma mulher acalmava-a com um cantado sussurro gutural. É o pequeno Kootee, pensou o velho, uma criança rabugenta e não muito robusta. Ia morrer em breve, talvez, e eles iam cavar um buraco na tundra gelada e empilhar umas pedras por cima para afastar os lobos. Bem, e que importava isso? Alguns anos apenas na melhor das hipóteses, para fortes e fracos. E no fim a Morte esperava, a eterna faminta, a mais faminta de todos.

O que foi aquilo? Oh, eram os homens com os chicotes nos trenós, e a apertarem as correias. Escutou, e fê-lo pela última vez. Os chicotes estalavam sobre os cães. Ouçam como eles ganem! Como eles odeiam o trabalho e o trilho! Partiram! Trenó atrás de trenó, foram todos deslizando no meio daquela

agitação, sumindo-se depois no silêncio. Foram-se. Desapareceram da sua vida, e ele enfrentava sozinho o amargor da última hora. Não. A neve rangeu sob uma bota; estava ali um homem a seu lado; uma mão pousou-lhe delicadamente sobre a cabeça. Era bom o filho ter-lhe feito aquilo. Lembrava-se de outros velhos cujos filhos não tinham esperado. Mas o seu filho tinha. E vagueou pelo passado até que a voz do filho o fez regressar.

— Está tudo bem consigo? — perguntou.

E o velho respondeu:

— Tudo bem, sim.

— Está aí lenha ao pé de si — continuou o jovem — e a fogueira está a arder bem. A manhã está cinzenta, e o frio abrandou. Vai nevar daqui a pouco. Já está mesmo a nevar.

— Sim, já está a nevar.

— Os homens estão com pressa. Os fardos estão pesados e eles de barriga vazia por falta de refeição. O caminho é longo e eles andam depressa. Agora vou-me embora. Está bem?

— Está bem. Sou como uma folha velha, presa ao caule por um fio. Ao primeiro sopro, caio. A minha voz ficou como a de uma velha. Os olhos já não me mostram o caminho, e os meus pés estão pesados, e eu estou cansado. Está bem.

Satisfeito, baixou a cabeça até o último gemido da neve se extinguir, sabendo agora que o filho já não tinha regresso. Então a mão estendeu-se apressada para a lenha. Só aquela lenha o separava da eternidade que lhe escancarava as portas. Finalmente a sua vida era do tamanho de uma braçada de lenha. As cavacas, uma a uma, iriam alimentar o fogo, e, exactamente no mesmo ritmo, passo a passo, viria a morte a rastejar ter com ele. Depois da última cavaca ter fornecido o seu calor, o gelo começaria a ganhar forças. Primeiro seriam os pés, depois as mãos; depois, o torpor avançaria lentamente das extremidades para o resto do corpo. A cabeça cairia sobre os joelhos e ele ficaria em paz. Era fácil. Todos os homens têm de morrer.

Não se queixava. Era a vida, e estava certo. Ele nascera junto da terra, e junto da terra vivera, e a lei da terra não era novidade para ele. Era a lei de toda a carne. A Natureza não era amável para com a carne. Para ela aquela coisa concreta chamada indivíduo não era importante. O que lhe importava era a espécie, a raça. Este foi o conceito abstracto mais profundo a que o espírito bárbaro de Koskoosh conseguiu chegar, e agarrou-o com força. Viu-o exemplificado em toda a vida. A subida da seiva, o verde rebentar do botão de salgueiro, a queda

da folha amarela — nisto apenas, estava escrita toda a história. Mas de uma missão incumbiu a Natureza o indivíduo. Se não a cumprisse, morria. Mas se a cumprisse, morria também. Isso, para a Natureza, não era importante; eram muitos os que lhe obedeciam, mas, neste caso, era apenas a obediência, e não o obediente, que vivia, e vivia sempre. A tribo de Koskoosh era muito antiga. Os velhos que ele conhecera quando ainda rapaz, já tinham conhecido outros velhos antes deles. Portanto era verdade que a tribo vivia, que ela representava a obediência ao longo dos séculos dos séculos de todos os seus membros, de cujas sepulturas já nem havia memória. Estes não contavam, eram apenas episódios. Tinham desaparecido como as nuvens de um céu de verão. E ele era também um simples episódio e ia também desaparecer. A Natureza não se importava com isso. Estabelecia uma missão para a vida, e uma lei. Perpetuar era a missão da vida, e a lei, a morte. Uma virgem era uma criatura boa de se ver, de seios cheios e rijos, com a primavera no andar e a luz nos olhos. Mas a sua missão estava ainda por cumprir. O brilho do olhar aumentava, o andar acelerava e começava a ser ora atrevida ora tímida com os rapazes, e transmitia-lhes a sua própria inquietação. E ficava cada vez mais bonita, cada vez mais bela de olhar, até que um qualquer caçador, incapaz já de ser conter, a leva para a sua tenda para cozinhar e trabalhar para ele e para se tornar a mãe dos seus filhos. E com a vinda dos filhos, vai-se a beleza. Braços e pernas ficam lentos e arrastados, os olhos esmorecem, e só os filhos encontram alegria na cara enrugada daquela squaw junto da fogueira. A sua missão estava cumprida. E dentro em pouco, no primeiro aperto de uma fome, ou na primeira grande migração, ela será abandonada, mesmo como ele fora, na neve, com um montinho de lenha junto dela. Esta era a lei.

Pôs uma cavaca na fogueira e retomou a sua meditação. Era o mesmo em toda a parte e com todas as coisas. Os mosquitos desapareciam com os primeiros gelos. Os pequenos esquilos fugiam a rastejar para morrer. O coelho, quando a velhice chegava, tornava-se vagaroso e já não conseguia bater os inimigos em corrida. Até a grande águia se tornava desajeitada, cega e quezilenta, para depois acabar por ser apanhada e arrastada por meia dúzia de cães a latir. Ele lembrava-se bem de como também tinha abandonado o pai num campo junto do Klondyke, um inverno, o inverno antes da vinda do missionário com os seus livros e a sua caixa de remédios. Muitas vezes tinha ele, Koskoosh, lambido os beijos só de se lembrar daquela caixa, embora agora a boca já se lhe recusasse a salivar. O “tira-dores” em especial era muito bom. Mas aquele missionário, acabou por ser um problema, porque não trazia carne e comia com todo o apetite, e os caçadores começaram a resmungar. Mas acabou por morrer nas montanhas do Mayo e

depois os cães farejaram-no, afastaram as pedras e engalfinharam-se em luta pelos ossos.

Koskoosh pôs outra cavaca na fogueira e voltou a repisar no passado. Foi no tempo da Grande Fome, quando os homens se acocoravam de barriga vazia à volta da fogueira, quando narravam tradições já esbatidas dos velhos tempos em que as águas do Yukon corriam livremente durante três invernos e depois ficavam geladas durante três verões. Ele perdera a mãe nessa fome. No verão o salmão não aparecera e a tribo ansiava pelo inverno e pela chegada do caribu. Depois veio o inverno, mas sem caribu. Ninguém se lembrava de uma coisa assim, nem mesmo os velhos. E o caribu não veio, e já era o sétimo inverno assim, e os coelhos não se tinham reproduzido e os cães eram apenas montes de ossos. E na escuridão das longas noites as crianças gemiam e morriam, e as mulheres e os velhos; e na tribo, nem um em cada dez viveu para ver chegar o sol, quando ele voltou na primavera. Aquilo é que foi uma fome!

Mas também vivera tempos de abundância, quando a carne se chegava a estragar, e os cães andavam gordos e malandros de tanto comer—tempos em que eles até deixavam caça por matar e as mulheres eram férteis e nas tendas era uma algazarra de filhos e filhas por ali estendidos. Depois eram os homens bem comidos que reviviam velhas querelas e atravessavam as montanhas para sul, para matar os Pellys, e para oeste para se sentarem junto das fogueiras extintas dos Tananas. Lembrava-se, quando ainda rapaz, durante um período de abundância, de ver um alce americano arrastado pelos lobos. Zing-ha estava com ele, e estavam os dois deitados na neve a observar — Zing-ha, que mais tarde se veio a tornar no mais astuto dos caçadores, e que acabou por cair num poço de ar no Yukon. Encontraram-no, um mês depois, na posição em que tinha ficado, meio de fora e completamente gelado.

Mas, voltando ao alce. Ele e Zing-ha tinham ido brincar aos caçadores, imitando o que os pais faziam. No leito do ribeiro viram o rasto de alce e junto dele também as pegadas de muitos lobos. «É velho,» disse Zing-ha, que era mais rápido a ler os sinais. «É um alce velho que não conseguiu acompanhar a manada. Os lobos cortaram-lhe o contacto com os irmãos e nunca mais o deixaram.» E foi mesmo assim. Era assim que eles faziam. Noite e dia, sem parar, a latir na sua peugada, a tentar abocanhá-lo no focinho, continuaram sempre atrás dele até ao fim. Como o sangue os espicaçou, a ele e a Zing-ha! O final foi uma coisa digna de se ver!

Movidos pela avidez, seguiram o rasto, e até ele, Koskoosh, observador lento e não versado em rastos, seria capaz de o seguir de olhos fechados, tão largo ele

era. E que quentes eles iam na pegada da caçada, a ler a cada passo a triste tragédia acabada de escrever. E agora chegavam a um ponto onde o alce tinha feito uma pausa. A neve tinha sido remexida numa extensão de três vezes o comprimento de um homem. No meio estavam as marcas fundas dos cascos chatos da presa e à volta, por toda a parte, viam-se as marcas mais leves das patas dos lobos. Alguns, enquanto os seus irmãos se atiravam para a matança, deitaram-se de lado a descansar. As marcas dos corpos eram tão perfeitas como se tivessem sido deixadas um instante antes. Um dos lobos tinha sido apanhado por uma investida desordenada da vítima enlouquecida e morrera esmagado. Alguns ossos, bem descarnados, testemunhavam-no.

Mais adiante, outra pausa na corrida. E aqui o grande animal lutou desesperadamente. Fora arrastado para o chão por duas vezes, como mostrava a neve, e por duas vezes tinha ele escapado dos assaltantes e recuperado a posição normal. Ele já tinha cumprido há muito a sua missão, mas continuava, mesmo assim, agarrado à vida. Zing-ha disse que era uma coisa estranha, um alce derrubado libertar-se outra vez; mas este tinha-o conseguido. O feiticeiro, quando eles lhe contaram, viu nisto presságios e milagres.

E, contudo, eles chegaram a um sítio onde o alce conseguira trepar a margem e alcançar a floresta. Mas os seus inimigos atacaram-no por trás até que ele recuou e caiu sobre eles, esmagando dois contra a neve. Era evidente que a matança estava próxima, pois os seus irmãos tinham-nos deixado ficar. Passaram por mais duas paragens, curtas no tempo, mas muito próximas. O trilho agora estava vermelho e a passada do grande animal ficara mais curta e desordenada. Ouviram então os primeiros ruídos da batalha — não o coro da caçada, mas o ladrar curto e animado que anunciava proximidade e dentes na carne. Zing-ha deu a volta a rastejar pela neve, e com ele o próprio Koskoosh, que viria a ser o chefe da tribo uns anos mais tarde. Juntos, afastaram os ramos de um abeto jovem e espreitaram. E foi o final que eles viram.

Aquela imagem, como todas as impressões da juventude, ainda estava muito nítida, e os seus olhos esmorecidos observavam ainda aquele final representado tão claramente como nesses tempos já tão longínquos. Koskoosh ficou maravilhado com aquilo, porque tempos depois, quando ele era condutor de homens e chefe de conselheiros, cometeu muitas proezas e tornou-se um nome amaldiçoado entre os Pellys, para não falar daquele homem branco desconhecido que ele tinha matado em luta aberta, punhal contra punhal.

Pensou durante muito tempo nos seus tempos de juventude até que a fogueira começou a esmorecer e o gelo a apertar. Atiçou-a com duas cavacas desta vez e

avaliou o seu tempo de vida pelas que restavam. Se ao menos Sit-cum-to-ha se tivesse lembrado do avô e lhe tivesse deixado uma braçada maior, as suas horas teriam sido mais longas. Teria sido fácil. Mas ela foi sempre muito descuidada e deixara de honrar os seus antepassados desde a primeira vez que o Beaver, filho do filho de Zing-ha, lhe pôs os olhos em cima. Bem, e que importava isso? Não tinha ele feito a mesma coisa no seu tempo de juventude? Por momentos ficou a escutar o silêncio. Talvez o seu filho se apiedasse e voltasse com os cães para levar o velho pai com a tribo para onde havia muitos caribus e a gordura escorria grossa sobre eles.

Apurou o ouvido, parado o inquieto cérebro por momentos. Não havia a mínima agitação, nada. Só ele respirava no meio daquele enorme silêncio. Era uma grande solidão. Ouve! O que foi aquilo? Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Um prolongado uivo muito familiar encheu o silêncio, e foi ali muito perto. Então, nos seus olhos escurecidos projectou-se a imagem do alce — o velho alce-boi — flancos rasgados e lombos ensanguentados, a juba grossa, os grandes cornos ramificados, prostrado, a debater-se até ao fim. Viu aquelas formas cinzentas cintilantes, olhos a brilhar, línguas pendentes, presas babadas. E viu o inexorável círculo fechar-se até se tornar um ponto negro no meio da neve revolta.

Um focinho frio tocou-lhe na cara, e ao seu toque o espírito saltou-lhe de volta para o presente. A mão disparou em direcção à fogueira e puxou um tição a arder. Dominado desta vez pelo hereditário medo do homem, o animal recuou, soltando um prolongado uivo a chamar os irmãos; e eles, cobiçosos, responderam, e por fim um círculo de lobos de mandíbulas babadas agachou-se à sua volta. O velho ouviu o círculo a fechar-se. Brandiu desordenadamente o tição, e o farejar deu lugar ao rosnar; mas os animais ofegantes recusavam debandar. E então um deles aproximou-se a rastejar, seguido de outro e depois de um terceiro; e não mais recuaram. Por que é que ele se havia de agarrar à vida? perguntou, e deixou cair o tição na neve. Este crepitou e apagou-se. O círculo rosnou inquieto, mas manteve-se firme. E Koskoosh viu de novo o velho alce-boi na sua última paragem; deixou pender a cabeça gasta sobre os joelhos. Que importava? Não era aquilo, afinal, a lei da vida?

A MÁSCARA DA MORTE – E.T.A. Hoffmann

I

No dia de São Miguel, quando as ave-marias batiam no convento do Carmo, uma elegante berlinda de viagem puxada por quatro cavalos de posta rolava com estrondo pelas ruas da pequena cidade de Lilinitz, nas fronteiras da Polônia, indo parar diante do portão da casa que o velho Burgomestre alemão habitava.

Os filhos do Burgomestre, cheios de curiosidade, correram para a janela; mas a dona da casa levantou-se e atirou zangada para cima da mesa com os apetrechos de costura.

— Maldita idéia a tua de mandares dourar a pomba de pedra, que encima a porta! — disse ela ao marido, que saía precipitadamente dum quarto próximo. — Aí tens mais viajantes, que tomam a nossa casa por uma hospedaria!

O velho sorriu com malícia, sem responder uma única palavra. Despiu num instante o roupão e vestiu o seu fato de cerimônia, o qual, escovado com cuidado quando o envergara para ir à igreja, estava estendido nas costas duma cadeira. Antes que a mulher estupefata tivesse aberto a boca para o interrogar, correria para a portinhola da berlinda que um criado abria. O Burgomestre tinha debaixo do braço o seu boné de veludo, e na obscuridade do crepúsculo brilhava-lhe a cabeça com reflexos de prata.

Uma senhora idosa, envolvida num manto cinzento de viagem, desceu da carruagem, seguida por outra mais nova com o rosto velado; esta encostou-se ao braço do Burgomestre e encaminhou-se para a habitação, mais arrastando-se do que andando. Logo que entrou no aposento foi cair, meio desmaiada, numa poltrona, que, a um sinal do marido, a dona da casa se apressara em oferecer-lhe.

— Pobre criança! — disse a senhora idosa ao Burgomestre, em voz baixa e melancólica. É preciso que fique alguns instantes ao pé dela.

E, ajudada pela filha mais velha do Burgomestre, tirou o manto de viagem. O seu vestido de freira e a brilhante cruz, que trazia ao peito, denunciavam-na como abadessa dum convento da ordem de Cister.

Entretanto a dama velada não dera sinais de vida a não ser um gemido fraco, pouco perceptível. Pediu por fim um copo d'água à dona da casa. Esta foi buscar toda a qualidade de elixires e de licores fortificantes, cujas propriedades maravilhosas elogiou, e pediu licença à dama para lhe tirar o véu espesso, que devia dificultar-lhe a respiração. Mas foram inúteis as instâncias da mulher do Burgomestre; a dama repeliu-lhe a mão voltando a cabeça com sinais de terror. A doente bebeu dois os três goles d'água, na qual a serviçal dona da casa deitara algumas gotas dum poderoso cordial; consentiu também em respirar um frasco de saís, mas sem levantar o véu.

— Preparou tudo como lhe foi indicado? — perguntou a abadessa ao Burgomestre.

— Sim, minha senhora, respondeu o ancião; espero que o nosso sereníssimo príncipe fique contente comigo, bem como esta senhora, para quem tudo preparei o melhor que pude.

— Bem. Deixem-me por alguns instantes a sós com a pobre criança, tornou a abadessa.

A família saiu do aposento. Ouviram a abadessa falar à dama com fervor e unção e esta pronunciar algumas palavras num tom que comovia profundamente o coração.

Sem querer escutar, a dona da casa ficara junto à porta do quarto. Falavam italiano, o que contribuía para tornar a aventura mais misteriosa e aumentava a angústia da mulher do Burgomestre.

Este disse à filha e à mulher que preparassem vinho e refrescos e tornou logo a entrar no aposento.

A dama velada estava em frente da abadessa, com a cabeça inclinada, as mãos postas, parecendo mais sossegada. A abadessa aceitou alguns refrescos, que a dona da casa lhe ofereceu. Depois disse comovida:

— Vamos, já é tempo!

A dama velada caiu de joelhos. A abadessa estendeu-lhe as mãos sobre a cabeça e murmurou uma oração.

Depois abraçou-a, apertando-a contra o coração com urna veemência que bem provava o excesso da sua dor, e o rosto se encheu de lágrimas. Com uma

imponente dignidade abençoou a família e, ajudada pelo velho, subiu precipitadamente para a berlinda, cujo tiro havia sido renovado.

O postilhão excitou os cavalos, que rinchavam ruidosamente, e a carruagem afastou-se com rapidez.

Quando a dona da casa compreendeu que a dama velada, para quem haviam tirado da berlinda duas pesadas malas, ia ficar talvez por mui tempo ali hospedada, não pôde evitar um penoso sentimento de inquietação e de curiosidade. Foi ter com o marido ao vestíbulo, detendo-o na ocasião em que ia voltar para o aposento.

— Em nome do Cristo, murmurou ela com voz perturbada; quem meteste em casa? Porquê, estando tu prevenido de tudo, nada me disseste?

— Dir-te-ei tudo o que sei, respondeu tranqüilamente o ancião.

— Ah! Ah! — prosseguiu a mulher redobrando de agitação; mas talvez que tu não saibas tudo, pois não estavas há pouco no aposento.

Logo que a senhora abadessa saiu, a dama, naturalmente incomodada pelo espesso véu, tirou-o e vi...

— Então o que viste? — interrompeu o velho.

A mulher tremia e passeava em torno de si uns olhares espantados, como se houvesse visto um espectro.

— Nada, continuou ela. Não pude distinguir completamente as feições, porque o rosto ficou coberto por outro véu mais fino, mas pareceram-me as de um cadáver, de uma horrorosa cor de cadáver. E também deves notar que é evidente, o mais evidente possível, claro como o dia, que a dama está grávida. O parto não deve demorar-se muitas semanas.

— Já o sabia, mulher, disse o Burgomestre com modos desagradáveis. E com medo de que caias doente de inquietação e curiosidade, vou esclarecer-te este mistério em duas palavras. O príncipe Zapolski, nosso poderoso protetor, escreveu-me há algumas semanas, dizendo-me que a abadessa do convento cisterciense de Oppeln me traria uma dama, pediu que eu a recebesse em minha casa, sem ruído, e evitando com cuidado olhares indiscretos. A dama, apresentada com o nome de Celestina, terá em minha casa o parto e depois ir-se-á embora com a criança. O príncipe recomendou-me com instância que tivesse para com ela as maiores atenções. Para me indenizar de despesas e trabalhos, mandou-me uma grande bolsa cheia de ducados, que podes ver, se quiseses remexer na minha cômoda. Acabaram-se os escrúpulos?

— Somos então obrigados, disse a mulher, a auxiliar os pecados que os grandes cometem?

Antes que o ancião tivesse tempo de responder, a filha saiu do aposento e disse que a dama, tendo necessidade de descanso, desejava ser conduzida ao quarto que lhe era destinado.

II

O Burgomestre fizera arranjar o melhor possível dois pequenos quartos no andar superior e ficou seriamente embaraçado quando Celestina lhe perguntou se, além daquelas duas divisões, não tinha nenhuma outra, cuja janela desse para as traseiras da casa.

Respondeu negativamente, ajuntando, por descargo de consciência, que havia outro quarto muito pequeno, com uma só janela para o jardim, mas que a bem dizer não era um quarto e sim uma péssima mansarda, uma miserável cela, em que só cabia uma cama, uma mesa e uma cadeira.

Celestina pediu logo para ver o tal quarto e, assim que entrou, declarou que era exatamente o que desejava, e que mudaria para outro mais espaçoso, se tivesse necessidade duma enfermeira.

O Burgomestre comparara o pequeno quarto a uma cela; desde o dia seguinte esta comparação tornou-se bem exata. Celestina pregou na parede uma imagem da Virgem Maria e colocou em cima da mesa um crucifixo. O leito era um saco de palha com um cobertor de lá. Exceto um escabelo de pau e outra mesa mais pequena, Celestina recusou quaisquer outros móveis.

A dona da casa, reconciliada com a desconhecida pela compaixão que lhe causava a profunda e dilacerante dor demonstrada pelo seu aspecto, julgou do seu dever ir fazer-lhe uma visita, ela porém, rogou-lhe com as mais enternecedoras instâncias que não lhe perturbasse a solidão onde encontrava as consolações que a Virgem e os santos lhe dispensavam.

Todas as manhãs, logo ao despontar do dia, Celestina ia ouvir a missa das almas ao convento do Carmo.

Parecia consagrar o resto do dia a exercícios de devoção, pois que, sempre que havia necessidade de entrar no quarto, a encontravam orando ou lendo livros religiosos.

Só comia legumes e só bebia água. O Burgomestre representou-lhe que o seu estado e a conservação da sua saúde exigiam melhor alimentação, mas só à força de muitas súplicas conseguiu que ela aceitasse um pouco de caldo e de vinho.

As pessoas de casa consideravam este modo de vida austero, clausttral, como expiação duma falta grave; todavia sentiam pela desconhecida uma comiseração e veneração profundas, aumentadas pela nobreza das suas maneiras e pela cativante graça dos seus movimentos. Mas a persistência em nunca levantar o véu, misturava a estes sentimentos uma espécie de terror. A não ser o Burgomestre e a família, ninguém dela se aproximava, e os habitantes, que nunca haviam saído da pequena cidade, não podiam reconhecer as feições dum rosto que nunca tinham visto e não conseguiam assim desvendar o mistério. Para que servia então o tal véu?

A ativa imaginação feminina inventou logo uma história medonha.

Um terrível sinal, diziam as mulheres, a marca das garras do diabo, arrogara horrorosamente o rosto da desconhecida; daí o uso do véu.

O Burgomestre teve mui trabalho em reprimir as murmurações, e em impedir que, pelo menos defronte da casa, não se juntassem fazendo errôneas conjecturas a respeito da desconhecida, cujos passeios ao convento do Carmo também foram notados. Passaram a chamar-lhe "a dama negra do Burgomestre", qualificação que envolvia a idéia duma aparição sobrenatural.

O acaso quis que um dia, quando a filha do Burgomestre levava o jantar a Celestina, uma corrente de ar erguesse o véu. A desconhecida voltou-se com a rapidez do relâmpago, para se subtrair ao olhar da moça; esta empalideceu e pôs-se a tremer; não lhe distinguira as feições, mas como sua mãe, vira uma face cadavérica dum branco marmóreo, e, profundamente encovados, uns olhos de fulgor estranho.

O Burgomestre combateu com razões as idéias da moça, mas ele próprio não estava mui longe de as partilhar e desejava ver sair de sua casa essa desconhecida, que ali levava a inquietação, não obstante a devoção de que fazia tanto alarde.

Uma noite, o ancião acordou a mulher e disse-lhe que já há alguns minutos ouvia queixumes, e gemidos, acompanhados de ligeiras pancadas, que pareciam vir do quarto de Celestina. A dona da casa, pressentindo o que seria, correu ao quarto da desconhecida. Foi encontra-la vestida e envolvida no véu, deitada na cama quase sem sentidos e convenceu-se de que o parto estava próximo. Desde

há mui que os preparativos necessários se achavam feitos, e, pouco tempo depois, nasceu um menino encantador e bem constituído.

Este acontecimento teve por efeito o acabar com o constrangimento que tornava pouco agradáveis as relações da família com Celestina. A criança era como que o medianeiro da reconciliação da mãe com a humanidade. O estado de Celestina não lhe permitia as práticas ascéticas, e a necessidade que tinha dos cuidados assíduos dos seus semelhantes habituou-a gradualmente à sua presença. A dona da casa, que tratava da doente e que por suas próprias mãos lhe preparava os caldos nutritivos, esqueceu, entregando-se a estes trabalhos domésticos, a desconfiança que desde o começo lhe inspirara a enigmática desconhecida. O Burgomestre, todo contente, brincava e ria com o pequeno como se ele fosse seu neto e acostumou-se, assim como o resto da família, a ver Celestina sempre com o véu, que nem mesmo por ocasião das dores de parto quisera tirar. A parteira fora obrigada a jurar-lhe que, mesmo no caso dum desmaio, não lhe tiraria o véu, o que só faria, no caso de eminente perigo. Era certo que a mulher do Burgomestre vira Celestina sem o véu, mas aquela limitava-se a dizer:

— Pobre senhora! Bem precisa de esconder o rosto!

Dias depois voltou o monge do convento do Carmo que baptizou a criança. A sua conversação com Celestina, que ninguém se atreveu a ir perturbar, durou mais de duas horas. Ouviram-no falar acaloradamente e orar. Logo que ele saiu, foram encontrar Celestina sentada numa poltrona, com o filho deitado nos joelhos; a criança tinha os ombros cobertos com um escapulário e via-se ao peito um Agnus Dei.

Semanas e meses se passaram sem que viessem buscar Celestina e o filho, como o Burgomestre esperava e como lhe afirmara o príncipe Zapolski. A desconhecida entraria na intimidade da família se não fosse o fatal véu. O Burgomestre lembrou-se um dia de lhe pedir explicações, porém ela respondeu com voz surda e solene:

— Só trocarei este véu pela mortalha.

O Burgomestre calou-se e de novo desejou a volta da berlinda e da abadessa.

III

Tornara a primavera; a família do Burgomestre voltava dum passeio e trazia ramalhetes de flores, as mais belas das quais eram destinadas à devota Celestina.

Na ocasião em que iam a entrar em casa, parou um cavaleiro defronte da porta. Trazia o fardamento dos oficiais de caçadores da guarda imperial francesa; perguntou com instância pelo Burgomestre.

— Sou eu, disse o ancião, e está à minha porta.

O cavaleiro apeou-se rapidamente, prendeu o cavalo a um poste e correu para dentro de casa, gritando com voz estridente:

— Ela está aqui! Ela está aqui!

Subiu rapidamente a escada. Ouviu-se uma porta que se abria, e Celestina dar um grito de angústia. O Burgomestre acudiu cheio de medo.

O desconhecido arrancara a criança do berço, envolvera-a no manto, e agarrava-lhe com o braço esquerdo enquanto com o direito repelia Celestina, que empregava todos os esforços para tirar o filho ao raptor. Nesta luta, o oficial fez cair o véu e viram então um rosto pálido e inanimado, assombreado por madeixas de cabelos negros, uns olhos que dardejavam relâmpagos e uns lábios imóveis e entreabertos donde saíam clamores estridentes.

O Burgomestre compreendeu que Celestina tinha uma máscara branca estreitamente ligada ao rosto, cujos contornos desenhava.

— Horrível mulher! — gritou o oficial, queres que eu partilhe a tua loucura?

E repeliu Celestina com tanta força que esta caiu no chão. A pobre senhora abraçou-lhe os joelhos, esmagada por urna dor invencível.

— Deixa-me essa criança, disse ela num tom suplicante, que dilacerava o coração. Pela tua salvação eterna, não ma roubas! Em nome do Cristo e da Virgem Santa, dá-me essa criança!

E, apesar destas veementes lamentações, nenhum músculo mexia; os lábios daquele rosto de cadáver ficavam imóveis; os circunstantes sentiam que o sangue se lhes gelava nas veias, de horror.

— Não! — retorquiu o oficial, como que arrebatado pelo desespero, não, mulher desumana e inexorável! Podes arrancar-me o coração, mas, no teu delírio funesto, não deves perder este ente, que o céu destinou a minorar as dores duma ferida que sangra ainda!

O oficial apertou com mais força a criança contra o seio; esta pôs-se a chorar e a gritar.

— Vingança! — uivou Celestina com voz surda — que o castigo do céu caia sobre ti, assassino!

— Deixa-me, deixa-me, afasta-te, aparição saída do inferno — exclamou o oficial.

E, empurrando com o pé Celestina, com um movimento brusco, tentou alcançar a porta. O Burgomestre embargou-lhe a passagem, mas o oficial puxou rapidamente por uma pistola e apontou-a ao velho.

— Uma bala na cabeça daquele que tentar tirar o filho a seu pai!

Dizendo isto, desceu precipitadamente a escada, correu para o cavalo, sem largar a criança, e partiu a galope.

A dona da casa, com o coração comprimido, dominando o horror que lhe inspirava a terrível máscara de cadáver, entrou no quarto no intuito de consolar Celestina; foi encontrar a pobre mãe no meio da casa, imóvel e muda como uma estátua, com os braços pendentes. Não podendo suportar a vista da máscara, a mulher do Burgomestre pôs a Celestina o véu que caíra no chão. Esta não pronunciou uma palavra, não fez um movimento; estava reduzida ao estado de autômato. Ao vê-la assim, a mulher sentiu redobrar a sua inquietação e ansiedade e pediu a Deus que a livrasse da funesta desconhecida.

Fôra ouvida aquela prece, porque imediatamente a berlinda que trouxera Celestina parou defronte da porta. A abadessa entrou acompanhada pelo príncipe Zapolski.

Quando este soube o que acabava de passar-se, disse com mui sossego, suavemente:

— Chegamos mui tarde! Submetamo-nos à vontade de Deus!

Celestina foi levada e colocada na carruagem, sem movimento, sem fala, sem dar o mínimo sinal de vontade, de pensamento. A berlinda partiu.

O ancião e a família como que acordavam dum mau sonho, que os enchera de inquietações.

Pouco depois das cenas passadas em casa do Burgomestre, era enterrada com uma solenidade desacostumada, uma religiosa da ordem de Cister, em Oppeln. Correu o boato de que esta freira era a condessa Hermenegilda de Czernski, que todos julgavam estar em Itália com a irmã do pai, a princesa Zapolski.

Pela mesma época, o conde Nepomuceno Czernski, pai de Hermenegilda, veio a Varsóvia e reservando para si apenas uma pequena propriedade na Ucrânia, renunciou ao resto dos seus bens a favor dos dois filhos do príncipe Zapolski, seus sobrinhos. Perguntaram-lhe se dotava a filha; por única resposta ergueu ao céu os olhos úmidos de lágrimas, dizendo com voz surda:

— Já está dotada!

Não empregou meio algum para confirmar o boato da morte de Hermenegilda no convento de Oppeln, nem para destruir as suposições que faziam sobre a sorte da filha, que todos julgavam como vítima levada prematuramente ao túmulo pela dor.

Vários patriotas polacos, humilhados, mas não abatidos pela queda da pátria, procuraram fazer entrar de novo o conde numa associação secreta, que se destinava à libertação da Polónia; mas não encontraram já nele o homem ardente, amante entusiástico da liberdade e da pátria, cuja coragem heróica outrora os auxiliara nas suas nobres empresas. Tornara-se um velho sem energia, feito misantropo por uma dor profunda, estranho a todas as cousas mundanas.

IV

O outrora, na época em que o primeiro desmembramento da Polónia excitou uma sanguinolenta insurreição, o castelo do conde Nepomuceno de Czernski fora teatro das secretas reuniões dos patriotas.

Ali, em banquetes solenes exaltavam-se os conjurados, jurando combater pela oprimida pátria. Hermenegilda aparecia no meio destes heróis, como um anjo descido dos céus para os abençoar. Tinha a índole das mulheres da sua nação; tomava parte em tudo, até mesmo nas deliberações políticas; examinava com atenção o estado das cousas, e, apesar de não ter ainda dezessete anos, combatia por vezes o modo de ver geral; a sua opinião, ditada pelo bom senso e por uma extraordinária penetração, arrastava a maioria da assembléia.

Segundo Hermenegilda, ninguém era melhor conselheiro, ninguém examinava melhor as questões do que o conde Estanislau de Ramskay, mancebo de vinte anos, ardente e dotado de grandes qualidades. Acontecia, pois, que, por vezes, Hermenegilda e Estanislau dirigiam o curso das discussões difíceis. A sós, examinavam, aceitavam, rejeitavam e emendavam as propostas; e quase sempre o resultado destas conferências era adotada por velhos hábeis em tratar dos negócios do Estado, e cuja prudência e capacidade eram comprovadas pelos seus conselhos de outrora.

Natural era pensar numa união entre os dois jovens, cujos maravilhosos talentos podiam ser instrumento da salvação da pátria. Além disto a política parecia exigir uma aliança estreita entre as duas famílias, porque as julgavam animadas,

uma contra a outra, por interesses opostos, circunstância esta que já arrastara à ruína muitas famílias polacas.

A donzela, compenetrada destas idéias, aceitou como dádiva da pátria, o esposo que lhe destinavam. As patrióticas reuniões do castelo terminaram pelos solenes esponsais de Hermenegilda e Estanislau.

Sabe-se como sucumbiram os polacos e como a queda de Kosciusko^[1] produziu a ruína de uma empresa baseada na demasiada confiança que os combatentes tinham em si próprios, em falsas previsões e numa fidelidade cavalheiresca.

O conde Estanislau, cuja estreia na carreira militar, juventude e força lhe marcavam um lugar no exército, bateu-se com a coragem do leão; a custo escapou a um vergonhoso cativo e ficou gravemente ferido. Só Hermenegilda o prendia então à vida; julgava ir encontrar nos seus braços consolações e a esperança que perdera. Logo que as feridas começaram a cicatrizar, correu ao castelo do conde Nepomuceno, onde ia ser ferido de novo e mais profundamente.

Hermenegilda recebeu-o com altivez quase desdenhosa.

— Onde está o herói que queria morrer pela pátria? — perguntou ela, indo-lhe ao encontro.

No seu louco entusiasmo parecia considerar o noivo como um paladino dos tempos heróicos, cuja espada podia, por si só, aniquilar exércitos.

Em vão o conde implorou com o mais apaixonado amor, em vão protestou que nenhum poder humano podia lutar contra a torrente devastadora, que caíra mugindo sobre a malfadada Polônia; foi tudo inútil. Hermenegilda, cujo coração frio como a morte só podia aquecer no turbilhão das cousas mundanas, persistiu na resolução de só conceder a sua mão ao conde Estanislau, quando os estrangeiros fossem expulsos da pátria.

O conde viu já tarde que Hermenegilda o não amava; a condição que esta lhe impunha, se viesse a realizar-se, só se daria num tempo mui longínquo. Jurou à sua bem amada que lhe seria fiel até à morte, e deixou-a para ir alistar-se no exército francês, que combatia em Itália.

Diz-se que as mulheres polacas têm uma índole fantástica que lhes é própria. Sensibilidade profunda, inconstância, abandono, abnegação estóica, paixões ardentes, frieza glacial, tudo isto se contém à mistura na sua alma, e produz à superfície espantosas instabilidades. Os caprichos do seu gênio variável,

assemelham-se aos redemoinhos dum ribeiro revolvido nas suas profundezas, à superfície do qual sobem sem cessar novas ondas mugidoras.

Hermenegilda viu com indiferença o noivo afastar-se; mas, passados alguns dias, sentiu apoderar-se dela um desejo inexprimível, desejo que só o mais ardente amor podia gerar.

O vendaval da guerra passara. Proclamada uma anistia, foram postos em liberdade os oficiais polacos prisioneiros. Vários irmãos de armas de Estanislau chegaram ao castelo; conversaram com profunda dor do dia da derrota, e da intrepidez que todos, sobretudo Estanislau, haviam mostrado. No momento em que a batalha parecia perdida, o conde fez voltar ao combate os batalhões que recuavam, e conseguiu com a cavalaria romper as fileiras inimigas. Era duvidosa a sorte da batalha quando o atingiu uma bala. Caiu banhado em sangue, repetindo estas palavras:

— Pátria!... Hermenegilda!

Cada palavra daquela narrativa era uma punhalada que trespassava o coração da donzela.

— Não, não sabia que o amava ardentemente, disse ela. Que demônio me cegou e me induziu em erro? Que demônio me fez crer que podia viver sem aquele que é a minha vida? Enviei-o à morte! Não voltará!

E assim Hermenegilda desafogava as tempestuosas dores que lhe iam na alma. Sem sono, incapaz de tomar o mínimo descanso, errava pelo parque, de noite, e, como se o vento pudesse levar ao amado ausente as suas palavras, gritava:

— Estanislau! Estanislau, volta! Sou eu, é Hermenegilda que te chama! Não me ouves? Volta ou morrerei de inquietação, de amor e de desespero!

V

A agitação de Hermenegilda ameaçava degenerar em verdadeira loucura, que se manifestava por mil extravagâncias. O conde Nepomuceno, cheio de temor e de ansiedade pelo estado da filha querida, julgou que talvez lhe fossem salutares os socorros da medicina, e conseguiu encontrar um doutor que condescendeu em passar algum tempo no castelo e em tomar conta da doente. O seu método, mais moral do que físico, não produziu resultado algum.

A cura de Hermenegilda tornou-se mui duvidosa. Após longos intervalos de tranqüilidade, a jovem recaía de improviso nos mais estranhos paroxismos.

Uma aventura íntima deu à doença de Hermenegilda uma nova direção sintomática.

Tinha ela um boneco vestido de ulano, ao qual testemunhava viva ternura e prodigalizava os mais doces epítetos, como se ele fosse o seu bem amado. Atirou-o ao fogo do salão, despeitada, porque ele não tinha querido cantar uma canção polaca que principiava assim:

"Podrosz twoia nam nie mila"

"Milsza przyiazin w kraiu byla"⁽²⁾.

Quando atravessava o vestíbulo, para ir para os seus aposentos, ouviu um tinido e a bulha de passos. Olhou em torno de si e viu um oficial com o grande uniforme da guarda imperial francesa, que trazia um braço ao peito.

— Estanislau! Meu Estanislau! — exclamou ela, correndo para ele e caindo desmaiada nos seus braços.

O estupefato oficial a custo susteve Hermenegilda com o braço livre, pois que a jovem, alta e nutrida, estava longe de ser um fardo ligeiro; conduziu-a para uma sala lateral, apertando-a contra o peito numa pressão crescente. Ao sentir o coração da jovem bater tão perto do seu, o oficial confessou que era esta a aventura mais deliciosa que até ali lhe acontecera.

Os minutos passavam; o oficial sentiu invadi-lo o fogo dos desejos, cujas centelhas elétricas jorravam do corpo encantador que apertava nos braços.

O conde Nepomuceno, que saía dos seus aposentos, foi encontrar a filha ainda desmaiada nos braços do oficial; mas neste momento Hermenegilda voltou a si, beijou o oficial com calor, e exclamou de novo, no seu delírio:

— Estanislau! Meu bem amado! Meu esposo!

O oficial todo trêmulo, com o rosto vermelho, perdeu a firmeza, recuou um passo e desenvencilhou-se com brandura do convulsivo amplexo de Hermenegilda.

— É este o mais suave momento da minha vida, balbuciou ele com timidez, mas não quero gozar duma ventura proporcionada por um equívoco. Não sou Estanislau, com pesar meu, não sou Estanislau!

Ao ouvir estas palavras, Hermenegilda espantada deu um salto para trás, fixou no oficial um olhar penetrante, convenceu-se de que fora enganada por uma extraordinária semelhança e afastou-se lastimando-se.

O oficial deu-se a conhecer pelo conde Xavier de Ramskay, primo de Estanislau. O conde Nepomuceno mal podia acreditar que, em tão pouco tempo, a criança que conhecera se houvesse metamorfoseado num homem alto e robusto, a cujo rosto as fadigas da guerra tinham dado um tipo másculo.

O conde Xavier deixara a pátria ao mesmo tempo que o primo e amigo conde Estanislau e, como este fora servir no exército francês e fizera a campanha de Itália.

Tendo então apenas dezoito anos, distinguiu-se mostrando tanta coragem, que o general em chefe o nomeara ajudante de campo e que aos vinte anos alcançara o posto de coronel.

Como as feridas que recebera exigiam algum tempo de repouso, voltara à pátria, e, portador duma carta de Estanislau para a sua noiva, vinha ao castelo do conde Nepomuceno, onde Hermenegilda, numa alucinação febril, o tomou pelo primo.

O conde Nepomuceno e o médico tentaram, mas em vão, acalmar Hermenegilda, que resolveu não sair dos seus aposentos em quanto o recém-vindo estivesse no castelo.

VI

Xavier ficou aflito com a decisão de Hermenegilda. Escreveu-lhe dizendo que lhe fazia expiar bem rigorosamente uma desgraçada semelhança de que não era culpado. Acrescentou que a sua grande desventura atingia também a Estanislau, porquanto este lhe confiara uma carta de amor dizendo que comunicasse a Hermenegilda de viva voz o que não tinha tido tempo de escrever. Pela resolução da jovem, via-se impossibilitado de cumprir aquela missão.

A criada de quarto de Hermenegilda, que Xavier comprara, encarregou-se de lhe apresentar o bilhete aproveitando-se duma ocasião favorável e as poucas linhas de Xavier fizeram o que o pai e o médico não tinham podido fazer. Hermenegilda consentiu em recebe-lo. Esperou-o no seu quarto, silenciosa, de olhos baixos. Xavier entrou a passos um tanto hesitantes e veio sentar-se defronte da jovem, mas, inclinando-se na cadeira, mais parecia ajoelhado do que sentado.

Nesta postura, pediu-lhe perdão nos mais tocantes termos, como se se acusasse dum crime irremissível que, no fim de contas, provinha dum equívoco. Depois, entregou-lhe a carta e começou falando de Estanislau, dizendo-lhe com que fidelidade cavalheiresca pensava sempre na sua dama quando combatia, com que ardor amava a liberdade e a pátria. O fogo e a vivacidade da narração de Xavier arrebataram Hermenegilda, que, pela primeira vez desde o começo da entrevista, fixou no mancebo os seus encantadores olhares; e este, como Calaf, embriagado de amor pelo olhar de Turandot^[3], a custo continuou a narrativa. Sem mesmo dar por isso, e preocupado pela luta que sustentava contra uma paixão cujo ardor ameaçava aumentar, perdeu-se numa confusa descrição de batalhas. Falou de cargas de cavalaria, de batalhões esmagados, de baterias tomadas. Hermenegilda interrompeu-o com impaciência:

— Malditas sejam essas cenas sanguinolentas preparadas pelo inferno! Diga-me só que ele me ama!

Xavier, muito impressionado, pegou a mão da jovem e apoiou-a contra o coração.

— Escuta-o, a ele próprio, ao teu Estanislau! — exclamou, deixando sair dos lábios uma torrente de protestos de ardente amor, como que inspirados na mais devoradora paixão.

Caíra aos pés de Hermenegilda, enlaçara-a nos braços e procurava atraí-la a si, quando a jovem o repeliu, fixando-o com um olhar estranho.

— Vaidoso boneco! — disse com voz surda. Ainda que te desse vida com o calor do meu seio, nunca serias, não és o meu Estanislau!

E saiu do quarto lentamente, sem ruído;

Xavier viu já tarde a sua leviandade; sentiu que amava perdidamente Hermenegilda, a noiva dum parente e amigo, e que corria o risco de atraiçoar a amizade que o unia a Estanislau. Adotou a heróica resolução de partir sem tornar a ver a donzela e mandou arranjar as malas e preparar a carruagem.

O conde Nepomuceno ficou admirado, quando Xavier se foi despedir dele. Empregou todos os meios para o fazer desistir daquele propósito, mas Xavier, a pretexto de negócios urgentes, recusou-se com uma firmeza que mais provinha do nervosismo do que da força de vontade.

Quando o criado de Xavier estava na antecâmara com a capa do amo e este, de espada à cinta, pegava no boné para se dirigir para a carruagem cujos cavalos relinchavam de impaciência, abriu-se a porta do salão e Hermenegilda entrou

com o pai, aproximou-se do conde Xavier e disse-lhe com um sorriso de inexprimível graça:

— Vai-se embora, meu caro Xavier? E eu que contava ouvi-lo falar mais vezes do meu amado Estanislau! Não sabe que as suas narrativas me consolam maravilhosamente?

Xavier corou e baixou os olhos. Sentaram-se. O conde Nepomuceno assegurou por várias vezes que desde muitos meses não via Hermenegilda tão tranquila e expansiva. Chegou a hora da ceia. A uma ordem do conde, foi a refeição servida no salão em que estavam. Com o rosto animado, Hermenegilda encheu uma taça de espumante vinho da Hungria e bebeu pelo noivo, pela liberdade e pela pátria.

— Partirei esta noite, disse Xavier consigo mesmo.

Levantada a mesa, Xavier perguntou ao criado se a carruagem o estava esperando. Este respondeu-lhe que, por ordem do conde Nepomuceno, as bagagens haviam sido descarregadas e postas de novo no quarto, a carruagem voltara para a cocheira e os cavalos para a cavalaria.

Xavier tomou um partido. A imprevista aparição de Hermenegilda convencera-o de que era possível e, mais ainda, conveniente que ficasse, e desta convicção resultou uma outra: devia ser senhor de si, isto é, reprimir os arrebatamentos da paixão, os quais, irritando o espírito doentio de Hermenegilda, lhe podiam ser prejudiciais. E terminou estas reflexões dizendo que podia esperar tudo das circunstâncias, e que Hermenegilda, tirada dos seus devaneios, viria talvez a preferir um presente tranqüilo a um futuro duvidoso, e que, ficando no castelo, não era nem desleal nem traidor para com o amigo.

VII

No dia seguinte, Xavier tornou a ver Hermenegilda. Comedindo-se com cuidado, conseguiu acalmar o ardor do sangue e lutar eficazmente contra a paixão. Conservando-se nos limites das mais estritas conveniências, deu à conversação o tom melífluo de galantaria que muitas vezes oculta um veneno funesto para a mulher.

Xavier, mancebo de vinte anos, pouco hábil nas astúcias amorosas, mais guiado por um fino tacto, demonstrou a arte dum experimentado mestre. Só falou de Estanislau, do seu inexprimível amor pela bela noiva; mas, com o fogo que ativou, soube-se destramente iluminar a si próprio, de maneira que

Hermenegilda, apossada dum penoso desvairamento, não sabia como separar as duas imagens, a de Estanislau ausente e a de Xavier presente.

Em breve a presença deste se tornou indispensável para Hermenegilda, completamente fascinada; viram-nos então quase sempre juntos e conversando familiarmente como dois namorados. O hábito foi gradualmente vencendo a timidez de Hermenegilda, e ao mesmo tempo Xavier transpôs a barreira que entre eles levantavam as frias conveniências e em cujos limites se conservara até ali. Hermenegilda e Xavier passeavam, de braço dado, pelo parque e a jovem abandonava-lhe negligentemente a mão quando, sentado junto dela no seu quarto, o mancebo falava de Estanislau.

Absorvido pelos negócios de Estado, e por tudo que se relacionava com a pátria, o conde Nepomuceno era incapaz de sondar corações. Contentava-se em ver o que se passava à superfície; o seu pensamento, morto para qualquer outro assunto, não podia refletir senão passageiramente, como um espelho, às fugitivas imagens da vida, que se desvaneciam sem deixar vestígios. De modo algum suspeitou do estado do coração de Hermenegilda e não achou mau que a filha trocasse um mancebo vivo pelo boneco que o delírio lhe fazia tomar pelo noivo. Julgou mostrar mui finura ao prever que Xavier, genro tão conveniente como o outro, não tardaria a substituir Estanislau, e deixou de pensar neste último.

Xavier teve análogas idéias; persuadiu-se de que, ao cabo de alguns meses, Hermenegilda, por mais preocupada que estivesse com o pensar em Estanislau, consentiria em escutar os juramentos daquele que o substituíra.

Uma manhã, disseram que Hermenegilda se fechara nos seus aposentos, com a criada de quarto, e que não queria ver pessoa alguma.

O conde Nepomuceno julgou que se tratava dum novo paroxismo, que pouco duraria. Rogou ao conde Xavier que empregasse na cura da filha o império que sobre esta exercia, mas qual foi o seu espanto quando Xavier não só se recusava a ir ter com Hermenegilda sob pretexto algum, mas também mostrava mudança completa na sua conduta! Em lugar de ostentar, como dantes, uma ousadia excessiva, estava perturbado como se houvesse visto fantasmas; tinha a voz trêmula, exprimia-se com dificuldade e a sua conversação era vaga, incoerente.

Declarou que se via obrigado a voltar a Varsóvia; que nunca mais tornaria a ver Hermenegilda; que, nos últimos tempos, o desvairamento da doente o enchera de espanto; que renunciava a todas as venturas do amor; que a felicidade de Hermenegilda, levada até ao delírio, lhe fazia cruelmente sentir a extensão da

perfidia de que ia tornar-se culpado para com o amigo, e que uma pronta fuga era o único recurso que se lhe vislumbra.

O conde Nepomuceno nada compreendeu desta conversa, e esteve tentado a crer que o desvairamento de Hermenegilda contagiara o mancebo. Em vão procurou tranquiliza-lo. Quanto mais o conde provava a necessidade de ver a filha para a curar das suas extravagâncias, mais Xavier teimava em recusar. O oficial abreviou esta discussão atirando-se para dentro da sua carruagem, e afastando-se como que impulsionado por um poder oculto e incompreensível.

O conde Nepomuceno, irritado e pesaroso com a conduta da filha, não mais se importou dela e Hermenegilda passou muitos dias metida nos aposentos com a criada.

Um dia o conde Nepomuceno estava no quarto, sentado e mergulhado nas suas reflexões. Pensava nas façanhas do homem que os polacos invocavam então como um ídolo, ídolo falso¹⁴³. De repente abriu-se uma porta e Hermenegilda apareceu de luto carregado, quase totalmente coberta por um comprido véu preto; aproximou-se do pai a passos lentos, solenes e caiu de joelhos, dizendo com voz trêmula:

— Meu pai! O conde Estanislau, meu mui amado noivo, já não existe! Caiu como um bravo num combate sangrento! Está ajoelhada a teus pés a sua inconsolável viúva!

O conde Nepomuceno considerou estas palavras como uma nova prova do desequilíbrio mental de Hermenegilda, tanto mais que, no dia precedente, recebera notícias da boa saúde de Estanislau. Ergueu-a com brandura, dizendo:

— Tranqüiliza-te, querida filha. Estanislau está de saúde; dentro em pouco o terás nos teus braços.

Hermenegilda deu um suspiro, que mais parecia o estertor dum moribundo e, ferida por dor estranha, foi cair sobre os coxins, ao lado do pai. Levou alguns instantes a restabelecer-se daquele delíquio, e disse com singular tranqüilidade:

— Deixe-me dizer-lhe, meu caro pai, o que se passou, para que possa reconhecer-me como viúva do conde Estanislau. Há seis dias, à tardinha, achava-me no pavilhão situado no sul do parque. Todo o meu ser, todos os meus pensamentos eram para o meu bem amado. Senti que os olhos se me fechavam involuntariamente; não dormia mas estava num estranho estado a que não posso dar outro nome senão o de alucinação. Zumbiram-me os ouvidos e pareceu-me que a casa andava à roda; ouvi um tumulto sinistro e um estrondear de tiros, que se aproximavam cada vez mais. Levantei-me e mui espantada fiquei de me achar

numa barraca de campanha. Ele, o meu Estanislau, estava de joelhos em frente de mim! Abracei-o. — "Deus seja louvado! exclamei; vives, és meu!" Disse-me que logo após a cerimônia nupcial eu caíra num profundo desmaio. Lembrei-me então da benção que nos fora dada, numa capela vizinha, pelo padre Cipriano, no meio do troar da artilharia e do ruído do combate. Cintilava-me no dedo o anel de casamento; era inexprimível a ventura que sentia em apertar meu esposo nos braços; um arroubamento sem nome, e que nunca experimentara, me enchia a alma; perturbaram-se os meus sentidos; apoderou-se de mim um frio de gelo; fechei os olhos. Espetáculo horroroso! De repente, acho-me no meio duma refrega furiosa. A tenda, donde provavelmente me haviam arrancado, arde. Estanislau é rodeado por cavaleiros inimigos; os amigos voam em seu socorro, mas é tarde! Um dos cavaleiros derruba o meu querido esposo...

Esmagada pela dor, Hermenegilda caiu de novo desmaiada. Nepomuceno correu em busca de cordiais, que não teve tempo de aplicar porque a filha recuperou os sentidos sob a ação duma energia singular.

— Cumpra-se a vontade do céu! — disse ela, surda e solenemente; não devo lastimar-me; mas, fiel ao meu esposo até à morte, respeitarei a sua memória e jamais tomarei ligação alguma terrestre! Chora-lo, orar por ele e pela nossa salvação, eis o dever a que nunca faltarei!

VIII

O conde Nepomuceno julgou que a loucura da filha criara aquela visão. Esperou que o luto de Hermenegilda contribuiria para mudar tão desordenada agitação em uma dor tranqüila e concentrada, e contou com o regresso do conde Estanislau para pôr termo a esta nova extravagância.

Por vezes o velho fidalgo pronunciava as palavras: devaneios, visões; mas Hermenegilda sorria com amargura, unia aos lábios o anel de ouro, que trazia no dedo, e banhava-o em lágrimas ardentes.

O conde notou com espanto que aquele anel não pertencia realmente à filha; nunca lho vira; fez mil conjecturas sobre a sua proveniência, mas sem se dar ao trabalho de uma investigação séria.

Veio afligi-lo uma má nova: o conde Estanislau fora feito prisioneiro.

Por esta época chegou ao castelo o príncipe Zapolski com sua mulher. Morta a mãe de Hermenegilda, a princesa substituíra-a para com a órfã, que lhe

testemunhava dedicação filial. A jovem, patenteando-lhe o coração, lastimou-se amargamente de que, embora tivesse as mais convincentes provas da sua união com Estanislau, a tratassem como visionária e insensata. A princesa, já sabedora do desequilíbrio mental de Hermenegilda, de modo algum a quis contradizer; contentou-se em lhe assegurar, que com o tempo tudo se esclareceria e que por enquanto era conveniente que se submetesse à vontade do céu.

A princesa tornou-se mais atenta quando Hermenegilda lhe falou do seu estado físico, e lhe descreveu os sintomas singulares duma indisposição que sentia. Viram a princesa velar por Hermenegilda com a mais viva solicitude e surpreendente ansiedade, à medida que a jovem parecia restabelecer-se. Uma vermelhidão bem pronunciada foi substituindo, a pouco e pouco, a palidez lívida do rosto e dos lábios de Hermenegilda, e os olhos perdiam o fogo sombrio, sinistro, que dantes os animava, e tornavam-se suaves e serenos. As suas formas emagrecidas arredondavam-se a olhos vistos, e dentro em pouco voltaram a frescura e a beleza.

Todavia a princesa parecia considera-la mais doente do que nunca, porque, logo que ela suspirava ou empalidecia um pouco, lhe perguntava com inquietação bem visível:

— Como estás? O que tens? O que sentes, minha filha?

O conde Nepomuceno, o príncipe e a princesa, reuniram-se um dia, discutindo o estado de Hermenegilda e a sua idéia fixa de que era viúva de Estanislau.

— Infelizmente creio o seu delírio incurável, disse o príncipe, porque não estando fisicamente doente, as forças corporais mantêm-lhe a perturbação da alma.

A princesa levantou os olhos ao céu com um modo triste e pensativo.

— Sim, continuou o príncipe, não sofre e contudo, em seu detrimento, atormentam-na fora de propósito como se fora uma doente.

A princesa, a quem se dirigiam estas palavras, olhou de frente para o conde Nepomuceno e redarguiu num tom vivo e resolutivo:

— Não, Hermenegilda não está doente; mas se não fosse impossível ela ter-se entregado a alguém, diria, convencida, que está grávida.

E, dizendo isto ergueu-se e saiu do salão.

O conde e o príncipe ficaram atônitos, como que feridos por um raio. O príncipe foi quem primeiro tomou a palavra, dizendo que a mulher também tinha por vezes visões singulares.

O conde respondeu de modo severo:

— A princesa tem razão; uma tal falta da parte de Hermenegilda está no rol das cousas impossíveis. Mas, se te disser que o mesmo pensamento me ocorreu ontem quando a vi, que esta idéia me foi facilmente sugerida pelo seu aspecto, compreenderás naturalmente quanta comoção, quanto pesar me causaram as palavras da princesa.

— Pois é preciso que um médico ou uma parteira decidam a questão, tornou o príncipe, para que seja aniquilado o juízo talvez precipitado da princesa ou comprovada a nossa vergonha.

Durante muitos dias divagaram sobre vários projetos. Pareceu-lhes cada vez mais suspeito o estado de Hermenegilda e decidiram consultar a princesa sobre o que se devia fazer. Esta rejeitou a intervenção dum médico tagarela e acrescentou que dentro de cinco meses seriam precisos outros socorros.

— Quais? — perguntaram ao mesmo tempo o conde e o príncipe.

— Já não tenho dúvidas, prosseguiu a princesa com modo firme. Ou Hermenegilda é uma hipócrita infame ou há nisto um mistério inconcebível. Está positivamente grávida.

Esmagado pela consternação, o conde não pôde a princípio articular palavra; mas depois, dominando-se com esforço, pediu à princesa para que a todo o custo soubesse de Hermenegilda o nome do miserável que imprimira no seu nome uma nódoa indelével.

— Hermenegilda ainda não suspeita de que conheço o seu estado, disse a princesa, e decerto saberei tudo logo que lho diga. Cairá a máscara da hipocrisia ou terei brilhantes provas da sua inocência, o que, devo confessar, me parece mui problemática.

IX

Naquela mesma noite, a princesa foi ter com Hermenegilda, cuja gravidez era cada vez mais aparente. Pegou-lhe nos dois braços, encarou-a bem e disse-lhe de repente e com intimativa:

— Minha querida, tu estás grávida!

Hermenegilda ergueu os olhos ao céu como num êxtase celeste, e exclamou com a mais viva alegria:

— Oh! Minha mãe, minha mãe, eu bem o sei! Sei-o há mui tempo e sinto um inexprimível bem estar, não obstante o meu caro esposo ter caído sob os golpes homicidas dos inimigos. Sim, sinto ainda os momentos da minha maior felicidade terrestre. e o meu bem amado revive no terno penhor duma doce união!

Pareceu à princesa que tudo dançava em volta de si e que ia perder a cabeça. A ingenuidade das expressões de Hermenegilda, o seu arroubamento, aquele tom de verdade, não permitiam acusá-la de perfídia, e só se podia compreender que o delírio a cegasse a respeito da grandeza do seu erro.

Ferida por esta última idéia, a princesa repeliu a jovem e exclamou colérica:

— Insensata! Podia um sonho pôr-te nesse estado, que a todos nós nos vota à ignomínia? Julgas lograr-me com essas narrativas absurdas? Reflete; invoca as tuas recordações; só uma confissão ditada pelo arrependimento te pode reconciliar conosco.

Banhada em lágrimas de dor, Hermenegilda caiu aos pés da princesa, dizendo com voz gemente:

— Também tu, minha mãe, me chamas visionária? Também tu recusas crer que a Igreja me uniu a Estanislau; que sou sua mulher? Não vês o anel que trago no dedo? Mas o que estou eu a dizer? Pois conhecendo tu o meu estado, não achas isto bastante para te convenceres de que não sonhei?

Com grande espanto seu, a princesa reconheceu que nunca o pensamento duma falta ocorrera a Hermenegilda e que esta não compreendia as censuras que lhe dirigira. A triste, apertando com fogo contra o coração as mãos da mãe adotiva, suplicou-lhe que acreditasse no casamento, comprovado como era pelo seu estado. A boa senhora, desconcertada, fora de si, não soube o que responder, nem que meio devia empregar para descobrir algum vislumbre do segredo que envolvia Hermenegilda.

Só muitos dias depois é que a princesa declarou ao conde Nepomuceno que era impossível saber qualquer cousa pela jovem, que julgava, com profunda convicção, trazer no seio um fruto do amor de seu esposo.

O conde e o príncipe, irritados, alcunharam Hermenegilda de hipócrita, e Nepomuceno jurou que, se os meios brandos não conseguissem dissipar-lhe a loucura e arrancar-lhe a confissão da sua desonra, usaria de medidas de rigor.

A princesa foi de opinião que o emprego da força seria tão cruel como inútil, pois que estava convencida de que Hermenegilda, longe dum embuste, acreditava com toda a alma no que dizia. E acrescentou:

— No mundo há ainda muitos mistérios que estamos mui longe de compreender. Quem sabe se uma ardente união do pensamento terá uma ação física e se as relações espirituais de Estanislau e Hermenegilda produziram esse estado que nos parece incompreensível?

Não obstante a cólera e as inquietações do presente, o príncipe e o conde não puderam deixar de rir, e classificaram a idéia da princesa como uma das mais sublimes e etéreas que o espiritualismo pode ainda produzir.

A princesa, excessivamente corada, disse que semelhantes cousas se achavam fora do alcance do espírito dos homens; persuadida, como estava, da inocência de Hermenegilda, não deixava de julgar crítica a posição. Propôs uma viagem com Hermenegilda, como o único meio de a subtrair à vergonha.

O conde concordou com esta proposta, porque Hermenegilda mistério algum fazia da gravidez e, se queria conservar a reputação, devia afastar-se do círculo das suas habituais relações.

Regulada a questão, todos se sentiram mais tranquilos, especialmente o conde, perante a possibilidade de esconder o funesto segredo ao mundo, cujo escárnio era o que ele mais temia. O príncipe julgou com razão que, dado o estranho encadeamento das circunstâncias e o desarranjo mental de Hermenegilda, se devia esperar que o tempo trouxesse o desfecho de tão extraordinário acontecimento.

Fechada a discussão, iam separar-se, quando a repentina chegada do conde Xavier veio causar novos cuidados e embaraços.

Afogueado por uma rápida correria, coberto de pó, Xavier precipitou-se no salão com o ardor que produz uma paixão desordenada, e, sem cumprimentar, nem dar atenção a pessoa alguma, gritou com voz estridente:

— Morreu! O conde Estanislau morreu! Não caiu prisioneiro... não... foi morto pelo inimigo... aqui estão as provas!...

E, dizendo isto, tirou rapidamente da algibeira várias cartas e entregou-as ao conde Nepomuceno, que ficou transtornado com o conteúdo. A princesa deitou um olhar a uma das cartas; logo às primeiras linhas pôs as mãos, ergueu os olhos ao céu e exclamou dolorosamente:

— Hermenegilda! Pobre criança! Que inexplicável mistério

Vira que o dia da morte de Estanislau era precisamente o que Hermenegilda designara como sendo o da sua entrevista com o noivo, e que estes dois acontecimentos deviam ter sido simultâneos.

— Morreu, disse Xavier vivamente. Hermenegilda está livre. Obstáculo algum se levanta entre ela e mim, e eu amo-a mais do que a vida. Peço a sua mão!

O conde Nepomuceno estava incapaz de responder. A princesa tomou a palavra, e declarou que certas circunstâncias os colocavam na impossibilidade de bem acolherem aquele pedido, que presentemente ele não podia ver Hermenegilda e que lhe pediam para partir o mais depressa possível.

Xavier respondeu, que mui bem conhecia a perturbação do espírito de Hermenegilda, à qual naturalmente queriam aludir, mas que não a considerava como obstáculo, pois que o casamento poria termo àquele estado funesto.

A princesa afirmou-lhe que Hermenegilda jurara conservar-se fiel a Estanislau até à morte, que repeliria qualquer aliança e que finalmente a jovem não estava no castelo.

Xavier pôs-se a rir, dizendo que lhe bastava o consentimento do pai e que tomaria o cuidado de restabelecer a tranqüilidade na alma de Hermenegilda.

Irritado ao último ponto com a inconveniência do mancebo, o conde Nepomuceno declarou que era inútil contar com o seu consentimento e convidou Xavier a sair do castelo.

Xavier encarou-o fixamente, abriu a porta do vestíbulo e gritou ao cocheiro que apeasse as bagagens, que desarreasse os cavalos e os metesse na cavalaria. Depois voltou para o salão e sentou-se numa poltrona junto à janela, dizendo num tom tranqüilo e severo:

— Só à força me arrancarão do castelo antes de ter visto Hermenegilda, antes de lhe ter falado.

— Então ficará aqui por mui tempo, respondeu o conde Nepomuceno. Em quanto a mim cedo-lhe o lugar e peço-lhe licença para deixar o castelo.

O conde Nepomuceno, o príncipe e a princesa saíram logo do salão para prepararem a partida imediata de Hermenegilda.

Quis o acaso que a jovem, contra os seus hábitos saísse a passear no parque. Xavier avistou-a da janela, correu e alcançou-a quando entrava no fatal pavilhão do sul. O seu estado era bem visível.

— Oh! Poder celeste — exclamou Xavier.

E caiu de joelhos diante dela, fazendo-lhe os mais ardentes protestos de amor e suplicando-lhe que o aceitasse por esposo.

— Conduziu-o aqui um mau gênio, respondeu Hermenegilda com temor e surpresa. Não procure perturbar a minha tranquilidade. Conservar-me-ei fiel até à morte ao meu bem amado; nunca, nunca serei mulher de outro!

Xavier, vendo repelidas as suas instâncias e súplicas, disse-lhe que se enganava a si própria, que já lhe dera, a ele Xavier, as mais doces provas de amor; mas quando se levantou e quis apertá-la nos braços, Hermenegilda, numa palidez mortal, repeliu-o cheia de horror e desdém, dizendo:

— Miserável! Louco presunçoso! Não poderás determinar-me a violar a fé jurada, como não podes anular a prova da minha união com Estanislau! Sai da minha presença!

Xavier cerrou os punhos, e, dando uma gargalhada de desprezo, exclamou:

— Insensata! Não quebraste tu mesmo esses absurdos juramentos? A criança que trazes no seio é meu filho! Fui eu que te apertei nos braços aqui, neste mesmo lugar! Foste minha amante e só te restará este título, se o não trocares pelo de esposa!

Hermenegilda fixou-o com um olhar onde brilhavam as chamas do inferno.

— Monstro! — exclamou ela.

E, como que ferida de morte súbita, caiu no chão.

X

Xavier voltou correndo ao castelo, como se fosse perseguido por todas as fúrias do inferno; encontrou a princesa no caminho, pegou-lhe na mão e arrastou-a para o salão.

— Repeliu-me com horror, a mim, ao pai de seu filho!

— Por todos os santos do paraíso! Tu, Xavier! Fala! Será possível?

— Podem condenar-me, disse ele um pouco mais sossegado; mas quem tiver nas veias um sangue ardente como o meu, tornar-se-á também culpado num momento de fascinação. Encontrei Hermenegilda no pavilhão; era tão extraordinário o seu estado que não posso descrevê-lo. Estava estendida num canapé e parecia sonhar, entregue a sono profundo. Apenas entrei, levantou-se, veio ter comigo, pegou-me na mão e conduziu-me para o meio da sala com passos lentos, solenes. Ajoelhou e eu fiz o mesmo; pôs-se a orar e compreendi

que imaginava ter um padre na sua presença. Tirou do dedo um anel e apresentou-o ao invisível sacerdote. Recebi-o e dei-lhe o meu em troca. Em seguida deixou-se cair nos meus braços, num acesso de amor ardente... Quando fugi, Hermenegilda ficou mergulhada em profunda modorra...

— Miserável! Que horrendo crime! — exclamou a princesa, fora de si.

O conde Nepomuceno e o príncipe entraram e ficaram ao fato das confissões de Xavier; a princesa sentiu-se ferida na sua delicadeza, quando declararam a ação criminosa de Xavier mui desculpável, já que podia reparar-se pelo casamento.

— Não, disse a princesa, jamais Hermenegilda concedera a mão aquele que, à laia de gênio mau, lhe envenenou a existência com um crime odioso.

— Pois é preciso que seja minha mulher, disse o conde Xavier com fria e desdenhosa altivez; assim é necessário, para a salvação da sua honra. Fico e tudo se há de arranjar.

Neste momento ouviu-se um ruído surdo; traziam para o castelo Hermenegilda, que o jardineiro encontrara desmaiada no pavilhão. Colocaram-na num sofá; antes que a princesa tivesse tempo de o impedir, Xavier pegou na mão de Hermenegilda. Esta, de súbito levantou-se, dando um horroroso grito que nada tinha de humano; imóvel, inteiriçada em medonha convulsão, fixou no conde um olhar cintilante.

Era tão fulminante o seu olhar, que Xavier cambaleou e murmurou com voz inteligível a custo:

— Um cavalo!

A um sinal da princesa, saíram a aprontar um.

— Vinho! vinho! — exclamou o mancebo.

Depois de beber precipitadamente alguns copos, montou dum pulo no cavalo e desapareceu.

O estado de Hermenegilda, cujo sombrio delírio parecia querer degenerar em loucura furiosa, mudou as disposições do pai e do príncipe, que reconheceram pela primeira vez o horror da irremediável ação de Xavier. Quiseram mandar chamar um médico, mas a princesa rejeitou os socorros da ciência, pois que o caso só requeria, talvez, consolações espirituais; por isso foi chamado o padre Cipriano, frade da ordem mendicante do Carmo e confessor da casa, o qual conseguiu tirar Hermenegilda do seu abatimento e delírio. As melhoras acentuaram-se. Teve com a princesa conversas bem orientadas e exprimiu-lhe o

desejo de ir, após o parto, viver penitente, desolada, no convento da ordem de Cister, em Oppeln.

Acrescentou aos trajes de luto, um véu que lhe escondia completamente o rosto e que nunca mais ergueu.

O padre Cipriano saiu do castelo, mas voltou no fim de alguns dias. Entretanto o príncipe Zapolski escrevia ao Burgomestre de Lilinitz, em casa de quem Hermenegilda devia ter o parto; a abadessa do convento de Cister, parente da casa, devia conduzi-la a Lilinitz; durante este tempo a princesa viajaria pela Itália, acompanhada, na aparência, por Hermenegilda.

Era meia-noite; a berlinda que devia transportar a infeliz ao convento parou à porta. Acabrunhado pela dor, Nepomuceno, o príncipe e a princesa, esperavam a pobre criança para fazerem as suas despedidas.

Apareceu coberta com o véu, ao lado do frade, que trazia na mão um candelabro, cuja luz iluminou o vestíbulo.

— A irmã Celestina, disse Cipriano com voz solene, pecou gravemente quando ainda pertencia ao mundo; um crime de Satanás lhe poluiu a pureza; mas um voto, que nunca quebrará, há de dar-lhe consolação, tranqüilidade e a ventura eterna! Nunca mais o mundo tornara a ver o rosto, cuja beleza tentou o demônio! Olhem: é assim que Celestina vai começar a expiação.

O monge levantou o véu e todos deram um grito, Hermenegilda escondera para sempre a angélica beleza do rosto sob uma máscara de palidez mortal.

Sem proferir uma única palavra, a jovem separou-se do pai, que, esmagado pela dor, julgou não poder suportar a vida; o príncipe, homem de mais firmeza, verteu contudo uma torrente de lágrimas; só a princesa, domando com todas as forças o horror que lhe inspirava aquele voto, conseguiu ser senhora de si.

Nunca se pôde explicar como o conde Xavier descobriu o retiro de Hermenegilda, como soube a consagração do recém-nascido à igreja. Foi inútil o rapto do filho, porque, quando chegou a Praga e o quis entregar a uma mulher de confiança, não estava desmaiado de frio, como Xavier pensara, mas sim morto. O conde Xavier desapareceu sem deixar vestígios; pensou-se num suicídio.

Eram passados muitos anos quando o príncipe Boleslau Zapolski, durante uma viagem a Nápoles, foi visitar o monte Pausilippo, onde se ergue, no meio da mais deliciosa região, o convento dos Camaldulos. O príncipe dirigiu-se para ali a fim de gozar um panorama dos mais afamados do reino napolitano.

Ao passar pelo jardim do convento, reparou num frade sentado numa grande pedra, com um livro de horas aberto sobre os joelhos e os olhos perdidos no horizonte. No rosto, ainda juvenil, tinha impresso um profundo pesar.

Uma vaga recordação assaltou o príncipe à medida que se aproximava. Cuidadosamente foi prostrar-se atrás dele e reconheceu que o livro era escrito em polaco. Em polaco falou ao religioso, mas este voltou-se com espanto e, apenas reparou no príncipe, velou o rosto e fugiu por entre as moitas, como que perseguido por um gênio mau.

Quando o príncipe contou o incidente ao conde Nepomuceno, este assegurou-lhe que o frade era o conde Xavier.

SONHO DE UMA NOITE DE NATAL -

Máximo Górkí

Eu havia terminado um conto sombrio como os breves e tristes dias de inverno, que então pesava sobre meu país. Deixei cair a pena e comecei a passear pela casa.

Era noite. Lá fora prenunciava-se uma tormenta. A neve caía em flocos espessos. A rua estava deserta, e, encostando-me à vidraça, eu via apenas uma lanterna pendurada a uma porta, do outro lado da rua, e agitada pelo vento. Aquele espetáculo era tão profundamente desolador que, afastando-me da janela, apaguei a lâmpada e fui deitar-me.

Então, na escuridão que invadia todo o meu quarto, os sons da noite se fizeram mais nítidos. O relógio contava os segundos, mas por vezes o zumbir da neve, lá fora, afogava seu rumor. Em vão. O tique-taque apressado, incansável, voltava a dominar os murmúrios do inverno; e aquele tique-taque seco, monótono e teimoso, em sua marcha para a eternidade, impunha-se ao meu cérebro, ressoava dentro dele.

Não podendo dormir, pensava nas páginas que acabara de escrever. Era uma narração muito simples: a história de dois velhos tímidos e meigos, dois abandonados pelo destino. Ele, cego; ela, sua esposa, humilde e fiel.

Uma madrugada, na véspera de Natal, saíram de seu sórdido abrigo e foram mendigar pelo casario da vizinhança, para ver se obtinham algo com que comprar um pouco de alegria e conforto para o dia mais santo de todos.

Movidos por essa esperança, percorreram os arredores, crentes de que poderiam voltar, à hora da missa do galo, com os bolsos cheios de dádivas feitas em nome do Senhor. Mas foram tão escassas as esmolas que nem sequer compensaram a caminhada, e já era muito tarde quando o triste casal compreendeu que tinha de voltar ao seu casebre sem fogo para se aquecer e apenas com o indispensável para não passar fome.

Retomaram, pois, o caminho de seu abrigo, ela adiante, ele com a mão apoiada à

sua cintura. Vinham lentamente, na escuridão da noite. As nuvens encapotavam o céu; o vento dançava com a neve, e o caminho parecia cada vez mais longo. É que a velha se deixava iludir pela alvura sempre igual do solo e, em vez de tomar o atalho que continha, seguira ao longo do vale.

O velho irritava-se.

– Ainda não chegamos? Estou vendo que não chegaremos antes da meia-noite.

Ela respondia que estavam perto. Sabia que tinham se perdido e queria ocultar-lhe o fato. Mas tanto andou em vão que teve de confessar com um tom melancólico na voz:

– Em nome de Cristo, perdoe-me. Eu me enganei, tomei outro caminho... E o pior é que agora não sei onde estamos. Vamos parar um pouco para repousar.

– Mas vamos ficar gelados...

– Que importa!... Nossa vida não é tão doce que dê pena de perdê-la. Preciso descansar um pouco.

O velho cedeu, suspirando.

Sentaram-se na neve, encostados um contra o outro, e ficaram imóveis, como duas trouxas de farrapos. A neve, que caía incansável, começou a cobri-los, e a mulher, menos agasalhada que o marido, não tardou a se sentir tomada por um sono irresistível.

Sentindo que ela se apoiava mais fortemente sobre seus ombros, o homem assustou-se:

– Minha velha, não durma: olhe que vai ficar gelada.

Porém, ela já adormecera, e balbuciava coisas incompreensíveis, sem despertar.

O velho voltou-se e tentou erguê-la, repetindo seus alarmados conselhos. Como não o conseguisse, ergueu os braços e bradou por socorro. Ninguém o ouviu, mas os sinos, ao longe, começaram a repicar.

– Minha velha - insistiu o cego, sacudindo os ombros de sua pobre companheira -, os sinos já estão tocando para a missa. Levante-se... Olhe que vamos chegar tarde...

Mas a mulher mantinha-se imóvel.

Então, resignado, sentindo-se também invadido pela sonolência mortal, o cego sentou-se de novo ao lado de "sua velha", e uma última súplica passou por seus

lábios:

– Senhor! Acolhe a alma de teus servos. Ambos somos pecadores, mas confiamos em tua misericórdia.

Recordando essa história, sorri, contente comigo mesmo, certo de que ela enterneceria meus leitores. E, embalado pelo tique-taque do relógio, comecei a cochilar.

E então, sem saber ao certo se estava dormindo ou acordado, vi a claridade vaga da janela aumentar, tomar um tom azul e fosforescente, ampliar-se, formando um quadro imenso, e aí surgirem pouco a pouco alguns vultos, a princípio confusos, inconsistentes. Mas logo seus contornos foram se acentuando e desenhando formas familiares aos meus olhos.

Eram crianças, mulheres, velhos... todos miseráveis e tristes.

– De onde vêm essas sombras e que representam? - perguntei a mim mesmo, tentando em vão emergir dos abismos do sono.

Uma voz perguntou por sua vez:

– Não nos reconhece?

Procurei distinguir no meio daquela multidão lamentável. Vi então um grupo que, com passo vacilante, tomava a dianteira de todas as sombras. Era um velho cego, apoiado à cintura de uma mulher também já idosa, que me fitava com ar de censura.

– Não nos reconhece? - repetiu ela com voz severa. - Nós somos os heróis dos contos, você, que passa a vida escrevendo; somos os tristes e desgraçados filhos da sua imaginação... Ali estão os dois meninos que você fez morrer de frio, diante das janelas de uma casa onde fulgia, magnífica e opulenta, uma árvore de Natal. Aquela mulher ali é a desgraçada que você fez morrer sob as rodas de um trem, quando corria pela rua, ansiosa por levar aos filhos um presente de Natal. Aquele ancião...

Eu ouvia, contemplando, pálido de horror, as sombras lúgubres e silenciosas que desfilavam sem cessar ante meus olhos.

Por que vinham todas elas me alucinar nessa noite? Que queriam de mim? Que pretendiam?

– Responda você mesmo a essas perguntas - bradou a velha, lendo o meu pensamento. - Por que escreveu essas coisas? Para que vive inventando essas

desgraças, essas tristezas? Que pretende com isso? Desfazer o que resta de fé e esperança no coração dos homens? Tirar-lhes a confiança na redenção, mostrando-lhes somente o mal? Aniquilar o desejo de viver, apresentando a existência como um suplício sem fim e sem remédio?

Eu estava consternado... Seria mesmo assim tão culpado? O que faço não é o que fazem todos os escritores? Especialmente nos contos de Natal, procuramos todos imaginar cenas bem tristes, bem tocantes, para despertar em nossos leitores sentimentos compassivos, abrir os corações à piedade...

– É mentira! - bradou a velha. - Mentira ingênua e ridícula. Então pretende, com dores e misérias, despertar bons sentimentos nos corações acostumados a desgraças reais? Idiota! Pensa enternecer, com suas pobres fantasias, os homens que não se comovem ante a realidade miserável de todos os dias?...

O resto do sonho foi uma confusão que não consigo recompor; mas pela manhã, quando despertei, meu primeiro movimento foi correr à mesa onde deixara as tiras de papel escritas na véspera.

Rasguei-as sem tornar a lê-las; atirei os pedaços pela janela, e eles esvoaçaram no ar claro como mariposas.

OS DONS DAS FADAS - Charles Baudelaire

Realizava-se a Grande Reunião das Fadas, para procederem à partilha dos dons entre todos os recém-nascidos das últimas vinte e quatro horas.

Muito diferiam umas das outras, todas essas antigas e fantasistas Irmãs do Destino, todas essas Mães estranhas da alegria e da dor: Umas tinham a aparência sombria e rebarbativa, outras a tinham folgazã e maliciosa; umas eram jovens, e sempre o haviam sido, outras eram velhas, e também sempre o haviam sido.

Todos os pais que acreditam em Fadas haviam comparecido, cada qual trazendo nos braços o seu recém-nascido.

Os Dons, as Faculdades, os Bons Acasos, as Circunstâncias Invencíveis, estavam amontoados ao lado do Tribunal, como os prêmios sobre o tablado, em dia de distribuição de prêmios. O que havia de particular no caso é que os Dons não eram a recompensa de um esforço, mas pelo contrário, uma graça concedida àquele que ainda não vivera, uma graça capaz de determinar seu destino e de se tornar tanto a origem da sua desdita, quanto da sua felicidade.

As pobres Fadas estavam sobrecarregadas de trabalho, porque era grande o número dos solicitantes, e o mundo intermediário colocado entre o homem e Deus está submetido, tanto quanto nós, à lei terrível do Tempo e de sua infinita posteridade, os Dias, as Horas, os Minutos, os Segundos.

Na realidade, elas estavam tão atordoadas quanto ministros em dia de audiência, ou empregados do Estabelecimento de Penhores, quando um dia de festa nacional autoriza as restituições sem pagamento. Acho mesmo que olhavam, de vez em quando, para o ponteiro do relógio, com impaciência igual à de juizes humanos que, por estarem em função desde cedo, não podem deixar de sonhar com o jantar, a família e os queridos chinelos. Se na justiça sobrenatural há um pouco de precipitação e de acaso, não nos admiremos que o mesmo aconteça às vezes na justiça humana. Nós mesmos seríamos, em tal caso, juizes injustos.

Destarte foram cometidas, nesse dia, algumas tolices - que poderíamos estranhar, se a prudência, e não a fantasia, fosse a característica peculiar, eterna,

das Fadas.

Assim o poder de atrair magneticamente a fortuna foi concedido ao único herdeiro de uma família riquíssima que, não possuindo noção alguma de caridade, como também nenhuma cobiça dos bens visíveis da terra, devia encontrar-se, mais tarde, grandemente atrapalhado com seus milhões.

Assim foram concedidos o Amor ao Belo e a Força Poética ao filho de um triste pobretão, um cavoqueiro absolutamente incapaz quer de favorecer os dotes, quer de prover às necessidades de sua lamentável progênie.

Esquecia-me de lhes dizer que a distribuição, em tais casos solenes, não comporta apelação, e que nenhum dom pode ser recusado...

Todas as Fadas já se estavam se levantando, julgando concluída a sua tarefa, porquê não restava mais presente algum, munificência alguma para atirar a toda aquela nulidade humana, quando um bom homem, um pobre e modesto negociante, creio eu, ergueu-se e, agarrando por sua veste de vapores policrômicos a Fada que lhe ficava mais próxima, exclamou:

– Oh! Senhora! Está-nos esquecendo! Ainda falta o meu pequenino! Não quero ficar sem receber alguma coisa!

A Fada ia ficar perplexa, porquê não restava mais nada. Todavia, lembrou-se a tempo de uma lei bastante conhecida, embora raramente aplicada no mundo sobrenatural, habitado pelas deidades etéreas, amigas do homem, e muitas vezes forçadas a se adaptarem às suas paixões, tais como as Fadas, os Gnomos, as Salamandras, as Sílfiges, os Silfos, os Nixos, os Ondinos e as Ondinas - quero referir-me à Lei que concede às Fadas, em semelhante caso, isto é, no caso de os presentes se acabarem, a faculdade de concederem mais um, suplementar e excepcional, sob a condição, todavia, de ela possuir imaginação bastante para criá-lo imediatamente.

Por isso a boa Fada respondeu, com uma segurança digna de sua situação:

– Dou a teu filho... dou-lhe... o Dom de agradar!

– Mas agradar como? Agradar? Por quê agradar? - perguntou teimosamente o pequeno comerciante, que sem dúvida era um desses raciocinadores tão comuns, incapazes de se elevarem até à lógica do absurdo.

– Porque sim! Porque sim! - replicou a Fada, irritada, voltando-lhe as costas e, reunindo-se ao cortejo de suas companheiras, dizia-lhes:

– Que acham desse francesinho vaidoso que tudo quer compreender e que, havendo obtido para o filho o melhor quinhão, ainda ousa interrogar e discutir o

indiscutível?

PARA MULHER AVARA, AMANTE

ESCROQUE - Boccaccio

Havia outrora em Milão um soldado de nome Gulfart, nascido na Alemanha, que passava por homem de bem e que era profundamente dedicado ao príncipe a quem servia, - qualidade que não é comum aos seus patrícios. Como fazia questão de honra pagar pontualmente o que pedia por empréstimo, encontrava sempre quem lhe desse dinheiro a juro módico toda a vez que precisava.

Esse excelente soldado apaixonou-se por uma formosa dama, de nome Ambrósia, casada com Gasparino Sagostrace, rico negociante, que conhecia particularmente e se davam muito bem. Foi bastante cauteloso para que ninguém, especialmente o marido, se apercebesse dos seus sentimentos. Tendo notado que a dama demonstrava simpatia por ele, arrojou-se a falar-lhe, pedindo que retribuísse a ansiedade que lhe provocara, prometendo corresponder com dignidade, atendendo-lhe todos os desejos de prazer. A bela mulher, demonstrando conveniente relutância, afinal consentiu em atender seus desejos se ele lhe resolvesse uma carência momentânea de duzentos escudos, desde que jurasse sigilo absoluto.

Gulfart, que jamais imaginara tal proposta, ficou tão chocado com a avareza da dama que seus sentimentos quase se transformam em aversão. No entanto acalmou-se, resolvido a dar-lhe o merecido castigo. Com essa idéia, se comprometeu a fazer o que ela desejava; que queria ser mais rico para oferecer-lhe uma quantia maior; que ela tinha apenas que marcar a data e o instante em que poderia encontrá-la, quando então lhe daria o dinheiro pedido. Então a mulher, para ele desprezível, manda-lhe um recado informando que o marido partiria em breve para Gênova, e que lhe avisaria no mesmo dia da sua partida.

Sabendo que Gasparino iria fazer a viagem, Gulfart foi procurá-lo.

– Eu tenho necessidade - disse-lhe,- de duzentos escudos, e ficarei muito grato se me emprestasse essa quantia com os juros que me tens cobrado até agora.

Gasparino prestou-lhe esse serviço com prazer, entregando-lhe imediatamente a quantia, com grande satisfação do militar.

Dias depois o comerciante partiu para Gênova. A mulher mandou dizer imediatamente ao galã que ele podia vir, e que não esquecesse a quantia acertada. Gulfart, que não tinha interesse em encontrá-la só, fez-se seguir por um dos seus amigos e disse-lhe, na presença desse amigo e de um empregado que estava com ela nesse momento:

– Aqui estão, senhora, duzentos escudos bem contados e lhe peço que entregue a seu marido quando ele voltar da viagem.

Ela recebeu o dinheiro sem perceber qualquer segundas intenções de Gulfart, a não ser que ele havia falado assim por pura política, apenas para que não se suspeitasse que essa quantia era o preço dos seus favores.

Respondeu-lhe então que se desincumbir-se-ia do pedido no mesmo dia da chegada do esposo.

– Mas vejamos, – acrescentou ela, – se a quantia está correta.

Pôs-se então a contar imediatamente, sobre a mesa. Vendo que não faltava sequer um escudo, guardou tudo na sua bolsa, sussurrando para Gulfart que passasse ao anoitecer que ela estaria só, à sua espera. Ele não faltou. A mulher conduziu-o ao seu quarto, onde passaram a noite juntos. O amante não se limitou a essa noite, de tal modo encantou a dama, que passaram juntos as outras, até o regresso do marido.

Quando Gasparino voltou de Milão, Gulfart escolheu o momento em que ele devia estar com a esposa para ir visitá-lo, na companhia do seu amigo.

– Gasparino - disse-lhe, após os cumprimentos, - os duzentos escudos que me emprestou antes da viagem, tendo sido desnecessários para os negócios a que se destinavam, eu os devolvi, no mesmo dia da partida, para vossa esposa, que até os conferiu na minha frente. Assim, vim pedir que tire o meu nome do seu livro de devedores.

Voltando-se para a mulher o marido perguntou se ela havia recebido o dinheiro e ela - diante da testemunha não pôde contestar - se desculpou pela falta de memória, inclusive por não ter lembrado de dar o dinheiro ao marido há mais tempo.

– Pode ficar tranquilo, - disse então Gasparino a Gulfart, - hoje mesmo vou riscar o seu débito do meu livro.

O amante retirou-se da casa satisfeito por haver punido a amante pela sua avareza e ainda por ter usufruído tão ardentemente os favores, sem que isso lhe

tivesse custado sequer um escudo.

A MANCHA INDELÉVEL – Juan Bosch



Todos que haviam cruzado a porta antes de mim, haviam entregado suas cabeças, e eu as via colocadas em uma longa fileira de vitrines que estavam encostadas à parede, em frente. Seguramente nessas vitrines não entrava ar contaminado, pois as cabeças se conservavam em forma admirável, quase como se estivessem vivas, ainda que lhes faltasse o fluxo do sangue debaixo da pele. Devo confessar que o espetáculo me causou um medo súbito e intenso. Durante verdadeiro tempo senti-me paralisado pelo terror. Mas era o caso que ainda incapacitado para pensar e para atuar, eu estava ali: tinha passado o umbral e tinha que entregar minha cabeça. Nada poderia evitar essa macabra experiência.

A situação era, em verdade, aterradora. Parecia que não existia distância entre a vida que tinha deixado atrás, do outro lado da porta, e a que iria se iniciar nesse momento. Fisicamente, a distância seria de três metros, talvez de quatro.

No entanto, o que via indicava que a separação entre o que fui e o que seria não podia medir-se em termos humanos.

— Entregue sua cabeça - disse uma voz suave.

— A minha? - perguntei, com tanto medo que, a duras penas, conseguia me ouvir.

— Claro, qual seria?

Apesar de não ser autoritária, a voz enchia todo o salão e ressoava entre as paredes, que se cobriam com luxuosos tapetes. Eu não podia saber de onde saía. Tinha a impressão de que tudo o que via estava falando há tempos: o piso de mármore negro e alvo, o tapete vermelho que ia da escadaria à grande mesa do saguão, e o tapete similar que cruzava todo perímetro pelo centro; as grandes colunas de maiólica, as cornijas de cubos dourados, os dois enormes lustres com pingentes de cristal de Bohemia. Só possuía absoluta certeza que nenhuma das inúmeras cabeças das vitrines havia emitido o menor som.

Talvez com o desejo inconsciente de ganhar tempo, perguntei.

— E como tiro minha cabeça?

— Imprima força com as duas mãos, apoiando os polegares nas curvas do

queixo; empurre-a para cima e verá com que facilidade sai. Depois, coloque-a sobre a mesa.

Se tivesse se tratado de um pesadelo teria me explicado a ordem e minha situação. Mas não era um pesadelo. Isso estava me acontecendo em pleno estado de lucidez, enquanto me achava de pé e solitário no meio de um luxuoso salão. Não se via nenhuma cadeira, e como tremia de cima a baixo, devido ao frio mortal que tinha se desatado em minhas veias, precisava me sentar ou me agarrar de algo. Ao fim, apoiei as duas mãos na mesa.

— Não escutou ou não compreendeu? - disse a voz.

Já disse que a voz não era autoritária e sim suave. Talvez por isso parecia-me tão terrível. É verdadeiramente aterrador ouvir a ordem de tirar-se a cabeça com tom normal, bem tranquilo. Estava seguro de que o dono dessa voz tinha repetido a ordem tantas vezes que já não lhe dava a menor importância ao que dizia.

Ao fim, consegui falar.

— Sim, escutei e compreendi – disse. - Mas não posso despojar de minha cabeça sem mais nem menos. Dê-me algum tempo para pensar. Compreenda que ela está cheia das minhas ideias, de minhas lembranças. É o resumo de minha própria vida. Ademais, se fico sem ela, com que vou pensar?

A embromada não me saiu inesperadamente. Afogava-me. Duas vezes tive que parar para tomar ar. Calei, e pareceu-me que a voz emitia um ligeiro rosnado, como riso a zombar.

— Aqui não tem que pensar. Pensaremos por você. Quanto às suas lembranças, não irá precisar delas mais: vai começar uma nova vida.

— Vida sem relação comigo mesmo, sem minhas ideias, sem emoções próprias? - perguntei.

Instintivamente olhei para a porta por onde tinha entrado. Estava fechada. Voltei os olhos aos dois extremos do grande salão. Tinha também portas nesses extremos, mas nenhuma estava aberta.

O espaço era longo e de teto alto, o qual me fez sentir tão desabrigado como um menino perdido em uma grande cidade. Não tinha o menor sinal de vida. Só eu me achava nesse salão imponente.

Pior ainda: estávamos a voz e eu. Mas a voz não era humana, não podia relacionar com um ser de carne e osso. Achava-me com a impressão de que milhares de olhos malignos, também sem vida, estavam olhando desde as

paredes, e que milhões de seres minúsculos e invisíveis espreitavam meu pensamento.

— Por favor, não nos faça perder tempo porque há outros na vez - disse a voz.

Não é fácil explicar o que essas palavras significaram para mim. Senti que alguém iria entrar, que já não estaria mais sozinho, e volvei o rosto para a porta. Não havia me equivocado; uma mão sujeitava no bordo da grande porta brilhante e empurrava-a para dentro, e um pé pousava-se no umbral. Pela abertura da porta advertia-se que afora tinha pouca luz. Sem dúvida era a hora indecisa entre o dia que morre e que ainda não havia morrido.

No meio de meu terror atuei como um autômato. Lancei-me impetuosamente para a porta, empurrei quem entrava e saltei à rua. Dei-me conta de que alguém se alarmou ao me ver correr; talvez pensassem que tinha roubado ou tinha sido surpreendido no momento de roubar. Compreendia que levava o rosto pálido e os olhos arregalados, como se fugisse da polícia que me perseguia. De qualquer jeito, não me importava. Minha necessidade de fugir era imperiosa, e fugia como louco.

Durante uma semana não me atrevi a sair de casa. Ouvia dia e noite a voz e via em todas as partes os milhares de olhos sem vida e as centenas de cabeças sem corpo. Mas na oitava noite, aliviado de meu medo, arrisquei-me a ir à esquina, a um café, visitado sempre por gente estranha. Ao lado da mesa que ocupei tinha outra vazia. Em pouco, dois homens sentaram-se nela. Um tinha os olhos sombrios; olhou-me com intensidade e depois disse ao outro:

— Esse foi o que fugiu depois que estava...

Eu tomava nesse momento uma xícara de café. Tremeram-me as mãos com tanta violência que um pouco da bebida derramou-se em minha camisa.

O problema é que não tenho outra camisa nem como adquirir outra. Enquanto me esforço em fazer desaparecer a mancha ouço sem cessar as últimas palavras do homem dos olhos sombrios:

— Depois que já estava inscrito.

O medo faz-me suar frio. E eu sei que não poderei me livrar deste medo; que o sentirei ante qualquer desconhecido. Pois em verdade ignoro se os dois homens eram membros ou eram inimigos do Partido.

Agora estou em casa, tratando de lavar a camisa. Tenho usado sabão, escova e um produto químico especial que achei no banho. A mancha não sai. Está aí, indelével. Ao contrário, parece-me que a cada esforço para apagar, destaca-se mais.

SOROR BEATRIZ – Charles Nodier



"Sóror⁽⁵⁾ Beatriz" é uma narrativa fantástica de Charles Nodier, um dos primeiros escritores da escola romântica e precursor da literatura gótica na França. Nodier, que admirava Hoffmann, traduziu Polidori e exerceu influência em autores portentosos como Hugo e Musset.

Não longe do mais alto cume do Jura, descendo um pouco pela sua vertente ocidental, ainda haverá meio século via-se um montão de ruínas que fora outrora a igreja e o mosteiro de Nossa Senhora dos Espinhos-Floridos. É na extremidade de uma garganta estreita e profunda, porém muito mais abrigada do lado do norte, e que por amor dessa feliz posição, produz cada ano as primeiras e mais belas flores daquela região.

Dali a meia légua, a extremidade oposta deixa também ver as ruínas de um antigo solar de fidalgo, que desapareceu como a casa do Senhor. Sabe-se unicamente que era ocupada por uma família mui celebre em armas, e que o derradeiro dos nobres cavaleiros que lhe davam o nome morrera na conquista do sepulcro de Cristo, sem deixar herdeiros que perpetuassem o seu sangue. A sua inconsolável viuva não abandonou lugares tão próprios para alimentar sua melancolia: a fama porém da sua devoção espalhou-se longe com os seus benefícios, e uma gloriosa tradição recomenda na memória aos eternos respeitos das gerações cristãs. O povo que de todos os títulos dela se esqueceu, ainda a chama de Santa.

Um desses dias em que, a ponto de concluir-se, o inverno aplaca súbito o seu rigor, sob as influencias de um céu temperado, passava a Santa, segundo o seu costume, pela extensa avenida do seu castelo, embebido o espírito em pias meditações.

Assim chegou até aos espinheiros que ainda hoje terminam essa avenida, e não pouco atônita ficou ao ver um desses arbustos já enfeitados com toda as suas galas de primavera. Diligente aproximou-se para certificar-se de que não era produzida essa aparência por algum resto de rebelde neve, e encantada por ver

coroado realmente o arbusto por uma imensidade de estrelinhas brancas rajadas de encarnado, cortou cuidadosamente um galho para suspender-lo em seu oratório a uma imagem da Virgem Nossa Senhora, a quem, desde a mais tenra infância, votava grande veneração, e alegre voltou para a casa levando essa inocente oferenda.

Ou fosse realmente agradável á divina mãe de Jesus esse fraco tributo, ou esteja reservada uma especial, indefinível satisfação á menor efusão de um coração terno para o objeto a quem ama, nunca a emoções mais inefáveis se havia expandido a alma da nobre castelã do que nessa doce tarde. Por isso, pois, com ingênua alegria assentou em voltar todos os dias ao florido espinheiro, e em trazer todos os dias novas flores. Bem se adivinha que foi ela fiel a essa promessa.

Entretanto, um dia, tendo-a o cuidado que dava aos pobres e aos enfermos ocupado mais tempo do que costumava, por mais que se apressasse por chegar ao seu agreste jardim, fez-se noite; e dizem que já ia sentindo o ter-se entranhado por essas solidões, quando pura e serena claridade, como a que espalha o despontar do dia, mostrou-lhe súbito floridos todos os seus espinheiros.

Suspendeu imediatamente os seus passos por pensar que essa luz podia porvir de algum rancho de salteadores, pois impossível era imaginar que proviesse de algumas miríades de pirilampos, prematuramente nascidos. Longe estava ainda dessas noites tépidas de verão. Entretanto, apresentando-se ao seu espírito a obrigação que se havia imposto, e reanimando um pouco a sua coragem, dirigiu-se leve, e reprimindo sua respiração, para o arbusto de brancas flores, segurou com a mão trêmula um galho, que de si mesmo pareceu desprender-se-lhe nos dedos, e tomou o caminho de casa, sem olhar para traz.

Toda noite levou a santa mulher a refletir nesse fenômeno sem conseguir explicá-lo; e como tinha tomado a peito penetrar-lhe o mistério, logo no dia seguinte, pela mesma hora, dirigiu-se para os espinheiros, acompanhada de um fiel criado e pelo seu velho capelão. Como na véspera, ali reinava a mesma branda claridade, e mais viva e radiante parecia ir sendo ao passo que dela se aproximavam. Pararam então e ajoelharam: pois entenderam que essa luz vinha do céu. Depois disso, o bom padre levantou-se sozinho, deu alguns passos respeitosos para as floridas espinhas cantando um hino da igreja, separou sem esforço os galhos, pois abriam-se como um véu. O espetáculo que então aos seus olhos se ofereceu, tanta admiração lhes causou que ficaram muito tempo

imoveis, repassados de jubilo e gratidão.

Era uma imagem da Santa Virgem, aberta com a simplicidade em grosseiro tronco, animada com as cores da vida por pouco hábil pincel, e coberta de vestes que revelavam ingênuo luxo: dela porém emanavam esse maravilhoso esplendor que iluminava os lugares circunvizinhos.

– Ave, Maria cheia de graça - disse enfim o capelão prosternado; e ao harmonioso sussurro que em todo o bosque se ouviu, pôde-se crer que os anjos em coro o repetiam.

Ao depois recitou o capelão com solenidade essas admiráveis ladainhas em que a fé fala, sem sabe-lo, a linguagem da mais sublime poesia, e depois de novos actos de admiração, levantou a estátua nas mãos, para leva-la ao castelo, em que devia achar um santuário mais digno dela, em quanto a santa viuva e o criado, com as mãos postas e inclinadas as cabeças, acompanhavam-o lentamente, unindo-se às suas orações.

Não careço dizer que a milagrosa imagem foi posta em um elegante altar, rodeada de odoríferos círios, banhada com perfumes, ornada de rica corôa, saudada, até o meio da noite, pelos hinos dos fiéis. Entretanto, pela manhã, não a acharam mais, e vivo foi o terror entre todos os cristãos que com a sua conquista de tão puro entusiasmo haviam exultado. Que desconhecido pecado podia ter merecido esse desfavor á morada da Santa? Porque a teria deixado a celeste Virgem? Que nova morada teria escolhido? Sem duvida o adivinham. A bem aventurada mãe de Jesus havia preferido a modesta sombra dos seus prediletos espinheiros ao brilho de uma mundana morada. Tinha voltado para o meio dos frescos bosques, para gozo da paz de sua solidão e dos suaves eflúvios das suas flores. Todos os habitantes do castelo para lá se dirigiram á noitinha, e lá acharam mais resplandecente que na véspera. Caíram ajoelhados em respeitoso silencio.

- Poderosa rainha dos anjos! disse a castelã, é essa morada que preferis. Seja feita a vossa vontade.

Pouco depois, em torno da venerada imagem, erguia-se um templo ornado com todos os enfeites prodigalizados pela arquitetura inspirada desses séculos de imaginação e de sentimento. Os grande da terra quizeram enriquece-lo com os seus donativos, dotaram-no os reis com um tabernáculo de ouro puro. A fama de seus milagres espalhou-se ao longe por todo o mundo cristão, e por amor dela ao vale acodiu uma multidão de piedosas mulheres que se puseram sob a regra de um convento. Mais do que nunca pelas luzes da graça comovida, a santa viuva não pôde rejeitar o titulo de superiora dessa casa. Nela morreu cheia de

dias, depois de uma vida de boas obras, de exemplos e de sacrifícios, que se exalou aos pés dos altares da Virgem.

Tal é, pelas crônicas manuscritas da província, a origem da igreja do convento de Nossa Senhora dos Espinhos-Floridos.

Dois séculos já se haviam passado depois da morte da Santa, e uma moça de sua família ainda era, segundo o uso aceito, *soror custode*⁽⁶⁾ do santo tabernáculo; o que quer dizer que confiada lhe estava a guarda dele, e que pertencia-lhe a ela abrir o tabernáculo nos dias solenes em que a milagrosa imagem era oferecida á devoção dos fiéis. Cabia-lhe o cuidar da elegância sempre nova dos seus enfeites, sacudir a poeira e os insetos malfazejos, colher, para compor sua corôa ou para ornar o seu altar, as flores do jardim as mais graciosas de porte, as mais castas de cor, e dispo-las em flores, grinaldas e ramalhetes que chamavam, pela grande janela aberta ao sol no oriente, uma multidão de borboletas de púrpura e de azul, flores voadoras da solidão. Entre esses inocentes atributos, a flor da espinha era sempre preferida na sua estação, e imitada em todas as outras com uma arte cujo segredo já nesse tempo haviam as boas freiras roubado á natureza. Descansava ela no seio da bela imagem em abundante ramallete atado com a fita de prata. As próprias borboletas poder-se-iam ás vezes enganar; não se atreviam porém a pousar nessas flores celestes que para elas não haviam sido feitas.

A *soror custode* chamava-se então Beatriz. Tendo de idade os seus dezoito anos, mal teria ouvido dizer que era formosa, pois aos quinze anos entrara na casa da Santa Virgem, tão pura como as suas flores.

Há uma idade feliz ou funesta em que o coração da moça compreende que foi criado para amar: nessa idade estava Beatriz.

Essa necessidade porém, a princípio vaga e inquieta, apenas lhe fizera mais a peito tomar os seus deveres. Incapaz de explicar então os secretos movimentos que a agitavam, tinha-os tomado pelo instinto de um pio fervor que se acusa de não ser tão ardente como cumpriria, e que ainda se julga em obrigação para com o que ama, em quanto o não ama com entusiasmo e com delírio. Sua inexperiência não percebia o desconhecido objeto desses assomos, e entre os que por assim dizer caíam sob os sentidos (se me é lícita a expressão), de sua alma ingênua, só a Virgem Santa lhe parecia digna dessa apaixonada adoração a qual mal podia bastar a sua vida. Esse culto de todos os momentos havia-se tornado a ocupação única do seu pensamento, o encanto único de sua solidão; até os seus sonhos era por ele cheios de misteriosa languidez e de inefáveis

arroubos. Viam-na muitas vezes prosternada diante do tabernáculo, exalando para sua divina protetora orações entrecortadas de soluços, molhando com suas lágrimas o mármore; e a Virgem celeste sorria-se sem duvida do alto do seu trono eterno, vendo essa feliz e terna ilusão da inocência; pois a Virgem Santa gostava de Beatriz e comprazia-se em ser por ela amada. Além de que, talvez houvesse lido no coração de Beatriz que sempre assim seria amada.

Aconteceu nesse tempo um desastre que levantou o véu por sob o qual tanto tempo oculto estivera a ela própria o segredo de Beatriz. Um fidalgo dos arredores, acometido por salteadores, foi deixado como morto na floresta, e embora mal conservasse as fracas aparências de uma existência prestes a extinguir-se, os criados do mosteiro levaram-no para a enfermaria. Possuindo nessa época as filhas dos fidalgos, logo nos seus primeiros anos, o formulário das receitas e a arte de pensar^[2], os feridos, mandou a superior que fosse Beatriz socorrer o agonizante. Empregou ela tudo quanto sabia dessa útil ciência; mais contava porém com a intercessão da Virgem milagrosa, e suas compridas e afanosas vigílias repartidas entre os desvelos da enfermeira e as orações da serva de Maria, obtiveram todo o prospero resultado que havia ela esperado. Raymundo abriu os olhos ao dia e reconheceu a sua salvadora; tinha-a visto algumas vezes no castelo do seu nascimento.

– Como! exclamou; sois vós, Beatriz, quem torno a ver? vós, a quem tanto amei na minha infância, e que a autorização, ai de mim! tão depressa esquecida, de vosso e do meu pai, me havia feito esperar por esposa! Que funesto acaso me fez encontrar-vos e achar-vos presa nos vínculos de uma vida que não é feita para vós, e para sempre separada dessa brilhante sociedade de que ereis o mais belo ornato? Ah! se de vós mesma escolheste esse viver de solidão e abnegação, Beatriz, juro-vos que é porque ainda não conheceis o vosso próprio coração. A obrigação que contraístes na ignorância em que estáveis dos sentimentos naturais de tudo quanto respira, é nula diante Deus, como diante dos homens. Atraiçoastes, sem sabe-lo, o vosso destino de amante, de esposa, de mãe. Condensa-te-vos, mísera e querida menina, a dias de tédio, de amargura e de enfados, cuja perene tristeza de ora em diante por nem-um prazer terá de ser mitigada! E entretanto é tão doce amar, tão doce ser amado, tão doce reviver, porque amamos, nos objetos do nosso amar! Os puros gozos de uma afeição que dobra, que multiplica a existência, a ternura de um adorado amante, que com festas novas embeleza todos os vossos momentos, que só vive para agradar-vos, para vos querer; os inocentes afagos de desses lindos filhinhos tão cheios de viço e de graça, tão expansivos da alegria de existirem, e um bárbaro

capricho vos terá feito condenar a nada! eis que perdestes, eis o que para sempre tereis perdido, minha Beatriz, se uma cega obstinação vos conservar no abismo em que caístes.

– Mas não, prosseguiu com mais viva expansão, não hás de desconhecer as intenções do teu e do meu Deus, que nos reuniu aqui para nunca mais nos separarmos! Hás de ceder aos votos do amor que te implora e ilumina! Serás a esposa de Raymundo, como és sua irmã, e sua amada! Não desvies de mim teus olhos, cheios de lágrimas! não lhe arranques tua mão que nas dele treme! Diz-lhe que estás pronta para acompanhá-lo, para nunca mais deixá-lo!...

Beatriz não respondeu; não tinha podido achar expressões que dissessem o que sentia. Separou-se dos enfraquecidos braços de Raymundo, retirou-se perturbada, anelante, palpitando, e foi jogar-se aos pés da Virgem, sua consolação e seu apoio. Ali desfez-se em pranto como anteriormente; já não era porém de comoção desconhecida e sem objeto esse pranto, era um sentimento mais poderoso que a devoção, mais poderoso que o opróbrio, mais poderoso – ai, mísera! – de que essa Virgem Santa cujo auxilio debalde invocava. E suas lágrimas desta vez eram ardentes e amarguradas. Viram-na muitos dias consecutivos prosternada e suplicante: não causou porém admiração, pois todos no convento conheciam a sua apaixonada devoção. O resto das suas horas, passava-os na câmara do ferido, cujo curativo aliás já não exigia tão assíduos cuidados.

Uma noite, á hora em que fechada está a igreja, em que todas as freiras estão recolhidas em suas celas, em que tudo se cala, até a oração... ali se dirige Beatriz para o coro com vagaroso passo; ei-la que larga sobre o altar a sua lâmpada, ei-la com que trêmula mão abre a porta do tabernáculo, e desvia-se abaixando os olhos, como se receasse ser pelos olhos da rainha dos anjos fulminada: ei-la, enfim, que prostra-se no chão.

Que falar, morrem-lhe nos lábios as palavras, ou perdem-se entre soluços. Com o seu véu, com as suas mãos, envolve a sua fronte: procura sossegar, acalmar-se; tenta um derradeiro esforço: consegue arrancar do coração alguns sons confusos, sem saber se é uma oração, se uma blasfêmia o que profere.

– Ó celeste benfeitora de minha mocidade, disse, ó vós, a quem tanto tempo exclusivamente amei, e que continuas sempre a ser mais cara soberana de minha alma, a que indigna partilha vos faço descer! Ó Maria, divina Maria! porque me desamparastes? porque consentistes que a vossa Beatriz caísse vítima das horríveis paixões do inferno? Ai de mim! bem sabeis se á que me devora

sucumbi sem combate! Hoje é irremediável, Maria, está tudo para sempre acabado! já não vos servirei, pois já de servir-vos não sou digna. Irei esconder de vós o eterno pesar de meu crime, o dó eterno da minha inocência, que nem vós própria podeis restituir-me. Consenti entretanto, Maria, que ainda me atreva a adorar-vos! Compadecei-vos das lágrimas que derramo, e que ao menos provam quanto alheia ficou minha vontade de cobardes traições dos meus sentidos! acolhei a derradeira das minhas adorações como as outras acolhestes: ou antes, se o meu zelo pelos vossos altares foi credor de alguma gratidão, mandai a morte á mísera que vos implora, mandai-lhe a morte antes que ela vos deixe!

Ao concluir essas palavras, levantou-se Beatriz, aproximou-se tremendo da imagem da Virgem Santa, ornou-as com flores novas, guardou as que acabava de substituir, e pela primeira vez envergonhada do uso pio que delas tinha direito de fazer, apertou-as ao coração, e guardou-as em um saquinho bento do seu escapulário para nunca mais dele separar-se. Ao depois, voltou um derradeiro olhar para o tabernáculo, deu um grito de terror e fugiu.

Na noite seguinte, rápida carruagem levou para longe do convento o belo cavalheiro ferido e uma freira infiel aos seus votos, que com ele fugia.

O primeiro ano que se seguiu foi todo dado á deliciosa embriaguez da paixão satisfeita. O mundo era para Beatriz um espetáculo novo, de inexauríveis gozos. Em redor dele multiplicava o amor todos os recursos da sedução que podiam perpetuar o seu erro e consumir a sua perdição. Não saia ela dos sonhos da voluptuosidade senão para acordar no meio das alegrias dos festins, entre os folguedos dos bailarinos e os cantares dos menestrels. Sua vida era uma festa insensata, em que a voz seria da reflexão, abafada pelos clamores da orgia, teria debalde forcejado para ser ouvida; e entretanto Maria não tinha de todo saído da sua memória. Mais de uma vez ai adornar-se com suas galas, tinham seus dedos irrefletidamente abertos de seu escapulário. Mais de uma vez tinha deixado cair no murcho ramalhete da virgem um olhar e uma lágrima. Mas de uma vez tinha a oração chegado aos seus lábios, como a oculta chama rompe ás vezes de sob as cinzas que a abafam; mas neles se havia apagado sob os beijos do sedutor; e entretanto, até no meio do seu delírio, um secreto sentimento lhe dizia que ainda a poderia salvar uma oração.

Não tardou em sentir que não há amor duradouro senão o que pela religião é purificado, que só o amor do Senhor de Maria livre está das vicissitudes dos nossos sentimentos, que único ente todas as afeições, parece ele crescer e

fortificar-se com o tempo, enquanto ardem e consomem-se os outros tão depressa nos nossos corações de cinza. Todavia amava ela Raymundo, tanto quanto podia amá-lo; um dia porém veio em que reconheceu que já não era por ele amada. Fez-lhe esse dia prever um dia mais horrível, o em que seria de todo abandonada por esse amor de quem abandonara o altar: chegou também esse dia tão receado, Beatriz achou-se sem apoio na terra, ai mísera! E sem apoio no céu.

Debalde em suas recordações procurou uma consolação, um refúgio em suas esperanças. As flores do escapulário haviam murchado como as da felicidade: seca estava a fonte das lágrimas e da oração. O destino que Beatriz se havia preparado, ali acabava de cumprir-se. A mísera aceitou a sua condenação eterna. Quanto mais de alto se cai no caminho da virtude tanto mais ignominiosa é a queda, tanto mais é irreparável. Assustou-se a principio com o seu opróbrio; por fim, a ele se acostumou, pois despedaçada estava a mola de sua alma.

Quinze anos assim correram, e nesses quinze anos o anjo tutelar, que o batismo dera a seu berço, o anjo de fraternal coração que tanto a amara, cobriu-se com sua cinza, e chorou.

Oh! quantos tesouros consigo levaram esses anos fugitivos! Inocência, pudor, mocidade, beleza, amor, essas rosas da vida que só uma vez florescem, e até o sentimento da consciência que compensa todas as mais perdas! As jóias que outrora a haviam ornado, ímpios tributos pagos pela devassidão ao crime, foram-lhe por algum tempo um recurso, que pouco devia durar. Ficou só, desamparada, objeto do desprezo de todos e de si própria, entregue aos insolentes desdêns do vício, e odiosa á virtude, asqueroso exemplo de ignomínia e de miséria que as mais mostravam aos seus filhos para os desviar do pecado.

Cansou de ser destinada á compaixão e só receber esmolas que uma pia repugnância ás vezes prendia nas mãos da caridade, e de não ser socorrida senão por pessoas que coravam envergonhadas e desviavam-se para dar-lhe um bocado de pão. Um dia envolveu-se nos seus andrajos, que em sua flor tinham sido ricos vestidos, resolveu ir esmolar os alimentos do dia e o asilo da noite de quem nunca a tivesse conhecido! Felicitou-se por ocultar a sua infâmia no seu infortúnio, e partiu, pobre mendiga, não levando por fortuna senão as flores que outrora arrancara ao ramalhete da Virgem, e que uma por uma em poeira se desfaziam sob seus áridos lábios. Beatriz ainda era moça; mas o opróbrio e a fome tinham impresso em sua fronte esses horríveis vestígios que revelam prematura velhice. Quando pálido e mudo implorava tímido o seu rosto as

esmolas dos que a encontravam, quando sua mão alva e delicada abria-se estremecendo para receber os seus dons, ninguém havia que não sentia que devia ela ter tido outros destinos neste mundo. Os mais indiferentes paravam diante dela com um amargurado olhar que queria dizer: – Ó minha filha, como caíste? – pois de há muito tempo que já não podia chorar.

Caminhou por muito tempo; muito tempo! Sua peregrinação só com a morte deveria ter fim. Um dia especialmente, tinha percorrido, desde o raiar do sol, pela encosta de uma escavada montanha, uma vereda perigosamente íngreme, sem que o aspecto de alguma casa viesse consolar o seu cansaço; por único alimento tinha tido algumas insípidas raízes, arrancadas às fendas dos rochedos. Seu calçado acabava de aos pedaços cair-lhe dos ensangüentados pés; sentiu-se desfalecer de fadiga e de penúria, quando, á noite fechada, súbito excitou sua atenção o aspecto de uma comprida enfiada de luzes que anunciavam uma vasta habitação, e para as quais se dirigiu com todas as forças que lhe restavam; mas ao sinal argentino de uma sineta, cujo som o seu coração despertou numa singular e vaga recordação, apagaram-se ao mesmo tempo todos os fogos, e em torno dela não mais houve do que noite e silêncio. Deu entretanto mais alguns passos, com os braços estendidos, e encostando as suas trêmulas mãos em uma porta fechada. Ali firmou-se um momento para tomar fôlego, e procurou segurar-se para não cair; débeis, porém, atraíçoadam-na seus dedos e cederam ao peso do seu corpo.

– Ó Santa Virgem! exclamou, porque te abandonei?

E a mísera Beatriz desmaiou no lumiar.^{8}.

Quão leve é aos culpados a cólera de Deus! Noites assim expiam uma vida inteira de desordens! O frio ativo da madrugada mal começava a nela reanimar um sentimento confuso e doloroso da existência, quando percebeu que não estava só. Uma mulher, ajoelhada ao pé dela, levantava-lhe atenta a cabeça, e contemplava-a com inquieta curiosidade, aguardando que de todo voltasse a si.

– Seja Deus louvado! disse a boa rodeira.^{9}, pois já a esta hora nos manda uma obra pia por fazer, um infortúnio a que acudamos! É ocorrência de feliz agouro para a gloriosa festa da Virgem Santíssima que hoje celebramos! Como porém vos não lembrastes, minha cara, de puxar a sineta, ou de bater na porta? Não havia hora em que as vossas irmãs em Jesus Cristo não estivessem prontas para receber-vos. Bem, bem! não me respondais agora, pobre ovelha perdida!

Fortificai-vos com este caldo que a toda pressa aqueci, logo que vi o vosso estado; provai deste generoso vinho que dará calor ao vosso estômago e flexibilidade aos vossos doloridos membros. Fazei-me sinal de que vos achais melhor. Bebei, bebei tudo, e agora, antes de vos levantardes, cobri-vos com esta manda que aqui vos deitei nos ombros; ponde entre as minhas mãos a vossa tão frias mãozinhas, para que, aquecendo-as, lhes faça voltar o sangue e a vida. Já sentis como com o meu sopro s vão desentorpecendo os vossos dedos? Oh! daqui a pouco estareis estabelecida.

Repassada de ternura, apertou Beatriz as mãos da digna freira, e por diversas vezes levou-as aos lábios.

– Já me sinto boa, disse-lhe, já me sinto em estado de ir agradecer a Deus o haver-me encaminhado para esta santa casa. Todavia, para que a possa eu abranger nas minhas orações, tende a bondade de dizer-me onde estou!

- E onde estarei, tornou-lhe a rodeira, senão no convento de Nossa Senhora dos Espinhos-Floridos,; pois nestes ermos, a cinco léguas em redor, não mosteiro?

– Nossa Senhora dos Espinhos-Floridos! exclamou Beatriz com um grito de alegria loco acompanhado pelos sinais da mais profunda consternação; Nossa Senhora dos Espinhos-Floridos! tornou, inclinando a cabeça para o seio. Compadeça-se de mim o Senhor!

– Como, minha filha! disse a caridosa hospitaleira, pois não o sabeis? Verdade é que de bem longe pareceis vir, pois nunca vi trajar de mulher que com o vosso se parecesse. Mas Nossa Senhora dos Espinhos-Floridos não limita a sua proteção aos habitantes desta terra. Não ignoras, se dela ouviste falar, que é boa para todos.

– Conheço-a e servi-a, respondeu Beatriz; mas de bem longe venho, como dizeis, minha mãe, e não é de admirar que os meus olhos não reconhecem logo essa morada de paz e de benção. Ah! sim, aqui estão a igreja e o claustro, ali os espinheiros em que tantas flores colhi. Ah! como ainda são cobertos de flores!... Bem menina ainda era quando os deixei! Era no tempo, prosseguiu levantando a cabeça, para o céu com essa expressão resoluta que dá ao remorso do cristão a abnegação de si próprio, era no tempo em que Soror Beatriz servia de *custode* da santa capela. Recordai-vos disso, minha mãe?

– Como posso ter esquecido, filha, se Soror Beatriz ainda é a *custode* da santa capela; se até hoje ficou conosco, se ficará ainda longos anos para edificação de toda a comunidade; se, depois da proteção da Santa Virgem, não conhecemos apoio mais seguro no céu?

– Não falo dessa, atalhou Beatriz suspirando amarguradamente; falo de outra Beatriz que acabou a sua vida no pecado, e que haverá dezesseis anos, desempenhava essas mesmas funções.

– Deus, que é bom, vos não há de castigar dessas insensatas palavras, disse a rodeira, achegando-a para o seu peito. A penúria e a enfermidade, que alteram os vossos espíritos, perturbam a vossa memória com essas tristes visões. Há mais de dezesseis anos que resido neste convento, e nunca lhe conheci outra *custode* da santa capela, a não ser soror Beatriz. Ao demais, já que estais decidida a apresentar a Nossa Senhora as vossas devoções, ide, irmã, e aos pés do tabernáculo já achareis soror Beatriz, e facilmente a reconheceréis, pois quis a divina bondade que com a velhice não fosse ela perdendo nem-uma das graças de sua mocidade. Virei buscar-vos já para vos não deixar até vosso completo restabelecimento.

Concluindo essas palavras, recolheu-se a rodeira para o claustro. Beatriz chegou-se vacilando para a escada da igreja, ajoelhou-se no adro, inclinou a cabeça até o chão; depois animou-se um pouco, levantou-se, e de coluna em coluna alcançou a grade, e ali caiu ajoelhada. Através da nuvem que lhe obscurecia a vista, tinha apercebido a *soror custode* que estava de pé diante do tabernáculo.

Pouco a pouco, a freira para ela se aproximava fazendo a sua costumada visita do santo lugar, acendendo as apagadas lâmpadas, substituindo às grinaldas da véspera por novas grinaldas. Beatriz não podia acreditar no que via. Essa freira era ela própria, não a qual a tinham deixado os anos, os vícios e a desesperação, mas qual devia ser na inocência dos seus primeiros anos. Seria uma ilusão produzida pelo remorso? Seria algum milagroso castigo, antecipado sobre os que lhe reservava a celeste maldição?

Na dúvida escondeu a cabeça nas mãos, encostou-a imóvel aos varões da grade, balbuciando com a extremidade dos lábios as mais ternas das suas orações de outrora.

E entrando continua a aproximar-se a *soror custode*. Já tinham as dobras de seu vestido roçado nos varões. Beatriz aterrada nem se atrevia a respirar.

– És tu, querida Beatriz, disse a freira com uma voz de tanta doçura que nem-uma palavra humana poderia exprimir. Não careço ver-te para te reconhecer; pois as tuas orações a me se dirigem tais quais outrora as ouvi. Há muito que te esperava; como porém contava certa com a tua volta, tomei o teu lugar no dia

em que me deixaste, para que ninguém desse fé da tua ausência. Sabes agora o que valem os prazeres e a ventura cuja imagem te havia seduzido, e não te hás de mais daqui retirar. Estamos unidas pelo século e pela eternidade. Volta pois cheia de confiança para o teu lugar entre as minhas filhas. Acharás na tua cela, de cujo caminho não estás esquecida, as vestes que havia deixado, e com que revestirás tua primeira inocência de que são elas emblema. Graça é esta não muito comum, e que, ao teu amor devida, para o teu arrependimento obtive e reservei. Adeus, *soror custode* de Maria, amai a Maria como sois por ela amada!

Era com efeito Maria; e quando confusa para ela levantou Beatriz os olhos lavados em pranto, quando para ela estendeu os seus braços palpitantes, redendo-lhe ações de graça cortadas de soluços, viu subir a Santa Virgem ao degrau do altar, abrir a porta do tabernáculo, sentar-se em sua celeste glória, por sob a sua auréola de ouro, e por sob as grinaldas de flores de espinho.

Comovida em extremo estava Beatriz, quando desceu ao coro: ia ver as suas companheiras cuja fé havia atraído, e que tinham envelhecido, extremes de censuras, na prática de austero dever. Insinuou-se por entre as freiras, cabisbaixa, e prestes a humilhar-se com a reprovação que lhe manifestassem. Com o coração vivamente agitado, prestou atento ouvido às vozes das freiras, e nada percebeu a seu respeito. Como nem-uma delas havia reparado na sua ausência, nem-uma deu atenção á sua volta. Precipitou-se aos pés da Virgem Santa, que nunca lhe parecera tão formosa, e que parecia sorrir-lhe. Nos sonhos de sua vida de ilusões, nada havia compreendido que de tamanha ventura se aproximasse.

A divina festa de Maria (pois julgo ter dito que tudo isso se passava no dia da Assunção) foi celebrada com um recolhimento e um êxtase de que mal teriam dado ideia as mais belas solenidades anteriores a essa comunidade de virgens imaculadas, como a sua rainha. Uma tinham visto desprender-se do tabernáculo luzes maravilhosas. Outras tinham ouvido confundir-se o cantar dos anjos com os seus pios cânticos, e tinham parado respeitadas para perturbar celeste harmonia. Contavam-se com mistério que havia nesse dia festa no paraíso, como no mosteiro dos Espinhos-Floridos, e por fenômeno admirável nessa estação, todos os espinheiros dos arredores tinham tornado a florescer, de modo que por toda a parte tudo era primavera e delicioso perfumes. É que uma alma tinha voltado ao seio do Senhor, purificada de todas as enfermidades, de todas as ignomínias da nossa condição, e que não há festa que mais agradável seja aos Santos. Uma única inquietação obscureceu para um momento a inocente alegria das servas da Virgem. Uma pobre velhinha, que era quem tudo mostrava

sofrimento e angustia, tinha-se sentado pela manhã no limiar do mosteiro. A irmã rodeira a tinha visto, e imperfeitos socorros lhe havia dado; tinha-lhe preparado uma cama macia e tépida em que descansasse os membros débeis e enfraquecidos pelas privações, e ao depois tinha-a inutilmente procurado. Essa infeliz havia desaparecido sem deixar vestígio algum; pensava-se porém que soror Beatriz a houvesse visto na igreja em que se refugiara.

– Sossegai, minhas irmãs, disse Beatriz comovida a ponto de chorar com esses ternos desvelos; sossegai, prosseguiu apertando nos braços a irmã rodeira; vi essa mísera velhinha, e sei o que foi feito dela. Pois, minhas irmãs, está ela agora feliz, mais feliz do que merecia, e do que tereis podido esperar.

Essa resposta acabou com todas as inquietações; causou porém espanto; pois era a primeira palavra severa que da boca de Beatriz se tinha ouvido.

Ao depois, toda a existência de Beatriz passou-se como um só dia, como esse dia do porvir que está prometido aos eleitos do Senhor, sem prazeres, nem saudades, sem temor, sem mais comoções (pois delas nunca de todo se eximem os corações sensíveis) do que a devoção para com Deus e a caridade para com os homens. Viveu um século sem nunca mostrar haver envelhecido; porque só as paixões más envelhecem os corpos: a vida dos justos é perpetua mocidade...

Entretanto faleceu Beatriz, ou antes, adormeceu serena no breve sono do sepulcro que separa do tempo a eternidade. A igreja honrou sua memória com gloriosa recordação, pondo-a entre os seus Santos.

A MAÇÃ – H.G. Wells

– Preciso desfazer-me dela! – falou, rompendo bruscamente o silêncio, o homem que estava sentado a um canto do compartimento.

Não tendo ouvido bem, Hinchcliff levantou a cabeça. Até então tinha estado absorto a contemplar sua borla de estudante, atada com um cordão às calças da mala de viagem, como um sinal exterior e visível da sua posição pedagógica recém-adquirida; deixara-se ficar imerso no deslumbramento que lhe causavam aquela borla e as agradáveis perspectivas que ela lhe desvendava, Hinchcliff acabara de matricular-se na Universidade de Londres e ia ocupar um lugar de segundo assistente no Colégio de Holmwood, situação essa bastante invejável. Fitou, intrigado, o seu companheiro de viagem.

– Por que não me desfazer dela? – repetiu o desconhecido. – dá-la!... Por que não?

Era um homem alto, moreno, de tez queimada pelo sol, o rosto pálido. Conservava os braços estreitamente cruzados sobre o peito e apoiava os pés em um pequeno banco à sua frente. Alisava o bigode negro, enquanto olhava fixamente para os bicos dos sapatos.

– Porque não? – tornou a dizer.

Hinchcliff tossiu.

O desconhecido ergueu os olhos – uns olhos de cor cinzenta escura, penetrantes – e durante coisa de um minuto fitou Hinchcliff como se não o visse. Depois seu rosto pareceu assumir uma expressão de interesse.

– Sim, – disse lentamente, – por que não? E acabar de uma vez com isto?

– Penso que não o estou compreendendo muito bem – disse Hinchcliff, tossindo novamente.

– O senhor não está me compreendendo? – perguntou, maquinalmente, o desconhecido, enquanto seus olhos iam de Hinchcliff para a mala, onde se ostentava a borla acadêmica, e voltavam a examinar o rosto penugento de Hinchcliff.

– O senhor falou um pouco de repente – disse Hinchcliff, à guisa de desculpa.

– E não haveria de falar? – replicou o desconhecido, como a seguir o curso de seus pensamentos. – O senhor é estudante, não?

– Sou estudante por correspondência da Universidade de Londres – respondeu Hinchcliff com indisfarçado orgulho e levando nervosamente a mão à gravata.

– Anda em busca do saber – falou o desconhecido. E com um rápido movimento tirou os pés de cima do banco, pôs a mão sobre os joelhos e fitou Hinchcliff como se nunca em sua vida tivesse visto um estudante. – Anda, sim! – e apontou para ele com o dedo em riste.

Depois levantou-se, tirou do porta-bagagem a sua maleta e abriu-a. Sem dizer uma palavra, apanhou lá dentro um objeto de forma arredondada, envolvida em grande quantidade de papel prateado, que desdobrou cuidadosamente. Estendeu o objeto a Hinchcliff: era um pequena fruta de cor dourada, muito macia ao tato.

Hinchcliff permaneceu um instante boquiaberto, os olhos arregalados. Não fez nenhum gesto para pegar no objeto – se é que lhe estava sendo oferecido.

– Isto aqui – disse o desconhecido, articulando lentamente as palavras – é a Maçã da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Olhe para ela: pequenina, brilhante, maravilhosa... A Ciência do Bem e do Mal!... E vou lhe dar.

Hinchcliff teve um minuto de penoso esforço mental, depois lhe ocorreu a explicação evidente, que esclarecia toda a situação: estava diante de um louco – um louco de temperamento galhofeiro. Inclinou a cabeça, num gesto de condescendência.

– A Maçã da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, hein? – falou Hinchcliff, olhando para a fruta e simulando um profundo interesse: tornou a encarar o seu interlocutor. – Mas por que não a come o senhor mesmo? E, além disso, como é que ela veio ter às suas mãos?

– Nunca se estraga! Há três meses que a possuo e está sempre brilhante, lisa, madura e apetitosa, como a vê agora.

Pôs de novo a mão sobre o joelho e contemplou a maçã com ar sonhador, depois começou a embrulhá-la de novo no papel prateado, como se tivesse abandonado a idéia de oferecê-la.

– Mas como foi que a arranjou? – insistiu Hinchcliff, que tinha seu lado polêmico. – E como sabe que é o fruto da Árvore?

– Recebi este fruto – disse o desconhecido – há três meses, em troca de um gole d'água e de uma côdea de pão. O homem de quem o ganhei, por lhe ter salvo a vida, era um armênio. A Armênia! Aquele país de maravilhas, o primeiro de

todos os países, onde a Arca de Noé permanece até o dia de hoje, sepultada nas geleiras do monte Arará! Aquele homem, como lhe dizia, ao fugir com outros diante dos curdos, que haviam caído sobre eles, foi ter a lugares desertos no alto das montanhas, lugares que ninguém na terra conhece. Fugindo diante de seus perseguidores, chegaram a uma encosta entre os picos das montanhas. Crescia ali uma erva verde, cujas hastes eram como lâminas que cortavam e dilaceravam impiedosamente todos aqueles que se aventuravam a atravessá-las. Os curdos iam-lhes no calcanhar e não lhes restava outra esperança de salvação a não ser embrenharem-se naquele ervaçal. E o pior foi que os atalhos que eles abriram à custa do próprio sangue serviram aos curdos para os seguirem. Todos os fugitivos foram mortos, exceto aquele armênio e um outro. Ele ouviu os gritos e gemidos dos companheiros e o farfalhar das ervas em volta daqueles que os perseguiam, pois essas ervas eram da altura de um homem. Ouviu então um brado e respostas e, quando ele enfim parou de correr, tudo estava em silêncio. Continuou em frente, sem nada compreender, com o corpo dilacerado e sangrando, até que chegou a uma escarpa que dava para um precipício. Dali pôde ver, atrás de si, o ervaçal incendiado e a fumaça erguendo-se com um véu entre ele e os inimigos.

O desconhecido calou-se por um instante.

– Bem, e depois? – quis saber Hinchcliff.

– Lá estava ele, pois, o corpo todo rasgado pelas ervas cortantes. Os rochedos escaldavam ao sol da tarde – o céu como latão fundido – e a fumaça do incêndio caminhando para ele. Não ousou permanecer ali. A morte não o atemorizava; mas a tortura! Ao longe, para lá da fumaça, ouviu gritos e súplicas. Eram as vozes das mulheres. Então ele começou a subir por uma garganta nos penhascos, por entre moitas de arbustos cujos ramos secos o espetavam como espinhos, até chegar ao topo da rocha, onde se ocultou. Encontrou ali o companheiro, um pastor, que também havia escapado. Como o frio, a fome e a sede eram nada em comparação com os curdos, ambos continuaram a escalada em meio à neve e ao gelo. Assim erraram durante três dias.

“No terceiro, tiveram uma visão. Sei que é comum as pessoas famintas terem visões, mas no caso que lhe estou contando temos esta fruta aqui. – E mostrou na mão a fruta envolta em papel prateado. – Ouvi também esta narração da boca de outros montanhese, que conheciam algo da lenda.

“Súbito, o vale iluminou-se ao longe, muitas milhas ao longe, com uma chama dourada que vinha se aproximando pouco a pouco, fazendo as árvores parecerem negras como a noite, e envolvendo as encostas e suas próprias figuras num

resplendor de ouro. Perante essa visão, os dois homens, que conheciam as lendas das montanhas, adquiriram a certeza de que estavam diante do Éden, ou da sentinela do Éden, e prostraram-se com o rosto no chão, como fulminados de morte.

Quando ousaram levantar os olhos, o vale estava de novo na escuridão; logo a claridade reapareceu, e era como âmbar ardente.

“O pastor pôs-se de pé e, soltando um grande grito, deitou a correr para a luz, mas o outro estava assombrado demais para segui-lo. Deixou-se ficar, aturdido, estupefato, aterrorizado, vendo o companheiro atirar-se na direção daquele clarão que avançava. Mal porém o pastor dera os primeiros passos, ouviu-se um estrondo como de trovão, e um bater de asas invisíveis por sobre o vale – e desceu um grande e terrível medo; o homem que me deu esta fruta se voltou, para ver se ainda podia fugir. Tornou a subir a encosta o mais depressa possível, sentindo aquele tumulto atrás de si e, ao se chocar com uma daquelas árvores enfezadas, uma fruta madura caiu-lhe na mão. Esta fruta. Imediatamente desabou sobre ele o rumor de asas e de trovões. Rolou por terra e desmaiou. Quando voltou a si, achava-se entre as ruínas enegrecidas de sua aldeia, onde eu e alguns outros socorriamos os feridos. Fora uma visão? Mas ele ainda apertava na mão o fruto dourado da árvore. Havia ali outras pessoas que conheciam a lenda, e que sabiam que fruto podia ser esse.

Fez uma pausa.

– Ei-lo aqui.

Era sem dúvida uma história extraordinária para se contada num vagão de terceira classe da linha de Sussex. Era como se o real fosse apenas um véu do fantástico, e aqui o fantástico transbordava.

– É ele mesmo? – foi tudo quanto Hinchcliff pôde murmurar.

– Conta a lenda – prosseguiu o desconhecido – que aquelas árvores raquíticas que crescem ao redor de um jardim provêm da maçã que Adão segurava quando ele e Eva foram expulsos do paraíso. Sentiu qualquer coisa na mão, viu que era a maçã meio comida e, enraivecido, atirou-a longe. Desde então crescem ali aquelas árvores no meio do vale inóspito, rodeado de neves eternas, e a cuja entrada as espadas de fogo montam guarda até o Dia do Juízo.

– Eu julgava que todas essas histórias... – Hinchcliff fez uma pausa hesitante –

eram apenas fábulas... vamos dizer, parábolas. Então o senhor quer dizer que na Armênia...

Em resposta à pergunta inconclusa, o desconhecido exibiu o fruto na mão espalmada.

– Mas o senhor não tem certeza alguma – disse Hinchcliff – de que este seja o Fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Pode ser que o homem tivesse visto, digamos, uma espécie de miragem. Vamos supor...

– Olhe para ela, pediu o desconhecido.

Era, sem dúvida, um globo de aspecto estranho, não exatamente uma maçã, como Hinchcliff bem podia notar, e tinha uma curiosa cor dourada e brilhante, quase como se a luz fizesse parte de sua substância. Enquanto a contemplava, começou a ver de maneira mais vívida o vale isolado entre as montanhas, as espadas de fogo dos guardiões do jardim, de envolta com as estranhas imagens da Antiguidade que a história lhe suscitava.

Esfregou os olhos com o nó dos dedos.

– No entanto...

– Ela permanece como a recebi há três meses, talvez até alguns dias mais, lisa e fresca. Sem secar, sem murchar, sem apodrecer.

– Mas o senhor mesmo – disse Hinchcliff – acredita realmente que...

– É o Fruto Proibido.

Não podia haver dúvida quanto à seriedade nem quanto à perfeita sanidade mental do homem.

– O Fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal – repetiu ele.

– Admitamos que seja – disse Hinchcliff, após uma pausa e sem tirar os olhos da fruta. – Afinal de contas, esse não é o meu gênero de ciência, a espécie de conhecimento que me interessa. Quero dizer Adão e Eva já o comeram.

– Nós herdamos o pecado, não a ciência – replicou o desconhecido. – Comendo-o, tudo voltaria a ser claro e brilhante. Veríamos o âmago de todas as coisas, através de todas as coisas, até o mais profundo de todas as coisas.

– Então porque não a come? – indagou Hinchcliff, numa súbita inspiração.

– Foi com essa intenção que fiquei com ele. O homem já caiu em tentação uma vez. Simplesmente comê-lo de novo mal poderia...

– Saber é poder! – falou Hinchcliff.

– Mas será a felicidade? Sou mais velho que o senhor, tenho mais do dobro de sua idade. Muitas e muitas vezes tenho estado com este fruto nas mãos, e todas as vezes me faltou coragem, ao pensar em tudo quanto se poderia saber, naquela terrível lucidez... Suponhamos que de repente o mundo inteiro se lhe tornasse implacavelmente claro.

– Creio que isso – declarou Hinchcliff – constituiria, de modo geral, uma grande vantagem.

– Suponhamos que pudesse ler no coração e na mente daqueles que o rodeiam, até o mais recôndito de suas almas... de pessoas a quem o senhor ama e a cuja estima dá grande valor.

– Logo descobriria os embustes – disse Hinchcliff, visivelmente chocado com a idéia.

– E o que é pior, conhecer-se a si mesmo, despido das mais íntimas ilusões. Olhar para si mesmo com os olhos de ouro. Tudo que os desejos e as fraquezas o impediram de fazer. Ver-se friamente, sem misericórdia.

– Mas isso, também, seria uma coisa excelente. “Conhecer-te a ti mesmo”, não é?

– O senhor ainda é jovem – disse o desconhecido.

– Se não pensa em comer a maçã e se ela o incomoda, por que simplesmente não a joga fora?

– Acho que também neste ponto o senhor não me compreende. Para mim seria inconcebível jogar fora uma coisa como esta, esplêndida, maravilhosa. Quem a possui fica preso a ela. Mas, por outro lado, poderia dá-la. Dá-la a alguém que tenha sede de saber, que não sinta nenhum temor ante a idéia de uma percepção clara...

– É preciso lembrar – refletiu Hinchcliff – que poderia tratar-se de uma fruta venenosa.

Nesse momento o seu olhar captou, pela janela, algo imóvel – a extremidade de uma grande tabuleta branca com letras pretas: ...MWOOD. Pôs-se de pé num salto, muito aflito.

– Valha-me Deus! Holmwood! – exclamou, e a realidade palpável imediatamente dissipou as fantasias que sua imaginação começava a tecer.

Num ápice, estava abrindo a portinhola do carro, a maleta na mão. Já o guarda-freios agitava a bandeira verde. Hinchcliff saltou.

– Tome! – gritou uma voz atrás dele. Voltou-se e viu os olhos negros e brilhantes do desconhecido, a fruta dourada na mão estendida através da portinhola. Hinchcliff apanhou-a instintivamente, quando o trem já se punha em movimento.

– Não!

Era o desconhecido que gritava, fazendo um gesto como para reaver a fruta.

– Cuidado! – bradou um empregado da estação precipitando-se para fechar a portinhola.

O desconhecido, com a cabeça e o braço para fora da janela, gritava excitadamente qualquer coisa para Hinchcliff, que não entendeu. Depois, a sombra da ponte encobriu-o e um minuto depois havia desaparecido. Atônito, com a fruta maravilhosa na mão, Hinchcliff viu o último vagão sumir na curva. Durante alguns segundos ainda, permaneceu naquele estado de confusão. Depois reparou que duas ou três pessoas na plataforma o observavam com interesse. Não era ele o novo professor do Colégio de Holmwood, que ia estreitar nas suas funções? Ocorreu-lhe que aquelas pessoas podiam supor que ele, ingenuamente, queria refrescar-se chupando uma laranja. Ruborizou-se e escondeu a fruta no bolso do paletó, onde ela ficou fazendo uma saliência indiscreta. Mas não havia outro remédio e ele se dirigiu para as pessoas que o observavam, tentando embalde dissimular o seu embaraço, e indagou onde ficava o Colégio e a maneira como podia transportar para lá sua mala e as duas caixas de metal que estavam na plataforma. – “Que gente imaginosa, capaz de inventar as histórias mais fantásticas!”

Foi informado de que a bagagem podia ser levada num carrinho de mão, por meio xelim, e que ele próprio podia ir à frente, a pé. Pareceu-lhe haver uma nota de ironia na voz do seu informante. Devia estar causando uma impressão bem pouco lisonjeira.

A curiosa seriedade do seu companheiro de viagem e o fascínio de sua história haviam, por um momento, desviado o curso dos pensamentos de Hinchcliff, interpondo como que uma névoa que o fizera esquecer suas preocupações imediatas. Chamas que corriam de um alado para o outro... Voltou a concentrar suas idéias sobre as novas funções que assumira e sobre a impressão que deveria causar a Holmwood em geral e ao Colégio em particular. Antes de deixar a estação, sua mente já estava de novo serena.

Mas é extraordinário como uma fruta de um dourado brilhante, com apenas oito centímetros de diâmetro, pode prejudicar a boa aparência de um rapaz

circunspecto. Dentro do bolso do casaco preto ela fazia uma protuberância que lhe estragava completamente a linha. Cruzou com uma velhinha miúda, toda de preto, cujo olhar caiu imediatamente sobre aquela excrescência no seu bolso. Como tivesse uma das mãos enluvada e levasse na outra a bengala, não havia como segurar a fruta. Em determinado trecho do caminho, propiciamente deserto, tirou-a do bolso e tentou metê-la no chapéu. Mas era grande demais, o chapéu ficou dançando de um modo grotesco; quando ia tirá-la, dobrou a esquina um empregado do açougue em seu veículo.

– Com todos os diabos! – exclamou Hinchcliff.

Podia comê-la sem mais delongas e entrar na posse da onisciência. Mas certamente o tomariam por um néscio se entrasse na cidade comendo uma fruta a escorrer suco – pois tudo indicava que era uma fruta sumarenta. Se acontecesse passar um dos alunos, poderia ir por água abaixo a disciplina que lhe caberia impor. O suco poderia também sujar-lhe o rosto e manchar-lhe os punhos. Ou talvez fosse ácido como o do limão e, caindo na roupa, a desbotasse.

Numa volta do caminho, divisou duas bonitas moças, iluminadas pelo sol. Caminhavam devagar, tagarelando, na direção da cidade; a qualquer momento poderiam olhar para trás e ver um rapaz de rosto afogueado levando na mão uma espécie de tomate amarelo e fosforescente. Certamente desatariam a rir.

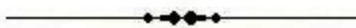
– Para o diabo que o carregue! – e Hinchcliff, com gesto rápido, atirou aquele fruto incômodo por cima do muro de pedra de um pomar que margeava a estrada. Quando o viu desaparecer, sentiu um leve arrependimento, que não durou mais que alguns segundos. Logo tornou a segurar a luva e a bengala com a maior elegância e, a passos firmes, muito empertigado e senhor de si, ultrapassou as duas jovens.

Porém naquela mesma noite, tarde da noite, Hinchcliff teve um sonho. Viu o vale e as espadas flamejantes, as árvores raquíticas e retorcidas, e soube que aquele fruto que ele levianamente jogara fora era realmente da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Acordou muito deprimido.

No correr da manhã, a penosa sensação foi desaparecendo, porém mais tarde o arrependimento veio de novo atormentá-lo. Contudo, o fato não lhe vinha à mente quando ele estava bem ou mergulhado em suas ocupações.

Por fim, numa noite de lua, por volta das onze horas, quando toda Holmwood estava adormecida, os remorsos acordaram dentro dele com redobrada intensidade e o impeliram à aventura. Saiu do colégio às escondidas, galgou o muro do pátio de recreio e, atravessando a cidade silenciosamente, chegou ao caminho da estação, e pulou para dentro do pomar aonde havia atirado a fruta. Mas nada encontrou por entre a erva molhada e os frágeis e intangíveis glóbulos dos dentes-de-leão.

O FANTASMA – Artur Azevedo



O caso que vou contar passou-se há um bom par de anos, quando no Rio de Janeiro o espiritismo não tinha ainda o caráter de seriedade nem os ilustres prosélitos que hoje tem, mas começava a ocupar a atenção e a roubar o tempo a algumas pessoas de boa fé.

Entre essas figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente noutra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

Sim, que d. Laura já não lembrava do Frederico...

Quem era esse Frederico? Um elegante guarda-livros, que a namorava quando o Garcia apareceu iluminado pela sua auréola de capitalista, pondo-o imediatamente fora de combate. Ou fosse para melhorar de situação ou porque realmente o magoasse a vitória fácil do dinheiroso rival, o guarda-livros, ainda d. Laura não se tinha casado, mudara-se para São Paulo, e nunca mais souberam dele, nem ela, nem o Garcia.

Num dia em que este, ano e meio depois de casado, perguntou, a gracejar, pelo primeiro namorado de sua mulher, d. Laura, no generoso intuito de o tranquilizar, respondeu, simulando indiferença:

– Não sei... Parece que morreu...– Morreu?...

– Pelo menos disseram-me que sim... em São Paulo... Não sei ao certo, nem isso me interessa.

Por esse tempo já o Garcia tinha sido iniciado, por algum amigo, nos mistérios do espiritismo, e fazia parte de um grupo, um dos primeiros que organizaram nesta cidade, para estudar os fenômenos revelados nos livros de Allan Kardec.

Os associados reuniam-se todos os sábados para consultar a mesa giratória, evocar espíritos e conversar com defuntos célebres. Produziam-se, realmente, alguns fenômenos, que impressionaram profundamente o espírito débil de Garcia, a ponto de fazer com que ele não pensasse mais noutra coisa a não ser em almas de outro mundo.

Tinha o nosso espírita grande curiosidade de evocar por meio de tal mesa giratória o espírito de Frederico, apenas para verificar se estava morto o seu antigo rival; abstinha-se, porém, de o fazer pelo receio de que os colegas do grupo, sabendo do namoro da sua mulher, o tomassem por ciumento e ridículo.

Mas uma noite, em que a sessão ainda não começara, e estavam presentes apenas dois companheiros, que mal o conheciam, o Garcia pediu-lhes que o ajudassem a evocar o espírito de um amigo.

Os outros aquiesceram. Sentaram-se os três e espalmaram as mãos sobre uma pequena mesa de três pés, que em poucos minutos começou a mexer-se como um ser animado.

– Está presente o espírito que evoquei? – perguntou o Garcia em voz sinistra e cavernosa. – Se está presente, dê duas pancadas! A mesa inclinou-se duas vezes, e obedeceu.

– Faça o favor de dizer o seu nome por letras do alfabeto! – continuou o Garcia no mesmo tom.

A mesa deu seis pancadas.

– F – disseram os dois companheiros.

– Adiante!

A mesa deu dezoito pancadas.

– R – repetiram os espíritas. – Adiante!

A mesa deu cinco pancadas.

– E – explicou um dos três.

– F, R, E – disse o outro.

E em tom de comando, acrescentou:

– Se é Frederico, dê uma pancada forte!

A mesa deu uma pancada tão violenta, que partiu a perna.

O Garcia ergueu-se lívido e assombrado, gaguejando:

– Estou satisfeito.

– Mesmo porque é preciso consertar a mesa – concluiu um dos companheiros.

– Com duas pernas é impossível fazê-la trabalhar.

O que preocupava o grupo já não eram os espíritos invisíveis nem os fenômenos da mesa, que se poderiam atribuir a simples efeitos do magnetismo animal; o que todos ali desejavam era ver um espírito materializado, e para isso tinham empregado grandes esforços, mas sempre vãos.

Nessa ocasião estavam presentes no Rio de Janeiro não só o espírito como o corpo, em carne e osso, do Frederico, vindo de São Paulo para tratar de um negócio urgente, de três a quatro dias.

Apesar da pressa que trazia, o guarda-livros achou um momento disponível para passar pela casa do Garcia, na esperança de ver – apenas ver – d. Laura. Poupem-me os leitores explicar-lhes como não só a viu, como lhe falou; e até entrou para a sala.

O caso é que, naquela noite, a mesma da evocação, voltando o Garcia para os seus penates mais cedo que de costume, pois que a sessão não se realizara por falta de número, encontrou o Frederico no corredor, saindo para a rua, e ficou tão estupefato que o deixou sair sem lhe dirigir a palavra. O pobre-diabo foi direto ao quarto de sua mulher, que, ouvindo-lhe os passos apressados, se sentara mais que depressa numa cadeira de balanço, a ler um livro, fingindo a maior tranquilidade.

– Que quer isto dizer?

– Isto quê?

– Esse homem que acaba de sair daqui?

– Um homem?! Daqui?! Tu estás doido!...

– Oh, senhora! Pois não esteve aqui um homem?

– Estás doido, repito.

– Eu vi-o!

– Não podias ter visto.

– Vi-o, e era o Frederico!

D. Laura soltou uma risada.

– Ora o Frederico! Um morto! Olha, sabes que mais? O tal espiritismo transtorna-te o miolo! O melhor é deixares-te disso!

O Garcia pensou:

– Um morto... Sim, ele está morto... e ele então materializou-se para aparecer-me... Não foi outra coisa!

No sábado seguinte, o Garcia apareceu radiante ao grupo:

– Meus amigos, tenho que lhes fazer uma comunicação muito importante: sou médium vidente!

– Deveras? – exclamaram todos em coro. – É o que lhes digo! Sábado passado, ao entrar em casa, encontrei no corredor uma pessoa que morreu em são Paulo.

– Conte-nos isso – ordenou o presidente do grupo – Você não teve medo?

– Eu? Nenhum! O espírito, sim, o espírito é que, pelos modos, teve medo de mim, porque assim que me viu deitou a fugir...

A MENDIGA DE LOCARNO - Heinrich von Kleist

Em Locarno, na Itália setentrional, ao pé dos Alpes, erguia-se o velho palácio de um Marquês. Nos dias de hoje, vindo de São Gotardo, podemos contemplá-lo em ruínas: um palácio com aposentos grandes e espaçosos, num dos quais, por compaixão, alojaram, sobre um monte de palhas, uma anciã enferma, que fora pela governanta encontrada esmolando à porta. O Marquês, que, ao voltar da caça, entrou no cômodo onde deixava os fuzis, ordenou mal-humorado à mulher que se levantasse do canto onde estava encolhida e se retirasse para detrás da estufa. Ao erguer-se, a mulher resvalou em sua muleta e caiu, machucando o ombro de tal modo que mal pôde levantar-se; mas, saiu do quarto, como lhe haviam ordenado. Entre gemidos, encolheu-se, desaparecendo por detrás da estufa.

Muitos anos depois, procurou o Marquês um senhor florentino, com a intenção de comprar o castelo, e isso numa ocasião em que o fidalgo, em razão das guerras e de sua inatividade, encontrava-se em situação precária. O Marquês, que tinha grande interesse na venda, ordenou à esposa que alojasse o hóspede no mencionado aposento vazio, que estava muito bem mobiliado. Mas qual não foi a surpresa do casal quando o cavalheiro, à meia-noite, pálido e perturbado, apareceu jurando que havia fantasmas, e que algo invisível se movia num canto do quarto, como se estivesse sobre palha, e que era possível escutar passos lentos e vacilantes a atravessar o recinto, cessando ao chegar à estufa, entre gemidos.

O Marquês ficou aterrorizado. Sem saber por quê, lançou um riso falso e disse ao cavalheiro que, para maior tranquilidade do hóspede, passaria a noite com ele no quarto. Mas o cavalheiro suplicou que lhe permitisse dormir em uma poltrona na alcova do anfitrião e, quando amanheceu, mandou selar o cavalo, se despediu e empreendeu a viagem.

Este acontecimento, que causou sensação, assustou deveras os compradores, o que incomodou extraordinariamente o Marquês. E mesmo entre os moradores do castelo propagava-se o incompreensível rumor de que as coisas aconteciam no

quarto às doze da noite. Por isso, o Marquês decidiu por si mesmo terminar com a situação e investigar em pessoa o assunto. Assim, pois, mal desceu o oco, mandou que pusessem a cama no quatro e permaneceu sem dormir até a meia-noite.

Mas qual não foi a sua sensação quando, ao soar do toque de meia-noite, escutou o estranho murmúrio. Era como se algo se levantasse da palha, que estalava, e atravessasse o cômodo, para desaparecer por detrás da estufa, entre suspiros e gemidos.

Na manhã seguinte, à chegada do marido, a Marquesa perguntou o que havia acontecido. Ele, com o olhar temeroso e inquieto, depois de fechar a porta, lhe assegurou que era coisa de fantasmas. A mulher se assustou como nunca havia se assustado antes. Ao marido suplicou que, antes de tornar pública a coisa, voltasse – e desta vez com ela – a submeter-se a outra prova.

Na noite seguinte, acompanhados por um fiel servidor, escutaram o rumor fantasmagórico. E somente porque compelidos pelo intenso desejo que tinham de vender o castelo, souberam dissimular ante o serviçal o terror que os possuía, atribuindo o fenômeno a motivos casuais e sem qualquer importância. Ao chegar a noite do terceiro dia, ambos, para dirimir as dúvidas, com os corações aos berros, tornaram a subir as escadas que conduziam ao quarto de hóspedes e, como se depararam com o cão, que, solto, encontrava-se à porta, levaram-no consigo, com a secreta intenção, entre si não revelada, de entrar no cômodo acompanhados de outro ser vivo.

O casal, depois de haver deitado dois lumes sobre a mesa – a Marquesa com roupa e tudo e o Marquês munido de adaga e pistola –, caiu na cama. E, enquanto conversavam, o cão deixou-se cair no centro do quarto, encolhido, com a cabeça entre as patas. E, justamente à meia-noite, percebeu-se o terrível rumor. Algo invisível, apoiando-se em muleta, se levantou do canto do quarto. Ouviu-se o ruído de palha e, quando aquilo começou a andar – tap, tap, tap –, o cão acordou, e, erguendo as orelhas, pôs-se a ladrar e a ganir, como se alguém com o passo desigual dele se aproximasse. E foi o cão retrocedendo até estufa.

Ao ver isto, a Marquesa, com os cabelos eriçados, saiu do aposento. E, enquanto o Marquês, com a adaga desembainhada, gritava “quem é?” e ninguém respondia, e se agitava como um louco furioso que procura o ar para respirar, a

mulher mandou selar os cavalos, decidida fugir para a cidade. Mas, antes que alcançasse a porta com algumas coisas que havia recolhido precipitadamente, viu o castelo em chamas.

O Marquês, mergulhado no pânico, havia tomado uma vela e, cansado que estava de viver, pusera fogo no cômodo, todo revestido de madeira. Em vão, a Marquesa enviou pessoas para salvar o desafortunado. Este encontrou uma morte terrível e ainda hoje os seus ossos, recolhidos pela gente do lugar, estão no canto do cômodo onde ele ordenou que a mendiga de Locarno se levantasse.

MEU TIO JÚLIO – Guy de Maupassant

Um velho pobre, de barba branca, nos pediu ajuda. Meu companheiro, José Davranche, lhe deu cem tostões. Fiquei surpreso. Ele me disse:

– Este miserável me lembrou uma história que vou lhe contar e cuja recordação me persegue sem cessar. Foi assim:

“Minha família, originária do Havre, não era rica. A gente se virava, e só. O pai trabalhava, voltava tarde do escritório e não ganhava grande coisa. Eu tinha duas irmãs.

Minha mãe sofria muito com as dificuldades em que vivíamos, e seguido encontrava palavras azedas para o seu marido, censuras veladas e pérfidas. O pobre homem fazia então um gesto que me afligia. Passava a mão aberta na testa, como que para enxugar um suor inexistente, e não respondia nada. Eu sentia sua dor impotente. Economizávamos em tudo; nunca aceitávamos um jantar, para não ter de retribuí-lo; comprávamos os mantimentos nas promoções, os saldos de estoque. Minhas irmãs faziam elas mesmas seus vestidos e tinham longas discussões sobre o preço de uma fita que custava quinze centavos o metro. Nossa alimentação cotidiana consistia em uma sopa gorda e cozido de carne em que só o molho variava. Era saudável e reconfortante, segundo parece; eu teria preferido outra coisa.

Faziam-me cenas abomináveis pelos botões perdidos e as calças rasgadas.

Mas todo domingo íamos dar nossa volta pelo molhe com nossas melhores roupas. Meu pai, de sobrecasaca, cartola e luvas, dava o braço à minha mãe, enfeitada como um navio em dia de festa. Minhas irmãs, as primeiras a se aprontarem, esperavam o sinal da partida; mas, no último momento, sempre se descobria uma mancha esquecida na sobrecasaca do pai de família, e era preciso limpá-la rapidamente com um pano molhado em benzina.

Meu pai, de cartola na cabeça, esperava, em mangas de camisa, que a operação terminasse, enquanto minha mãe se apressava, tendo ajeitado seus óculos de míope e tirado as luvas para não estragá-las.

Então nos púnhamos cerimoniosamente a caminho. Minhas irmãs iam na frente, de braços dados. Estavam em idade de casar, e eram exibidas na cidade. Eu

ficava à esquerda de minha mãe, e à sua direita ia meu pai. E me lembro do ar pomposo de meus pobres pais naqueles passeios dominicais, a rigidez de seus traços, a severidade de sua atitude. Andavam com um passo grave, o corpo ereto, as pernas rijas, como se um assunto de extrema importância dependesse de sua aparência.

E todo domingo, vendo entrar os grandes navios que regressavam de países longínquos e desconhecidos, meu pai invariavelmente pronunciava as mesmas palavras:

– E se Júlio estivesse lá dentro, que surpresa, hein?

Meu tio Júlio, o irmão de meu pai, era a única esperança da família, depois de ter sido o seu terror. Eu ouvia falar nele desde criança, e me parecia que o reconheceria de imediato, tão familiar tinha se tornado para mim o pensar nele. Eu sabia de todos os pormenores de sua existência até o dia de sua partida para a América, embora desse período da sua vida só se falasse em voz baixa.

Ele tivera, ao que parece, um mau comportamento, o que quer dizer que ele tinha consumido algum dinheiro, sem dúvida o pior crime para as famílias pobres. Entre os ricos, um homem que se diverte *faz besteiras*. Com um sorriso, é chamado de boêmio. Entre os necessitados, um rapaz que obriga os pais a desfalcar o capital passa a ser um mau sujeito, um miserável, um malandro!

E esta distinção é correta, ainda que o fato seja o mesmo, pois só as conseqüências determinam a gravidade do ato.

Enfim, o tio Júlio tinha diminuído consideravelmente a herança com a qual meu pai contava; depois de ter, aliás, consumido sua parte até o último tostão.

Tinham-no despachado para a América, como se fazia na época, num navio mercante que ia do Havre a Nova York.

Chegando lá, meu tio Júlio se estabeleceu como vendedor de não sei o quê, e logo escreveu que estava ganhando algum dinheiro e esperava poder ressarcir meu pai pelo prejuízo que lhe tinha dado. Esta carta causou uma profunda emoção na família. Júlio, que não valia dez réis de mel coado, como se diz, tornou-se de repente um homem honesto, um rapaz de bom coração, um verdadeiro Davranche, íntegro como todos os Davranche.

Um capitão nos contou, além disso, que ele alugara uma grande loja e que seu comércio era de monta.

Uma segunda carta, dois anos mais tarde, dizia: “Meu caro Filipe, estou escrevendo para que você não se preocupe com minha saúde, que está boa. Os

negócios vão bem. Parto amanhã para uma longa viagem pela América do Sul. Talvez passe vários anos sem lhe dar notícias. Se eu não escrever, não fique preocupado. Voltarei para o Havre assim que fizer fortuna. Espero que não demore muito, e aí viveremos felizes juntos...”

Essa carta se tornara o evangelho da família. Era lida a torto e a direito, era mostrada a todo o mundo.

De fato, durante dez anos o tio Júlio não deu mais notícias; mas a esperança de meu pai aumentava à medida que o tempo andava; e também minha mãe dizia freqüentemente:

– Quando este abençoado Júlio chegar, nossa vida vai melhorar. Aí está um que soube se virar!

E todo domingo, vendo chegar do horizonte os enormes vapores negros vomitando do céu serpentes de fumaça, meu pai repetia sua eterna frase:

– E se Júlio estivesse lá dentro, que surpresa, hein?

Quase esperávamos vê-lo agitar um lenço e gritar:

– Ei, Filipe!

Tínhamos arquitetado mil projetos sobre aquele retorno garantido; até íamos comprar, com o dinheiro do tio, uma pequena casa de campo, perto de Ingouville. Eu não afirmaria que meu pai já não tivesse iniciado negociações neste sentido.

A mais velha de minhas irmãs estava então com vinte e oito anos; a outra com vinte e seis. Não tinham casado, o que era um grande aborrecimento para todo o mundo.

Enfim um pretendente se apresentou para a segunda. Um empregado que, sem ser rico, era honrado. Sempre tive a convicção de que a carta do tio Júlio, mostrada certa noite, tinha acabado com as hesitações e determinado a decisão do jovem.

Jersey é o ideal de viagem para a gente pobre. Não fica longe; cruza-se o mar num navio e se chega em terra estrangeira, já que a ilhota pertence aos ingleses. Um francês, portanto, com duas horas de navegação, pode se proporcionar a visão de um povo vizinho em seu chão e estudar os costumes, aliás deploráveis, desta ilha coberta pelo pavilhão britânico, no dizer das pessoas que falam com simplicidade.

Esta viagem para Jersey tornou-se nossa preocupação, nossa única expectativa, nosso sonho de todos os instantes.

Enfim partimos. Vejo como se fosse ontem: o vapor aquecendo junto ao cais de Granville; meu pai, inquieto, fiscalizando o embarque de nossos três volumes; minha mãe, preocupada, segurando o braço de minha irmã não casada, que parecia perdida como o último franguinho da ninhada desde que a outra se fora e, atrás de nós, os recém casado que sempre ficavam para trás, o que me obrigava a virar seguidamente a cabeça.

A embarcação apitou. Subimos a bordo e o navio, deixando o cais, afastou-se sobre um mar plano como uma mesa de mármore verde. Olhávamos fugir a costa, felizes e orgulhosos como todos os que viajam pouco.

Meu pai encolhia a barriga, debaixo da sobrecasaca cujas manchas todas tinham sido removidas com cuidado naquela mesma manhã, e espalhava à sua volta o cheiro de benzina dos dias de passeio, que me fazia reconhecer os domingos.

De repente, ele avistou duas senhoras elegantes a quem dois senhores ofereciam ostras. Um velho marinheiro maltrapilho abria as conchas com uma facada e as entregava aos senhores, que em seguida as passavam para as senhoras. Elas comiam de maneira delicada, segurando a casca sobre um lenço fino e avançando os lábios para não manchar o vestido. Depois bebiam a água com um pequeno gesto rápido e jogavam a concha no mar.

Meu pai, sem dúvida, ficou encantado com este ato distinto de comer ostras num navio em marcha. Achou de bom tom, refinado, superior, e aproximando-se de minha mãe e minhas irmãs perguntou:

– Vocês aceitam algumas ostras?

Minha mãe hesitava, por causa da despesa; mas minhas duas irmãs concordaram prontamente. Disse minha mãe, num tom contrariado:

Tenho medo que me faça mal ao estômago. Dê só para as crianças, mas não muito, elas podem ficar doentes.

Então, voltando-se para mim, acrescentou:

– Para José não precisa; não se deve mimar os meninos.

Fiquei então ao lado de minha mãe, achando injusta esta distinção. Com os olhos seguia meu pai, que conduzia pomposamente suas duas filhas e seu genro em direção ao velho marinheiro maltrapilho.

As duas senhoras recém tinham ido embora, e meu pai mostrava às minhas irmãs como era preciso fazer para comer sem que a água escorresse; ele quis até dar o exemplo e apanhou uma ostra. Tentando imitar as senhoras, logo derramou todo o líquido na sobrecasaca, e ouvi minha mãe murmurar:

– Seria melhor que ele tivesse ficado quieto

Mas de repente meu pai me pareceu preocupado; ele se afastou alguns passos, olhou fixamente sua família amontoadada em volta do ostreiro e, bruscamente, veio em nossa direção. Achei-o muito pálido, com um olhar estranho. Ele disse, a meia-voz, para a minha mãe:

É incrível como esse homem que está abrindo as ostras se parece com Júlio.

Minha mãe, estupefata, perguntou:

– Que Júlio?

Meu pai replicou:

– Ora... o meu irmão... Se eu não o soubesse em boa situação, na América, pensaria que era ele.

Minha mãe, apavorada, balbuciou:

– Está louco! Já que você sabe que não é ele, para quê dizer estas bobagens?

Meu pai insistia:

– Pois vá vê-lo, Clarisse; prefiro que você mesma verifique, com seus próprios olhos.

Ela se levantou e foi ter com as filhas. Eu também olhava para o homem. Era velho, sujo, todo enrugado, e não desviava os olhos de sua tarefa.

Minha mãe voltou. Percebi que ela tremia. Pronunciou muito depressa:

– Acho que é ele. Vá então pedir informações ao capitão. Mas cuidado, seja discreto, não vá agora este tratante nos cair nas costas de novo!

Meu pai se afastou, mas eu o segui. Sentia-me estranhamente emocionado.

O capitão, um senhor alto, magro, com longas suíças, andava pelo passadiço com um ar importante, como se estivesse comandando o correio das Índias.

Meu pai o abordou cerimoniosamente, interrogando-o sobre sua profissão com acompanhamento de elogios:

– Qual era a importância de Jersey? Suas produções? Sua população? Seus hábitos? Seus costumes? A natureza do solo, etc., etc.

Era de pensar que se tratava, no mínimo, dos Estados Unidos da América.

Aí falaram sobre a embarcação que nos levava, o *Express*, aí chegaram à tripulação. Meu pai, por fim, com voz perturbada:

– O senhor tem aí um velho vendedor de ostras que parece bem interessante. Conhece algum particular sobre o sujeito?

O capitão, já se irritando com aquela conversa, respondeu secamente:

– É um velho vagabundo francês que encontrei na América e repatriei. Diz que ele tem parentes no Havre, mas não quer voltar para junto deles, porque lhes está devendo dinheiro. Chama-se Júlio... Júlio Darmanche ou Darvanche, enfim, uma coisa parecida. Diz que lá foi rico por um tempo, mas veja a quê está reduzido agora.

Meu pai, que estava ficando livido, articulou, com a garganta apertada e os olhos esgazeados:

– Ah! ah! muito bem... bem mesmo... Não me surpreende... Agradeço muitíssimo, capitão.

E foi embora, enquanto, estupefato, o marujo o via afastar-se.

Voltou para junto de minha mãe, tão descomposto que ela lhe disse:

– Sente-se; vão desconfiar de alguma coisa.

Ele caiu sobre o banco gaguejando:

– É ele, é ele mesmo!

Então perguntou:

– Que vamos fazer?

Ela respondeu vivamente:

– Precisamos afastar as crianças. Já que José sabe de tudo, que vá buscá-las. Precisamos principalmente tomar cuidado para que o nosso genro não desconfie de nada.

Meu pai parecia aterrado. Murmurou:

– Que catástrofe!

Minha mãe acrescentou, subitamente furiosa:

– Sempre desconfiei que este ladrão não faria nada, e que teríamos de suportá-lo novamente! Como se se pudesse esperar alguma coisa de um Davranche!...

E meu pai passou a mão na testa, como fazia diante das censuras da mulher.

Ela acrescentou:

– Agora, dê dinheiro a José para pagar as ostras. Só faltava sermos reconhecidos por este mendigo. Faria um belo efeito no navio. Vamos embora para o outro lado, e dê um jeito para que esse homem não se aproxime de nós!

Ela levantou, e eles se afastaram depois de me terem dado uma moeda de cem tostões.

Surpresas, minhas irmãs esperavam o pai. Declarei que minha mãe tinha ficado um pouco indisposta por causa do mar, e perguntei ao abridor de ostras:

– Quanto é que lhe devemos, senhor?

Eu tinha vontade de dizer: meu tio.

Ele respondeu:

– Dois francos e cinqüenta.

Entreguei meus cem tostões e ele me deu o troco.

Eu olhava a mão dele, uma pobre mão de marinheiro, toda enrugada, e olhava o seu rosto, um velho e miserável rosto triste, acabrunhado, pensando comigo:

– É o meu tio, o irmão do papai, meu tio!

Dei-lhe dez tostões de gorjeta. Ele me agradeceu:

– Deus o abençoe, meu senhorzinho!

Com a entonação de um pobre que recebe uma esmola. Pensei que ele devia ter mendigado, por lá!

Minhas irmãs me contemplavam, estupefatas com minha generosidade.

Quando devolvi os dois francos a meu pai, minha mãe, surpresa, perguntou:

– Foram três francos?... Não é possível.

Declarei com voz firme:

– Dei dez tostões de gorjeta.

Minha mãe teve um sobressalto e me olhou bem nos olhos:

– Você está louco! Dar dez tostões para esse homem, esse indigente!...

Deteve-se a um olhar de meu pai, que indicava o genro.

Então nos calamos.

À nossa frente, no horizonte, uma sombra violenta parecia surgir do mar. Era Jersey.

Quando nos aproximamos dos molhes, me veio ao peito um desejo violento de ver mais uma vez meu tio Júlio, de me aproximar, de lhe dizer alguma coisa consoladora, carinhosa.

Mas, como ninguém mais estava comendo ostras, ele tinha sumido, descido sem dúvida para o fundo do porão imundo onde morava o miserável.

E retornamos pelo barco de Saint-Malo, para não encontrar com ele. Miha mãe estava morrendo de preocupação.

Nunca tornei a ver o irmão de meu pai!

É por isso que você às vezes vai me ver dando cem tostões aos vagabundos.

BARBA -AZUL - Charles Perrault

Há algum tempo atrás, havia um homem que tinha belas casas tanto na cidade como no campo, negócios de ouro e prata, rica mobília e carruagens todas adornadas com ouro. Mas esse homem teve o azar de ter uma barba azul que o fazia tão horivelmente feio que todas as mulheres e garotas fugiam dele.

Uma de suas vizinhas, uma nobre dama, tinha duas filhas, ambas muito bonitas. Ele queria casar-se com uma das filhas, deixando à nobre dama a escolha de que filha seria entregue a ele. Nenhuma das duas o queriam, uma ficava empurrando o casamento pra outra, não suportando a idéia de casar-se com um homem que tinha a barba azul. Para aumentar o desgosto e a aversão que elas sentiam por ele, havia o fato de que ele já havia se casado várias vezes e ninguém sabia o que havia ocorrido a essas mulheres.

Barba Azul, para ganhar a afeição delas, levou-as, com sua mãe, três ou quatro damas de companhia e outros jovens da vizinhança, para uma de suas casas de campo, onde ficaram durante uma semana.

O tempo era ocupado com festas, caçadas, pescarias, dança, alegria e descanso. Ninguém foi dormir, mas todos passaram a noite conversando e brincando uns com os outros. Resumindo, correu tudo tão bem que a filha mais nova começou a pensar que a barba do homem não era tão azul assim e que ele devia ser um cavalheiro muito cortês.

Logo que voltaram para casa, o casamento estava feito. Cerca de um mês depois, Barba Azul disse à sua esposa que tinha que fazer uma viagem importante pelo país e que ficaria fora por pelo menos seis semanas. Ele desejava que ela se divertisse enquanto ele estivesse fora: que mandasse buscar amigos e conhecidos, levasse-os ao campo, se quisesse, e que comesse do bom e do melhor.

— Aqui estão,— ele disse,— as chaves para os dois guarda-roupas grandes, onde guardo as melhores peças. Estas são as das louças e talheres de ouro e prata, que não usamos no dia a dia. Estas abrem meus cofres onde guardo meu dinheiro, ouro e prata; estas são do meu esquite de jóias. E esta é a chave mestra para todos os quartos do castelo. Mas esta pequena aqui, esta é a chave do closet que fica no final do corredor no térreo. Pode abrir tudo, pode ir aonde quiseres,

exceto no closet. Lá eu a proíbo de ir, e proíbo de tal maneira que se você abri-lo pode se preparar para toda minha raiva e ressentimento.

Ela prometeu obedecer exatamente ao que ele havia pedido. Então, depois de abraçá-la, entrou na sua carruagem e se foi.

Suas vizinhas e amigas não esperaram para ir à casa da jovem esposa. Elas estavam impacientes para ver a rica mobília da casa e não quiseram ir enquanto o marido lá estava por causa da sua barba azul que muito as assustava. E elas correram por todos os quartos, vestiários e guarda-roupas, e cada uma era mais rico e lindo que o outro.

Depois disso, elas subiram para os dois quartos maiores onde ficavam as maiores riquezas. Elas não podiam admirar suficientemente a quantidade e beleza da tapeçaria, as camas, sofás, mesas e espelhos nos quais podia-se ver dos pés à cabeça; alguns deles tinham molduras de vidro, outros de prata, outros douradas, os melhores e mais magníficos que elas já tinham visto.

Não paravam de exagerar e invejar a felicidade da amiga, que não estava se divertindo muito a olhar todas aquelas riquezas, pois estava impaciente para ver o que havia no pequeno closet do térreo. Sentiu-se tão pressionada por sua curiosidade que, sem considerar que era uma indelicadeza deixar as visitas sozinhas, desceu a pequena escadinha com tanta pressa que quase caiu e quebrou o pescoço.

Chegando à porta do closet, aí se deteve algum tempo, lembrando-se da proibição que o marido lhe fizera e considerando que lhe poderia acontecer uma desgraça por haver sido desobediente; mas a tentação era tão forte que ela não pôde vencer. Pegou a pequena chave, e, trêmula, abriu a porta do gabinete. A princípio ela não conseguiu ver nada lá dentro, pois as janelas estavam fechadas. Depois de alguns instantes ela percebeu que no chão, que estava coberto de sangue coagulado, havia corpos de várias mulheres mortas, ocupando todo o espaço do closet. (Estas eram todas as mulheres com as quais Barba Azul havia se casado e as quais ele havia assassinado, uma depois da outra). Ela achou que ia morrer de medo, e a chave, que ela tinha tirado da fechadura, caiu de sua mão.

Depois de se recuperar um pouco do susto, ela pegou a chave, trancou a porta e subiu para seu quarto para descansar; mas ela não conseguia, pois ainda estava muito assustada. Observando que a chave estava manchada de sangue, ela tentou duas ou três vezes limpá-la; mas o sangue não saía; em vão ela lavou a chave e

até esfregou com sabão e areia. O sangue continuava lá, pois a chave era mágica e ela nunca conseguia limpá-la. Quando conseguia tirar o sangue de um lado, ele voltava no outro lado.

Barba Azul voltou de sua viagem no fim daquele mesmo dia, dizendo que, no caminho, recebera notícias de que o negócio que o levava a partir acabara de realizar-se com vantagem para ele. A mulher fez quanto pôde para se mostrar encantada com esse breve retorno.

Na manhã seguinte ele pediu que ela lhe desse as chaves. Ela as devolveu, mas com as mãos tão trêmulas que ele facilmente percebeu o que havia acontecido.

– Por que – disse ele, – a chave do closet não está junto com as outras?

– Eu, – disse ela, – devo tê-la deixado lá em cima, sobre a mesa.

– Então, – disse Barba Azul, – traga-me ela logo.

Depois de muito enrolar, ela foi forçada a levar a chave para ele. Barba Azul, depois de examinar atentamente a chave, perguntou a sua esposa: – Por que a chave está manchada de sangue?

– Eu não sei, – gritou a pobre mulher, mais pálida que a morte.

– Você sabe! – retrucou Barba Azul. – Eu sei muito bem. Você entrou no closet, não entrou? Muito bem, madame; você vai voltar lá e tomar seu lugar junto às outras senhoras que você viu.

Diante disso, ela se jogou aos pés do marido e and implorou seu perdão com todos os sinais de verdadeiro arrependimento, prometendo que nunca mais seria desobediente. Ela teria feito uma rocha derreter-se, tão linda e triste ela estava, mas o coração de Barba Azul era mais duro que qualquer rocha!

– Você deve morrer, madame, – ele disse, – e já.

– Já que tenho que morrer, – respondeu ela (olhando-o com seus olhos cheios de lágrimas), – dê-me um pouco de tempo para rezar minhas preces.

– Eu darei sete minutos, – respondeu Barba Azul, – nenhum segundo a mais.

Quando ela notou que estava sozinha, chamou sua irmã e disse-lhe:

– Anne, minha irmã, suba para a torres, eu te peço, e veja se nossos irmãos estão chegando. Eles prometeram que viriam hoje. Se você os vir, faça algum sinal para eles se apressarem.

Anne subiu para a torre e a pobre mulher aflita gritava de tempos em tempos

– Anne, minha irmã, vê alguém vindo?

E a irmã dizia:

– Não vejo nada além de uma nuvem de poeira sob o sol e o campo verde.

Neste meio tempo, Barba Azul, segurando um grande sabre, gritou o mais alto que pôde:

– Desça agora, ou irei até aí.

– Mais um momentinho, por favor,— disse a mulher; e então, bem baixinho ela falou: –Anne, minha irmã, vê alguém vindo?

E Anne respondia:

– Não vejo nada além de uma nuvem de poeira sob o sol e o campo verde.

– Desça logo,— gritou Barba Azul, –ou irei até aí.

– Estou indo,— respondeu a mulher; e então gritou:

– Anne, minha irmã, vê alguém vindo?

– Eu vejo,— respondeu a irmã, –uma grande nuvem de poeira se aproximando.

– São meus irmãos?

– Oh, não minha irmã, eu vejo apenas um rebanho de ovelhas.

– Você não vai descer?— gritou Barba Azul.

– Mais um momentinho,— disse a esposa, e então ela gritou: –Anne, minha irmã, vê alguém vindo?

– Eu vejo,— disse ela, –dois homens a cavalo, mas eles ainda estão muito longe.

– Graças a deus,— respondeu a esposa. –São meus irmãos. Vou fazer um sinal, o melhor que eu puder, para fazê-lo se apressar.

Então Barba Azul gritou tão alto qu a casa inteira tremeu. A mulher angustiada desceu e se jogou aos pés de seu marido, chorando e com os cabelos revirados.

– Isso não significa nada,— disse Barba Azul. –Você deve morrer!— Então, segurando os cabelos da mulher com uma mão e erguendo a espada com a outra, ele preparou-se para decapitá-la. A pobre mulher, voltando-se para ele, olhando-o com olhos moribundos, pediu que ele lhe desse um tempinho para ela se recompor.

– Não, não,— ele disse, –recomponha-se com deus.— e já ia erguendo o braço para cortar-lhe a garganta.

Neste exato momento houve uma batida tão forte no portão que Barba Azul parou derrepente. O portão estava aberto e os dois homens entraram. Desembainhando suas espadas, eles se dirigiram diretamente a Barba Azul. Ele sabia que aqueles eram os irmãos da sua esposa, um era um dragão, o outro, um mosqueteiro. Então ele tentou fugir imediatamente para se salvar; mas os dois irmãos o perseguiram e o pegaram antes que ele chegasse aos degraus da entrada. Eles o atravessaram com suas espadas e o deixaram morto. A pobre mulher estava quase tão morta quanto seu marido, e não tinha forças para erguer-se e cumprimentar seus irmãos.

Como Barba Azul não tinha herdeiros, sua mulher tornou-se dona de todos os seus pertences. Ela usou parte destes bens para casar sua irmã Anne com um jovem cavalheiro que estava apaixonado por ela há bastante tempo; outra parte ela usou para comprar títulos de nobreza para seus irmãos, e o resto ela usou para casar-se com um cavalheiro muito bom que a fez esquecer-se do sofrimento que ela passou com Barba Azul.

Moral:

A curiosidade, apesar de seus atrativos, geralmente traz profundo arrependimento. Para o desgosto de muitas mulheres, essa alegria dura pouco. Uma vez satisfeita a curiosidade, ela deixa de existir, e sempre custa caro.

Outra moral:

Nenhum marido dos dias de hoje seria tão terrível e cruel mandando sua esposa fazer algo impossível. Então, seja qual for a cor da barba do marido, a mulher de hoje o mostrará quem é que manda.

O CEGO – David H. Lawrence

Isabel Pervin estava à escuta de dois sons: do som das rodas na estrada, lá fora, e do rumor dos passos do marido, no vestíbulo. O seu amigo mais velho e estimado, um homem que parecia quase indispensável à sua vida, devia chegar naquele anoitecer chuvoso de fins de Novembro. A carripa tinha ido buscá-lo à estação. E o marido, que tinha perdido a vista na Flandres e apresentava na fronte uma cicatriz que o desfigurava, devia entrar em casa, vindo dos barracões.

Fazia agora um ano que regressara a casa, completamente cego. E, contudo, tinham sido muito felizes. A Granja era propriedade de Maurício. Na parte traseira ficava a quinta com edifícios, onde os Wernhams, que viviam desse lado, trabalhavam como quinteiros. Na bonita residência da frente vivia Isabel com o marido. Ambos tinham passado quase inteiramente sós, desde que ele fora ferido. Conversavam, cantavam e liam juntos, numa esplêndida e inefável intimidade. Depois, satisfazendo um velho interesse, ela fazia a crítica de livros para um jornal escocês, e ele ocupava-se bastante da herdade. Embora privado da vista, discutia tudo com Wernham e fazia também muito trabalho por ali – trabalho miúdo, é certo, mas que lhe dava satisfação. Mungia as vacas, transportava para dentro os baldes, movia a desnatadeira e tratava dos porcos e cavalos. A vida era ainda bem cheia e estranhamente serena para o cego, pacificado pela paz quase incompreensível do contacto imediato com as coisas, nas trevas. Na mulher possuía então um mundo completo, rico, real e invisível.

Eram felizes, de uma maneira nova e vaga. E ele nem sequer lamentava a perda da vista, nesses tempos de sombria, palpável alegria. Inflamava-lhe a alma uma suave exultação.

Mas à medida que o tempo se escoava, acontecia por vezes que este precioso encantamento lhes fugia. Algumas vezes, depois de meses desta intensidade, uma sensação de peso se apoderava de Isabel, um cansaço, um terrível *ennui*⁽¹⁰⁾, naquela casa silenciosa a que conduzia uma dupla colunada de pinheiros alterosos. Então julgava que ia enlouquecer, pois não podia suportar tal coisa. Outras vezes, acometiam-no devastadores acessos de depressão, que pareciam ir destruir todo o seu ser. Era pior do que a depressão – era um sofrimento sombrio

em que toda a sua vida se transformava numa tortura para ele e a sua presença se tornava insuportável para a mulher. A esta, um pavor lhe penetrava até às raízes da alma, quando chegavam estes dias sombrios. Numa espécie de pânico, procurava então consubstanciar-se ainda mais com o marido. E forçava a velha satisfação e alegria espontânea a continuar. Mas o esforço que isso lhe custava era quase insustentável. Sabia que o não podia agüentar. Sentia que essa tensão lhe iria arrancar gritos, e daria tudo para o evitar. Ansiava por possuir totalmente o marido; dava-lhe uma alegria desordenada tê-lo inteiramente para si. E contudo, quando de novo ele se deixava apoderar por um sofrimento sombrio e maciço, não podia suportá-lo, não podia suportar-se a si própria. Desejava então desaparecer de vez da face da terra, tudo menos viver a tal custo.

Atordoadada, procurava então uma saída. Convidava pessoas amigas, procurava dar-lhe qualquer nova ligação com o mundo exterior. Mas de nada valia. Depois de toda a sua alegria e sofrimento, depois do seu sombrio, do seu longo ano de cegueira, solidão e indizível proximidade, as outras pessoas pareciam-lhes, a ambos, superficiais, tagarelas, bastante impertinentes. A tagarelice superficial parecia-lhes balofa. Ele ficava impaciente e irritado, ela cansada. E então recaíam na solidão, pois a preferiam.

Mas agora, dentro de algumas semanas, devia nascer-lhe um segundo filho. O primeiro morrera ainda pequenino, quando o marido partiu para França, e ela antecipava com alegria e alívio a vinda do segundo. Seria a sua salvação. Mas sentia ao mesmo tempo, uma certa ansiedade. Tinha trinta anos e o marido era um ano mais novo do que ela. Ambos desejavam muito a criança e, contudo, Isabel não podia deixar de sentir receio. Tinha o marido nas mãos, o que representava para ela uma alegria terrível e um fardo aterrador. A criança viria ocupar o seu amor e atenção. E depois, o que aconteceria a Maurício? O que faria ele? Se ao menos pudesse prever que também ele teria paz e se sentiria feliz quando a criança viesse! Desejava muito expandir-se numa rica satisfação física de maternidade. Mas o homem, o que faria ele? Como poderia providenciar a seu respeito, afastar aqueles seus sombrios e devastadores estados de espírito, que os aniquilavam a ambos?

Suspirava de medo. Mas desta vez Bertie Reid escreveu a Isabel. Era um velho amigo, seu primo segundo ou terceiro, escocês, como ela. Tinham sido educados juntos, ele fora através da sua vida um amigo, quase um irmão, mas melhor do que os seus próprios irmãos. Amava-o – embora não com o fôto no casamento. Havia parentesco entre os dois, afinidade. Entendiam-se um ao outro intuitivamente, mas Isabel nunca teria pensado em casar com Bert. Isso parecer-lhe-ia casar na sua própria família.

Bertie era um advogado e homem de letras, um escocês de tipo intelectual, vivo, irônico, sentimental, idolatrando a mulher que amasse, mas não querendo casar. Maurício Pervin era diferente. Descendia de uma velha família rural de boa cepa: a Granja não ficava muito longe de Oxford. Era apaixonado, sensual, talvez sensual em excesso, retraído – um homem forte, de membros pesados, cuja fronte se inflama com facilidade, porque o seu espírito era lento, como que narcotizado pelo forte sangue provinciano que lhe corria nas veias. Era-lhe bastante penosa a sua lentidão mental, pois tinha sentimentos rápidos e agudos. De forma que constituía precisamente o oposto de Bertie, cujo espírito era muito mais rápido que as suas emoções, pouco apuradas.

Desde que se conheceram, os dois homens não gostaram um do outro. Isabel desejava que se dessem, mas tal não aconteceu. Pensava ela que, desde que viessem a compreender-se um ao outro, poderiam dar-se muitíssimo bem. Contudo, não sucedeu assim. Bertie adotou uma atitude levemente irônica, muito ofensiva para Maurício, que retribuiu a ironia escocesa com ressentimento inglês, um ressentimento que algumas vezes se exacerbava em ódio estúpido.

O caso era um tanto embaraçoso para Isabel. Todavia, aceitou-o com o andar do tempo. Os homens eram de natureza caprichosa e desrazoável. Por conseguinte, antes de Maurício partir para a França pela segunda vez, entendeu que, por causa do marido, devia interromper a amizade com Bertie. E escreveu ao advogado neste sentido. Bertram Reid respondeu simplesmente que neste caso, como em todos os outros, obedeceria ao seu desejo, se este era na verdade o seu desejo.

Durante perto de dois anos nada se passara entre os dois amigos. Isabel regozijava-se um tanto com isso; não se arrependia. Um dos seus grandes artigos de fé era que o marido e a mulher importam tanto um ao outro, que o resto do mundo não conta absolutamente nada. Ela e Maurício eram marido e mulher. Amavam-se um ao outro. Haviam de ter filhos. Por conseguinte, todas as pessoas e todas as coisas mais deviam desvanecer-se, como insignificantes, fora desta felicidade matrimonial. Confessava-se feliz e pronta a receber os amigos de Maurício. Era feliz e pronta: a esposa feliz, a mulher pronta de possuir. Sem saber porquê, os amigos retiraram-se desconcertados, e não voltaram. Claro que Maurício tirava tanto prazer como Isabel desta absorção matrimonial.

Compartilhava das atividades literárias de Isabel, e ela cultivava um interesse real pela agricultura e pela criação de gado. Porquanto, sendo no fundo talvez

uma emotiva, cultivava sempre o lado prático da vida e ufanava-se de dominar as questões práticas. Assim o marido e a mulher tinham passado os cinco anos da sua vida de casados, o último dos quais fora um ano de cegueira e de inefável intimidade. E agora Isabel sentia-se invadida por uma grande indiferença, uma espécie de letargia. Queria que a deixassem ter o seu filho em paz e sentir o tempo escoar-se dia a dia, vagamente, fisicamente, cabeceando à lareira. Maurício era como uma nuvem ameaçadora de trovoada. Tinha de se conservar desperta, não o esquecer nunca. Ao receber a missiva de Bertie, pedindo-lhe para levantar a pedra do túmulo da sua morta amizade e falando-lhe na pena verdadeira que sentia por seu marido ter perdido a vista, ela sentiu uma angústia, uma agitação alvoroçada de despertar. E leu a carta a Maurício.

– Pede-lhe para vir.

– Pedir a Bertie para vir aqui!?

– Sim, se lhe agradar.

Isabel calou-se por alguns momentos.

– Sei que é isso o que ele quer; que lhe daria grande prazer – replicou. – Mas tu, Maurício? Gostarias disso?

– Gostaria.

– Bem... Nesse caso... Mas parecia-me que não gostavas dele...

– Oh, não sei. Talvez que pense de maneira diferente a seu respeito agora – replicou o cego. Era um tanto abstruso para Isabel.

– Bem, meu querido, se tens bem a certeza...

– Tenho a certeza. Diz-lhe que venha.

De forma que Bertie vinha, naquela noite, através da chuva e da escuridão de Novembro. Isabel estava agitada, oprimida pela sua velha inquietude e indecisão. Sofrera sempre desta dor da dúvida, de um sentimento aflitivo de incerteza, que começara a desvanecer-se na letargia da maternidade. Agora voltava, e ela sofria com isso. Lutava, como de costume, para manter a sua atitude calma, composta e amigável, uma espécie de máscara que usasse sobre todo o corpo.

Uma criada acendeu um candeeiro alto ao lado da mesa, e pôs a toalha. A ampla sala de jantar estava escassamente iluminada, com o seu mobiliário elegante mas um tanto severo. Só a mesa redonda recebia da luz um brilho suave, que produzia um belo efeito. A toalha branca cintilava, com os seus pesados cantos

bordados caídos quase até ao tapete, a louça era antiga e bela, cor de creme, com um desenho a vermelho vivo e azul escuro, as chávenas grandes e em forma de sino, o bule elegante. Isabel lançou a tudo isto um olhar de passageiro apreço.

Estava nervosa. Olhou de novo, automaticamente, as altas janelas sem cortinas. Apenas pôde perceber ao lusco-fusco, que rapidamente desaparecia lá fora, um enorme abeto balouçando os ramos: era como se ela o pensasse, mais do que o visse. A chuva veio bater nas vidraças. Ah! por que razão não tinha paz? Estes dois homens, por que motivo a atormentavam? Porque não vinham? Porque havia esta incerteza?

Permanecia numa lassidão que era, na realidade, irritação e incerteza. Maurício, pelo menos, podia vir... não havia razão para estar lá fora. Pôs-se de pé. Vendo-se refletida num espelho, olhou-se de relance com um breve sorriso de reconhecimento, como se fosse uma velha amiga de si própria. O seu rosto era oval e calmo, o nariz levemente arqueado. O pescoço descia para os ombros numa curva graciosa. O cabelo enrolado descuidadamente atrás, dava-lhe um certo ar quente, maternal. Pensando nisto, arqueou as sobrancelhas e levantou as pálpebras um tanto pesadas, com um ligeiro esboço de sorriso, e durante um momento os seus olhos cinzentos pareceram divertidos e travessos, um tanto sardônicos, na face transfigurada de Madona.

Depois, recuperando o seu ar de paciência feminina – estava, na realidade, fatalmente decidida – dirigiu-se para a porta, com um ligeiro empuxão. Tinha os olhos um pouco avermelhados.

Passou o amplo vestíbulo, em baixo, e atravessou a porta ao fundo. Então encontrou-se no recinto da herdade. O cheiro da vacaria, da cozinha da herdade, do pátio da herdade e de cabedal quase a estonteou: mas particularmente o cheiro da vacaria. Tinham estado a esfregar as panelas. O corredor lajeado, na sua frente, estava escuro, enlameado e úmido. Saía luz pela porta aberta da cozinha. Isabel avançou e ficou de pé no limiar. O pessoal da herdade ceava, sentado a pouca distância dela, em redor duma mesa comprida e estreita, ao centro da qual havia um candeeiro branco. Rostos corados, mãos tismadas segurando a comida, bocas vermelhas mastigando, cabeças inclinadas sobre as chávenas: homens, raparigas do campo, rapazes. Era a hora da ceia, a hora de comer. Algumas caras repararam nela. A senhora Wernham, dando voltas por detrás das cadeiras com um grande bule preto, fez uma ligeira paragem, não dando pela sua presença durante alguns instantes. Depois, voltou-se subitamente.

– Oh, é a senhora! – exclamou. – Faz favor de entrar, faz favor de entrar! Estamos a cear. – E adiantou-lhe uma cadeira.

– Não, não entro – disse Isabel. – Não queria interromper a vossa refeição.

– Não, não; não interrompe nada, minha senhora.

– Sabe se o senhor Pervin já entrou?

– Palavra que não lhe sei dizer! Precisava dele, minha senhora?

– Não, só queria que viesse para casa – disse Isabel, rindo com ar de acanhamento.

– Quer que o mande chamar, quer? Vai lá, rapaz... vai lá...

A senhora Wernham bateu no ombro de um dos rapazes, que começou a levantar-se, mastigando com a boca cheia.

– Creio que está no estábulo da ponta – disse outra boca, de ao pé da mesa.

– Oh! Não, não te levantes. Eu vou lá – disse Isabel.

– Não se meta a uma noite tão má como esta, minha senhora. Deixe ir o rapaz. Mexe-te, rapaz – disse a senhora Wernham.

– Não, não – insistiu Isabel, com uma decisão que se fazia sempre obedecer. – Continua lá com a tua ceia, Tomás. Gosto de ir até ao estábulo senhora Wernham.

– Já viram uma coisa destas!? exclamou a mulher.

– Não acha que o carro se está a demorar? – perguntou Isabel.

– Não, minha senhora – disse a senhora Wernham, consultando na meia obscuridade o relógio distante e alto. – Não, minha senhora, deve ainda demorar um bom quarto de hora ou vinte minutos.

– Sim! Parece mais tarde, quando a noite vem tão cedo.

– Lá isso vem, isso vem. Que aborrecidos dias, que passam tão depressa – respondeu a senhora Wernham. – Que seca

– Tem razão – disse Isabel, saindo.

Calçou os sapatos impermeáveis, embrulhou-se num grande xale de lã axadrezado, pôs na cabeça um chapéu de feltro de homem, e lançou-se através do primeiro pátio. A noite estava muito escura. O vento fazia ramalhar os grandes ulmeiros que ficavam por detrás dos cobertos. Quando chegou ao

segundo pátio, a escuridão parecia ainda maior. Isabel não sabia onde punha os pés, e lamentou não ter trazido uma lanterna. A chuva vinha tocada com ela. Em parte, sentia prazer com isso; em parte, faltavam-lhe as forças para lutar.

Alcançou por fim a porta do estábulo, que se via com dificuldade. Em parte alguma se divisavam sinais de luz. Abrindo o postigo, olhou para dentro. Era um puro abismo de trevas. O cheiro dos cavalos, do amoníaco e da transpiração sobressaltava-a, naquela noite cerrada. Escutou, toda ouvidos, mas só pôde ouvir a noite e os movimentos dum cavalo.

– Maurício – chamou musicalmente e com brandura, muito embora estivesse cheia de medo.

– Maurício! – Estás aí?

Nada saiu da escuridão. Sabendo que a chuva e o vento caíam sobre os cavalos, a quente vida animal, e pensando que isso os podia prejudicar, entrou no estábulo e fechou a parte inferior da porta, segurando o postigo. Não se moveu, porque sentia a presença das ancas dos cavalos, embora os não visse, e tinha receio. Qualquer coisa de estranho lhe agitava o coração.

Escutou atentamente. Então ouviu um ligeiro ruído à distância – parecia que muito longe – o tinir duma panela e uma voz de homem dizendo uma breve palavra. Devia ser Maurício, na outra parte do estábulo. Ficou imóvel, esperando que ele viesse através da porta da divisória. No escuro, os cavalos encontravam-se tão perto dela que lhe causavam terror.

O fecho da porta interior, rangendo alto, sobressaltou-a. A porta abriu-se. Ouvia agora e sentia o marido entrar, passando invisível, no escuro, entre os cavalos que se encontravam perto dela. O som um tanto baixo da sua voz, falando aos cavalos, atuou como um veludo sobre os nervos de Isabel. Quão perto se encontrava, e quão invisível! A escuridão parecia agitada num estranho turbilhão de vida violenta, desabando sobre ela. Andou-lhe a cabeça à roda.

Mas a sua presença de espírito fê-la chamar, em tom calmo e musical:

– Maurício! Maurício, meu querido

– O que é Isabel?

Não vendo absolutamente nada, o som da voz do marido pareceu tocá-la.

– Olá – respondeu alegremente, apurando a vista para o ver. Continuava ocupado, tratando dos cavalos perto dela, mas Isabel apenas via escuridão. Isto quase a fez desesperar.

– Não vens para casa, querido?

– Sim, vou já. É só meio minuto. Espera um pouco agora. O carro ainda não veio, pois não?

– Ainda não.

A voz do marido era agradável e vulgar, mas sugeria-lhe vagamente a idéia duma voz impessoal, vinda do estábulo. Desejava que ele se viesse embora. Enquanto se encontrasse tão completamente invisível, teria receio dele.

– Que horas serão?

– Ainda não são seis – replicou Isabel. Desagradava-lhe responder para o escuro. Depois ele aproximou-se muito dela, que se retirou para fora da porta.

– O mau tempo entra cá dentro – disse, avançando com firmeza e procurando a porta às apalpadelas. Isabel retrocedeu, e pôde vê-lo por fim, obscuramente.

– Bertie não vai ter um bom passeio – disse ele, fechando a porta.

– Com certeza que não! – respondeu Isabel calmamente, firmando os olhos no vulto escuro que se encontrava à porta, e acrescentou:

– Dá-me o teu braço, querido.

Enquanto caminhava, apertava o braço de encontro a si. Mas ansiava por vê-lo, por olhá-lo. Estava nervosa. Ele caminhava ereto, com a face levantada, mas com um curioso movimento tateante das pernas musculosas e possantes. Isabel sentia o contacto forte, cuidadoso e hábil dos pés sobre a terra, enquanto se equilibrava a seu lado. Durante um momento, o marido foi para ela uma torre de escuridão, como se brotasse da terra.

No corredor da casa, ele vacilou e caminhou cautelosamente, envolvido num curioso alo de silêncio, enquanto procurava o banco. Então sentou-se pesadamente. Era um homem de ombros um tanto arqueados, mas com pesados membros, com possantes pernas que pareciam conhecer a terra. A cabeça era pequena, normalmente erguida e leve. Inclinando-se para desabotoar as polainas e as botas, não parecia cego. O cabelo era castanho e crespo, as mãos grandes, tismadas e inteligentes, com veias salientes nos pulsos; e as coxas e joelhos pareciam maciços. Quando se encontrava de pé, o rosto e o pescoço intumesciam-se de sangue e as veias sobressaíam-lhe nas fontes.

Isabel não prestava atenção à sua cegueira. Conservava-se sempre alegre, uma vez atravessada a porta divisória que colocava os dois nos seus domínios de repouso e beleza. Tinha um pouco de receio dele, lá fora, na grosseria animal da

herdade. Mas o comportamento do marido também mudava, ao aspirar o odor familiar, indefinível que pairava no ambiente onde vivia a esposa, um cheiro delicado, esquisito, muito levemente perfumado. Vinha talvez das taças de *pot-pourri*.

Deteve-se no patamar da escada, imóvel, escutando, e o coração de Isabel confrangeu-se, ao vê-lo. Parecia escutar o destino.

– Ainda não está – disse – Vou lá a cima mudar de fato.

– Maurício, não estás arrependido de ele ter vindo, pois não?

– Não sei bem dizer. Sinto-me um pouco na situação de qui vive.

– Não vejo razão para isso – respondeu, e, indo junto dele, beijou-o na face. Viu abrir-se-lhe a boca num sorriso lento.

– De que te ris? – disse em tom travesso.

– De estares a confortar-me.

– Não. Porque te havia eu de confortar? Sabes que nos amamos um ao outro – sabes quão casados estamos! Que importa o resto?

– Absolutamente nada, minha querida.

Procurou a face da esposa e tocou-a, sorrindo.

– Estás bem; não estás? – perguntou ele, ansiosamente.

– Estou maravilhosamente bem, amor. É por ti que às vezes me sinto um pouco perturbada.

– Como por mim? – disse, tocando-lhe levemente as faces com as pontas dos dedos. O toque teve para ela um efeito quase hipnotizador.

O cego foi-se embora pela escada acima. Ela viu-o subir para a escuridão, sem vista, imperturbável. Ignorava que as luzes do corredor se encontravam apagadas. Penetrou na escuridão a passo firme. Isabel ouviu-o na casa de banho.

Com tudo às escuras, Pervin movia-se quase inconscientemente no seu ambiente familiar. Parecia conhecer a presença dos objetos, antes de lhes tocar. Era para ele um prazer mover-se assim através de um mundo de coisas, transportado pela torrente numa espécie de presciência do sangue. Não pensava muito, não se perturbava muito. Enquanto conservasse este puro sentido do contacto do sangue com um mundo substancial, sentia-se feliz, dispensava a intervenção da consciência visual. Neste estado, havia um certo positivismo rico, roçando

algumas vezes pelo êxtase. A vida parecia mover-se dentro dele como uma maré, rolando, e subindo, envolvendo todas as coisas sombriamente. Era um prazer estender a mão e encontrar o objeto invisível, agarrá-lo, e possuí-lo em puro contacto. Não procurava recordar, visualizar. Não o queria. A nova forma de consciência instalara-se nele.

O rico influxo deste estado mantinha-o geralmente feliz, atingindo a sua culminação na paixão devoradora pela esposa. Mas, por vezes, dir-se-ia que a onda era sustada e repelida. Então quebrar-se-ia no seu íntimo como um mar de correntes desencontradas, e ele sofria a tortura do caos devastado do seu próprio sangue. Começou a temer esta detenção, esta repulsa, este caos dentro de si próprio, em que parecia encontrar-se puramente à mercê dos seus poderosos elementos em luta. Encontrar certa medida de domínio ou segurança, era o problema a resolver. E quando o problema surgia, desvairando-o, ele cerrava os punhos, como se para compelir todo o universo a submeter-se-lhe. Mas era em vão. Nem mesmo era capaz de se compelir a si próprio.

Naquela noite, porém, encontrava-se ainda sereno, muito embora o invadissem pequenos tremores de desespero inconsciente. Quando se barbeou, teve de manejar muito cuidadosamente a navalha, pois não a dominava, tinha medo dela. Tinha também o ouvido muito apurado. Ouvia a mulher a acender as lâmpadas do corredor, e cuidando do lume no quarto do hóspede. Depois, quando se dirigia ao seu quarto, ouviu chegar o carro. Seguidamente, veio a voz de Isabel, subindo de tom e chamando, como um sino em repique:

– És tu, Bertie?. Então vieste?

E uma voz de homem respondeu através do vento:

– Olá, Isabel! Então como estás?

– Tiveste um péssimo fim de viagem, pois não? Foi pena não te podermos mandar uma carruagem fechada. Sabes? Não sou capaz de te ver.

– Aqui vou. Não gostei do passeio; fez-me lembrar Perthshire. Então, como estás tu? Pareces bem, como sempre – na medida em que posso ver.

– Estou bem, sim – disse Isabel. – Estou mesmo muito bem. E tu, como estás? Parece que um tanto magro...

– Bastante cansado – toda a gente o diz. Mas estou bem, Ciss. E Pervin, como vai ?... ele não está cá?

– Está, sim, lá em cima a mudar de roupa. Vai muito bem. Despe essa roupa molhada; eu mando-a pôr a secar.

– E como vão os dois, quanto a disposição? Ele não se sente aborrecido?

– Não... não; de forma alguma. Pelo contrário. Temos sido muitíssimo felizes, incrivelmente felizes. Nem sei compreender como... é uma coisa admirável: a intimidade, a paz...

– Oh, muito bem! Folgo muito com isso...

Seguiram, e Pervin não ouviu mais nada. Mas uma sensação infantil de desolação se apoderara dele, ao ouvir as suas vozes sacudidas. Parecia excluído, como uma criança que se deixa de parte. Sentia-se ir à deriva, sem saber o que havia de fazer de si. Apoderou-se dele a invencível desolação. Enquanto se vestia, tateava nervosamente, num estado de quase infantilidade. Desagradava-lhe o sotaque escocês da fala de Bertie, e a sua imitação imperceptível por parte de Isabel. Desagradava-lhe o som ligeiramente arrastado, de complacência, na fala escocesa. Desagradava-lhe profundamente a maneira fácil com que Isabel falava da felicidade e intimidade deles. Isto fê-lo retrair-se. Sentia-se irritado e posto à margem como uma criança; tinha a nostalgia quase infantil de ser incluído no círculo da vida. E ao mesmo tempo era um homem, sombrio, possante e enfurecido pela sua deficiência. Devido a esta falha fatal, não podia ter existência autônoma, tinha que depender do apoio de outrem. E era esta dependência que o encolerizava. Odiava Bertie Reid, e sabia ao mesmo tempo que esse ódio era insensato, que era o produto da sua própria fraqueza.

Desceu a escada. Isabel estava só, na sala de jantar. Viu-o entrar, de cabeça ereta, os pés tateando. Tinha um aspecto tão sanguíneo e sadio e, ao mesmo tempo, frustrado! Frustrado: era a palavra que pairava no espírito da esposa. Talvez que fossem as cicatrizes que o sugeriam.

– Ó Maurício, ouviste chegar Bertie?

– Ouvi, sim; não está aqui?

– Está no seu quarto. Está muito magro e cansado.

– Creio que trabalha de mais.

Entrou uma mulher com uma bandeja, e alguns minutos depois Bertie desceu. Era um homenzinho moreno, com uma fronte muito ampla, cabelo fraco, as madeixas, e olhos grandes e tristes. A sua expressão era desmedidamente triste, quase cômica. Tinha umas pernas curtas e mal feitas.

Isabel reparou que hesitava ao entrar a porta, olhando o marido num relance nervoso. Pervin ouviu-o e voltou-se.

– Ora aqui estamos! – disse Isabel. – Bem, vamos comer.

Bertie dirigiu-se para Maurício.

– Como está, Pervin? – disse, avançando.

O cego estendeu a mão para o espaço, e Bertie apanhou-a.

– Muito bem. Temos muito prazer com a sua vinda – disse Maurício.

Isabel olhou-os de relance, e depois afastou os olhos, como se não pudesse suportar a vista deles.

– Venham. Venham para a mesa. Não têm fome? Eu cá tenho um apetite tremendo.

– Com certeza os fiz esperar – disse Bertie, quando se sentava.

Maurício tinha uma maneira curiosa, monolítica, de se sentar numa cadeira, ereto e distante. O coração de Isabel batia sempre mais forte quando o via assim.

– Não – respondeu ela a Bertie. – Pouco mais tarde é do que o costume. Costumamos ter uma pequena refeição com chá, em vez do jantar. Importas-te? Ficamos assim com um serão mais comprido, sem interrupções.

– Gosto disso – afirmou Bertie.

Maurício procurava, com movimentos curiosos e breves, quase como um gato ajeitando a cama, o seu lugar, o seu garfo e faca, o seu guardanapo, tomando assim consciência de toda a geografia do seu talher. Sentava-se ereto e imperscrutável, com um ar ausente. Bertie observava a figura estática do cego, o delicado discernimento táctil das suas mãos grandes e tismadas, e o curioso e calmo silêncio da fronte, acima da cicatriz. Era-lhe difícil afastar os olhos, e, sem saber o que fazia, apanhou da mesa uma pequena taça de cristal, coberta de violetas, levou-as ao nariz.

– Têm um belo aroma – disse. – Onde são?

– Do jardim, por baixo das janelas – disse Isabel.

– Com o ano tão adiantado, e cheiram tão bem! Lembras-te das violetas que ficavam junto à parede sul da casa da tia Bell?

Os dois amigos olharam-se e trocaram um sorriso, iluminando-se os olhos de Isabel.

– Então não me hei-de lembrar? Era tão extravagante, a tia Bell

– Era uma curiosa velha com espírito de rapariga – disse Bertie, rindo. – Há uma veia de excentricidade na família, Isabel.

– Há – mas não em ti nem em mim, Bertie – disse Isabel. – Passa-as a Maurício, se fazes favor – acrescentou, na altura em que Bertie ia pousar as flores. – Já cheiraste as violetas, filho? Cheira! Têm um aroma tão agradável.

Maurício estendeu a mão, e Bertie colocou a frágil taça junto dos seus dedos grandes, de aspecto quente. A mão de Maurício fechou-se sobre os frágeis dedos brancos do advogado. Bertie desembaraçou-se deles cuidadosamente. Então os dois observaram como o cego cheirava as violetas. Curvou a cabeça, e parecia pensar. Isabel esperava.

– Não cheiram tão bem, Maurício? – disse por fim ansiosamente.

– Muito. – E apresentou a taça, que Bertie apanhou. Tanto este como Isabel se mostravam um pouco receosos, e profundamente perturbados.

A refeição continuou. Isabel e Bertie conversavam intermitentemente. O cego mantinha-se calado. Tocava a comida repetidas vezes, de maneira rápida e delicada, com a ponta da faca, e depois comia pedaços irregulares. Não podia suportar que o auxiliassem. Tanto Isabel como Bertie sofriam: Isabel cismava porquê. Não sofria quando se encontrava a sós com Maurício. Bertie foi dar-lhe consciência de qualquer coisa de estranho.

Depois da refeição, os três sentaram-se a conversar junto do fogão. As taças foram postas numa mesa ali à mão. Isabel ajeitou os toros que ardiam, fazendo desprender-se nuvens de centelhas brilhantes em direção à chaminé. Bertie notou um ligeiro cansaço no seu rosto.

– Será uma grande alegria para ti quando a criança nascer, Isabel – disse.

Ela olhou-o, levantando o rosto onde se esboçava um rápido sorriso descorado.

– Sim, será uma grande alegria. Parece que começa a demorar. Sim, será uma grande alegria. E também para ti, Maurício, não é? – acrescentou.

– Sim, também – replicou o marido.

– Estamos os dois ansiosos por que venha – disse ela.

– Com certeza – disse por sua vez, Bertie.

Este era um celibatário, três ou quatro anos mais velho do que Isabel. Vivia numa bela residência sobranceira ao rio, guardada por um fiel criado escocês. E tinha as suas amizades entre o belo sexo – não amantes, mas amigas. Contanto

que pudesse evitar qualquer perigo de galanteio ou casamento, dedicava a um certo número de mulheres sérias uma amizade constante e firme, e tinha um afeto cavalheiresco por muitas delas. Se pareciam prender-se-lhe demasiado, então recuava, pronto a detestá-las.

Isabel conhecia-o muito bem, conhecia a sua bela constância e bondade, bem como a sua incurável fraqueza, que o tornava incapaz de entrar num contacto íntimo de qualquer sorte. Bertie envergonhava-se de si mesmo, porque era incapaz de casar, de se aproximar das mulheres fisicamente. Queria fazê-lo. Mas não podia. No âmago do seu ser era tímido, incuravelmente, mesmo brutalmente tímido. Pusera de parte a esperança, deixara de acreditar na possibilidade de vencer a sua própria fraqueza. Daí resultava que era um advogado brilhante e conceituado, e também um homem de letras de elevada categoria, um homem rico, um grande sucesso social, mas no âmago do seu ser, sentia-se neutro, uma nulidade.

Isabel conhecia-o bem. Desprezava-o, ao mesmo tempo que o admirava. Olhava para o seu rosto triste, para as suas perninhas curtas, e sentia desprezo por ele. Olhava para os seus olhos dum cinzento escuro, onde se refletia uma intuição misteriosa, quase infantil, e estimava-o. Ele tinha um poder de compreensão espantoso – mas ela não receava essa compreensão. Patrocinava-o, como um homem.

E então voltava-se para a figura impassível, silenciosa do marido. Este permanecia reclinado na sua cadeira, de braços cruzados e o rosto um pouco erguido. Os seus joelhos eram direitos e maciços. Isabel suspirava, pegava no atizador e começava de novo a atear o lume, a erguer nuvens de centelhas frágeis e brilhantes.

– Diz-me Isabel – começou Bertie a dizer – que a falta de vista não tem representado para si um sofrimento insuportável.

Maurício endireitou-se para o ouvir, mas conservava os braços cruzados.

– Não, insuportável, não. De vez em quando revoltamo-nos contra isso. Mas há compensações.

– Dizem que é muito pior a falta completa de ouvido – disse Isabel.

– Creio que sim – disse Bertie. – Há compensações? – acrescentou para Maurício.

– Sim. Deixamos de nos preocupar com um grande número de coisas. – E de novo Maurício endireitou o corpo estendeu os músculos fortes das costas, inclinando-se para trás, com o rosto erguido.

– E isso é um alívio – disse Bertie. – Mas o que vem compensar o aborrecimento? O que substitui a atividade?

Houve uma pausa. Por fim o cego replicou, como dando curso a uma idéia negligente, desatenta:

– Oh, não sei. Há muita coisa quando se não está ativo.

– Há? – disse Bertie. – O quê, exatamente? Sempre me tem parecido que quando não há pensamento nem ação, não há nada.

Maurício respondeu de novo vagarosamente:

– Há qualquer coisa. Não sei explicar o que.

E a conversa descaiu uma vez mais, falando Isabel e Bertie de coisas triviais e de reminiscências, com o cego silencioso.

Por fim Maurício ergueu com impaciência a sua corpulenta figura. Sentia-se rígido e entorpecido. Queria sair.

– Importam-se que eu vá falar a Wernham?

– Não; vai, filho – disse Isabel.

E ele saiu. Os dois amigos ficaram silenciosos. E por fim Bertie disse:

– Não obstante, é uma grande falta, Cissie.

– É, Bertie. Sei que é.

– Qualquer coisa cuja falta se sente a todo o momento – disse Bertie.

– Sim, bem sei. E contudo... e contudo... Maurício tem razão. Há qualquer coisa mais, há qualquer coisa que não sabíamos existir, e que se não pode exprimir.

– O que é? – perguntou Bertie.

– Não sei; é extraordinariamente difícil de exprimir; mas qualquer coisa de forte e imediato. Há qualquer coisa de estranho na presença de Maurício, qualquer coisa de indefinível; mas eu não poderia passar sem ela. Concordo que parece fazer-nos adormecer a mente. Mas quando estamos sós, sinto que nada me falta; parece extraordinariamente rico, quase esplêndido, sabes?

– Desculpa, mas não percebo.

Conversaram sobre umas coisas e outras. O vento soprava e uivava lá fora, a chuva rufava nas vidraças, produzindo um som de tambor, através das portas de dentro fechadas, de um dourado suave. Os toros ardiam vagarosamente, com

pequenas chamas quentes, quase invisíveis. Bertie parecia sentir-se pouco à vontade; nos seus olhos havia olheiras fundas. Opulenta, na aproximação da sua maternidade, Isabel inclinava-se, olhando o lume. O seu cabelo encaracolava-se em madeixas esquisitas, que o homem olhava com agrado. Mas tinha no coração um sentimento curioso de terror antigo, de velho, infinito terror noturno.

– Suponho que todos nós temos as nossas deficiências – disse Bertie.

– Suponho que sim – disse Isabel em tom cansado.

– Infelizmente, mais cedo ou mais tarde.

– Não sei – disse ela erguendo-se. – Sinto-me perfeitamente bem, sabes? O meu futuro filho parece fazer-me indiferente, a tudo, dar-me placidez. Não posso convencer-me de que haja nada que deva perturbar-nos, sabes?

– É uma coisa boa, digo-te – replicou ele vagarosamente.

– É assim mesmo. Suponho que é coisa da Natureza. Se me convencesse de que não havia razão para me preocupar com Maurício, seria perfeitamente feliz.

– Mas sentes necessário preocupar-te com ele?

– Bem, não sei... – disse, sofrendo com o esforço.

A noite decorria vagarosa. Isabel olhou para o relógio.

– São já quase dez horas – disse. – Onde estará Maurício? Com certeza que lá atrás já estão todos na cama. Dá-me licença, por um momento.

Saiu, voltando quase imediatamente.

– Está tudo fechado e às escuras. Onde estará ele? Com certeza que foi para a herdade...

Bertie olhou-a, e disse:

– Creio que deve estar aí a chegar.

– Creio que sim. Mas não costuma sair a estas horas.

– Queres que eu vá ver se o vejo?

– Pois sim, se te não importas. Eu iria, se... Não queria fazer esse esforço físico.

Bertie vestiu um velho sobretudo e pegou na lanterna, saindo pela porta lateral. A noite úmida e rumorosa fê-lo recuar. Um tempo assim exercia sobre ele um efeito nervoso. A excessiva umidade que havia por toda a parte fazia-o sentir-se como que imbecilizado. Embora contra-vontade, continuou a andar. Um cão

ladrou-lhe com violência. Espreitou em todos os edifícios. Por fim, abrindo o postigo duma espécie de celeiro intermediário, ouviu o som duma máquina, e, olhando para dentro com o auxílio da lanterna, viu Maurício, em mangas de camisa, escutando de pé e segurando a manivela duma máquina de moer nabos. Tinha estado a moer beterrabas, dum monte que mal se divisava a um canto, por detrás dele.

– És tu, Wernham? – disse Maurício, escutando.

– Não, sou eu – disse Bertie.

Um grande gato cinzento, meio selvagem, roçava-se pelas pernas de Maurício. O cego inclinou-se para o afagar. Bertie observou a cena, e depois, inconscientemente, entrou e fechou a porta atrás de si. Encontrava-se dentro de um barracão alto, do qual partiam, para a direita e para a esquerda, corredores que passavam em frente do gado estabulado. Observava o movimento vagaroso do outro, inclinando-se para acariciar o gatarrao.

Maurício endireitou-se.

– Veio procurar-me?

– Isabel estava um pouco preocupada.

– Vou já. Gosto de me entreter por aqui com estes trabalhos.

O gato estendera-lhe o seu sinistro corpo felino pela perna acima, cravando-lhe as garras na coxa, afetuosamente. Maurício afastou-as de si.

– Não queria, de forma alguma, ser um estorvo para si, aqui na Granja – disse Bertie, com certo acanhamento e secura.

– Um estorvo? Não, de forma alguma. Gosto que Isabel tenha alguém com quem falar. Receio que o estorvo seja eu. Sei que não sou uma convivência muito agradável. Isabel está bem, não acha? Não é infeliz, pois não?

– Não o creio.

– O que diz ela?

– Diz que está muito satisfeita... Somente, acha-se um pouco preocupada consigo.

– Porquê comigo?

– Talvez com receio de apreensões suas – disse Bertie, cautelosamente.

– Não deve recear isso. – E continuou a acariciar com os dedos a cabeça cinzenta do gato, que baixava as orelhas sobre o pescoço. – O que receio um pouco –

prosseguiu – é que ela me ache um peso morto, sempre sozinha comigo aqui.

– Não acho que deva preocupar-se com isso – disse Bertie, embora ele próprio o receasse também.

– Não sei – disse Maurício. – Às vezes sinto que não é justo tê-la atrelada a mim. – Depois baixou a voz, com curiosidade. – Diga – perguntou, numa luta íntima – a minha cara está muito desfigurada? É capaz de me dizer a verdade?

– Tem a cicatriz – disse Bertie, cismando. – Sim, desfigura um pouco. Mas é mais lastimável do que chocante.

– No entanto, é uma grande cicatriz.

– Oh, sim.

Houve uma pausa.

– Por vezes, tenho a sensação de que sou horrível – disse Maurício, numa voz apagada, como se falasse para consigo. E Bertie, com efeito, teve um estremecimento de horror.

– Não tem razão para isso.

Maurício endireitou-se de novo, deixando o gato.

– É escusado dizer – disse. Depois, acrescentou, num tom estranho: – Na realidade, não o conheço, pois não?

– Creio que não – disse Bertie.

– Importa-se que eu lhe toque?

O advogado retraiu-se, instintivamente. E contudo, por mera filantropia, disse numa voz apagada:

– De forma alguma.

Mas foi para ele um sofrimento, quando o cego estendeu na sua direção uma mão forte e nua. Sem o querer, Maurício deitou ao chão o chapéu de Bertie.

– Julguei que fosse mais alto – disse, atrapalhado. Em seguida, pôs a mão sobre a cabeça de Bertie Reid, encerrando-lhe a curva do crânio num aperto brando, mas firme, dir-se-ia que apanhando-o. Depois, alargando as mãos, apertou de novo brandamente, com uma pressão considerada e firme, até que cobriu o crânio e a face do homenzinho, desenhando-lhe as sobrancelhas, tocando-lhe em cheio os olhos fechados, tocando o nariz pequeno e as narinas, o bigode áspero e curto, a boca, o queixo bastante forte. A mão do cego apalpou o ombro,

o braço, a mão do outro. Parecia apoderar-se dele, passeando-lhe com brandura as mãos sobre o corpo.

– Parece novo – disse por fim com serenidade.

O advogado estava como que aniquilado, incapaz de responder.

– A sua cabeça parece tenra, como se fosse jovem – repetiu Maurício. – E as suas mãos também. Toque nos meus olhos, sim? – toque na minha cicatriz.

Bertie tremia agora com repulsa. Contudo encontrava-se sob o poder do cego, como que hipnotizado. Ergueu a mão e pôs os dedos sobre a cicatriz e sobre os olhos desfigurados. Maurício cobriu-os subitamente com a mão, apertou os dedos do outro sobre as suas órbitas desfiguradas, tremendo fibra a fibra e oscilando levemente, vagarosamente, dum lado para o outro. Assim fez durante um minuto ou mais, enquanto Bertie permanecia como num desmaio, inconsciente, aprisionado.

Então, subitamente, Maurício afastou da frente a mão do outro, e deteve-a na sua por algum tempo.

– Oh, meu Deus! – disse – agora ficamos a conhecer-nos um ao outro, não é assim? Agora ficamos a conhecer-nos um ao outro.

Bertie não pôde articular resposta. Abriu os olhos, mudo e aterrorizado, vencido pela sua própria fraqueza. Sabia ser incapaz de responder. Estava possuído dum medo insensato de que o outro o matasse subitamente. Por outro lado, Maurício encontrava-se cheio de um afeto quente e penetrante, a paixão da amizade. Era talvez desta mesma paixão da amizade que Bertie mais recuava.

– Agora podemos entender-nos bem; não é assim? – disse Maurício. – Agora podemos entender-nos bem, enquanto vivermos, pelo que nos diz respeito.

– Sim – disse Bertie, procurando evadir-se por qualquer forma.

Maurício permanecia de cabeça erguida, como quem escuta. Esta nova e delicada satisfação da amizade mortal tocara-o como uma revelação e uma surpresa, como qualquer coisa de esquisito e inesperado. Parecia escutar, para ver se era real.

Depois, voltou-se para procurar o casaco.

– Venha; vamos ter com Isabel.

Bertie apanhou a lanterna e abriu a porta. O gato desapareceu. Os dois homens seguiram em silêncio ao longo dos atalhos. Quando se aproximavam, Isabel

considerou que as suas passadas tinham um som estranho. Observou depois, com expressão patética e ansiosa, quando entravam. Maurício parecia possuído de uma altivez curiosa. Bertie mostrava-se abatido e tinha os olhos pisados.

– O que há? – perguntou ela.

– Tornamo-nos amigos – disse Maurício, erguendo-se com as pernas afastadas, como um estranho colosso.

– Amigos! – repetiu Isabel, como um eco. E olhou de novo para Bertie. Este recebeu os seus olhos com um olhar furtivo e cansado. Os olhos dele pareciam vidrados de infortúnio.

– Estou tão satisfeita – disse ela, em pura perplexidade.

– Sim – disse Maurício.

Estava verdadeiramente satisfeito. Isabel tomou-lhe a mão nas suas, e apertou-a.

– Agora serás mais feliz, meu querido – disse.

Mas observava Bertie. Sabia que ele só tinha um desejo: fugir desta intimidade, desta amizade que lhe tinha sido imposta. Não podia suportar ter sido tocado pelo cego, terem penetrado na sua doentia reserva. Era como um molusco a quem tivessem partido a casca.

A ESTRADA AO LUAR – Ambrose Bierce

1. Testamento de Joel Hetman, Jr.

Sou o mais infeliz dos homens. Rico, respeitado, bem educado e gozando de boa saúde, para não falar de outras vantagens que aqueles que as têm valorizam e que aqueles que não as têm cobiçam, às vezes penso que teria sido mais feliz se elas me tivessem sido negadas, pois assim o contraste entre minha vida exterior e minha vida interior não demandaria continuamente uma dolorosa atenção. Sob o peso da privação e da necessidade de esforço, eu poderia de vez em quando esquecer o segredo negro que sempre confunde as conjeturas a que conduz.

Sou o único filho de Joel e de Julia Hetman. O primeiro foi um próspero senhor de terras; e ela, uma mulher bela e educada, a quem ele se ligou apaixonadamente com o que agora sei teria sido uma devoção ciumenta e intolerante. A casa da família situava-se a algumas milhas de Nashville, no Tennessee, e era uma residência espaçosa, de estrutura irregular, sem nenhum estilo arquitetônico definido, um pouco distante da estrada, numa área cercada de arbustos e árvores.

Na época a que me refiro, eu tinha dezenove anos e estudava em Yale. Certo dia recebi um telegrama de meu pai, o qual impunha tal urgência que, obedecendo ao seu comando, retornei imediatamente para casa. Na estação ferroviária de Nashville um parente distante me esperava para me notificar sobre o motivo do chamado: minha mãe tinha sido barbaramente assassinada – por que e por quem ninguém sabia, mas as circunstâncias estavam lá.

Meu pai tinha ido a Nashville, com intuito de retornar na tarde seguinte. Alguma coisa o impedira de concluir o negócio visado, de modo que retornou na mesma noite, chegando antes do amanhecer. Em seu depoimento perante o investigador, ele explicou que, não dispondo da chave e não tendo intenção de perturbar os criados, deu a volta pelos fundos da casa. Quando passou por um dos ângulos do

edifício, ouviu um som como o de uma porta sendo fechada com cuidado e viu, em meio à escuridão, a figura algo indistinta de um homem, o qual desapareceu imediatamente entre as árvores da clareira. Depois de uma rápida e infrutífera perseguição e de uma busca pelos arredores, na expectativa de que o intruso estivesse visitando em segredo alguma criada, ele atravessou a porta destrancada e galgou os degraus até o quarto de minha mãe. A porta se achava aberta; e, quando ele deu alguns passos na escuridão, tropeçou num pesado objeto que jazia no piso. Que eu me poupe os detalhes: era minha pobre mãe, que morrera estrangulada por mãos humanas!

Nada fora subtraído da casa, os criados não ouviram som algum; e, exceto pelas marcas terríveis de dedos na garganta da morta – Deus do céu! que eu as esqueça algum dia! –, indício nenhum do assassino jamais foi encontrado.

Abandonei meus estudos e permaneci junto de meu pai, o qual, naturalmente, mudara muito. De um temperamento sereno e taciturno, ele agora caíra num tal abatimento que nada atraía sua atenção, embora certas coisas – o ruído de uma pisada, uma porta fechada bruscamente – despertassem nele um interesse vacilante, que se poderia chamar de apreensão. A qualquer pequena surpresa dos sentidos, ele acordava visivelmente e às vezes ficava pálido, para de novo cair numa apatia ainda mais profunda. Suponho que estivesse, como se diz, “sofrendo dos nervos”. Quanto a mim, eu era mais jovem do que hoje, o que tem certa implicação. A juventude é o Gileade, no qual está o bálsamo para todas as feridas. Ah, se eu pudesse morar outra vez nessa terra encantada! Ignorante da dor, ainda não sabia avaliar bem minha própria perda, não podia estimar adequadamente a potência do golpe.

Numa noite, poucos meses depois do horrendo incidente, meu pai e eu voltávamos da cidade para casa. A lua cheia estava há umas três horas do horizonte, a leste. Toda a região tinha a quietude solene de uma noite de verão. Nossas passadas e a canção incessante dos gafanhotos eram o único som que se escutava. As sombras escuras das árvores em volta caíam transversalmente sobre a estrada, a qual, na estreita faixa de luz, brilhava com um fulgor espectral. Quando nos aproximamos do portão de casa, cuja parte anterior estava coberta pelas sombras e através do qual nenhuma luz se avistava, meu pai parou de repente e agarrou meu braço, dizendo, com a respiração ofegante:

– Deus, Deus! O que é aquilo?

– Não ouço nada – repliquei.

– Mas veja, veja! – ele disse, apontando para a estrada à sua frente.

Eu disse: “Não há nada lá. Venha, pai, vamos entrar, você está mal.”

Ele soltara o meu braço e agora estava rígido e imóvel no meio da estrada iluminada, olhando como quem tivesse perdido os sentidos. Seu rosto, ao luar, exibia uma palidez e uma fixidez inexpressivas, perturbadoras. Puxei gentilmente a sua manga, mas ele se esquecera de mim. Súbito, começou a se afastar, passo por passo, sem nunca, por um instante sequer, tirar os olhos daquilo que viu ou pensou que viu. Iniciei o movimento de me voltar para o seguir, mas continuei parado, irresoluto. Não me lembro de ter sentido medo, a não ser que um repentino arrepio fosse a sua manifestação física. Pareceu-me que um vento gelado tocou minha face e envolveu meu corpo dos pés à cabeça. Pude sentir o bulício dele em meus cabelos.

Nesse momento minha atenção foi atraída por uma luz que jorrou de repente através de uma das janelas superiores da casa: uma das criadas, despertada por não sei que misteriosa premonição do mal (quem o saberá?), e em obediência a um impulso que ela nunca soube explicar, acendera uma lâmpada. Quando me voltei para ver meu pai, ele tinha sumido, e durante todos os anos que transcorreram sequer um sussurro acerca de seu destino atravessou, vindo dos reinos do desconhecido, a fronteira da conjectura.

2. Testamento de Caspar Grattan

Hoje dizem que estou vivo; amanhã, neste quarto, jazará uma forma de barro inconsciente que por muito tempo fui eu. Se alguém levantasse o pano que cobre o rosto dessa coisa desagradável, seria apenas para satisfazer uma mórbida curiosidade. Alguns, sem dúvida, irão mais longe e inquirirão: “Quem era ele?” Neste escrito, forneço a única resposta que posso dar: Caspar Grattan, o que já é o bastante. O nome tem servido à minha pequena necessidade por mais de vinte anos de uma vida cuja duração desconheço. De fato, concedi-o a mim mesmo; mas, por não ter outro, era meu direito. Neste mundo precisa-se de um nome: evita confusão, mesmo quando não estabelece a identidade. Alguns, porém, são conhecidos como números, que também se afiguram como distinções inadequadas.

Certo dia, para ilustração, eu estava passando por uma rua da cidade, bem longe

daqui, quando encontrei dois homens uniformizados, um dos quais, sem parar de todo e olhando com curiosidade o meu rosto, disse a seu companheiro: “Aquele homem se parece com o 767”. Alguma coisa no número me pareceu familiar e horrível. Levado por um impulso incontrollável, disparei por uma rua lateral, correndo até cair exausto numa alameda campestre.

Nunca me esqueci desse número. Sempre que ele me volta à lembrança, vem acompanhado por um tagarelar obsceno, explosões de gargalhadas jocosas, estampido de portas de ferro. Assim digo que um nome, mesmo quando o damos a nós mesmos, é melhor que um número. No registro do campo do oleiro em breve terei os dois. Quanta riqueza!

Devo pedir um mínimo de consideração a quem encontrar este papel. Não é a história de minha vida: falta-me o conhecimento para escrevê-la. Este é apenas o relato de memórias partidas e aparentemente desconexas, algumas das quais tão distintas e sequenciadas como contas brilhantes num fio, outras remotas e estranhas, com a aparência de sonhos carmesins entrecortados de hiatos negros – fogueiras brilhando quietas e avermelhadas numa grande desolação.

De pé sobre o litoral da eternidade, volto-me para um último olhar terra a dentro ao curso pelo qual cheguei até aqui. Há vinte anos de pegadas bastante nítidas – impressões de pés ensanguentados. Atravessaram a pobreza e a dor, errantes e incertos, como os de alguém que vacilasse sob o peso de um fardo...

Remotos, sem amigos, melancólicos, lentos.

Ah, a profecia do poeta sobre Mim – que admirável, que horivelmente admirável!

Para trás, para além do começo desta via dolorosa, deste épico do sofrimento com episódios de pecado, nada vejo claramente; é como se surgisse de uma nuvem.

Sei que se estende só por vinte anos, e no entanto sou velho.

Ninguém se lembra de seu próprio nascimento: tem de ouvir falar. Mas comigo foi diferente; a vida me veio pronta e me dotou com todas as minhas faculdades e forças. De uma existência anterior eu não sei mais do que qualquer outro, pois todos têm sugestões balbuciantes que podem ser lembranças ou podem ser sonhos. Sei apenas que minha primeira consciência foi a da maturidade do corpo e da mente, consciência que aceitei sem surpresa ou conjectura. Apenas me descobri andando numa floresta, seminu, os pés doloridos, indizivelmente exausto e faminto. Ao avistar uma quinta, aproximei-me e solicitei alimento, o qual me foi dado por alguém que perguntou meu nome. Eu não sabia, conquanto

soubesse que todos têm nomes. Muito embaraçado, retirei-me e, como a noite viesse caindo, deitei-me na floresta e dormi.

No dia seguinte entrei numa grande cidade cujo nome não direi. Igualmente, não descreverei os posteriores incidentes da vida que agora termina – uma vida de andanças, sempre e em qualquer lugar assombrada por um tirânico sentimento de crime em punição do erro e de terror em punição do crime. Permitam-me tentar alinhá-lo numa narrativa.

Parece-me que uma vez vivi perto de uma grande cidade, como um próspero agricultor, casado com uma mulher a quem amei e de quem desconfiava. Tínhamos – parece-me às vezes – um filho, jovem de brilhantes e promissores dotes. É uma figura para sempre vaga, nunca recortada claramente e, não raro, totalmente esquiva a qualquer tentativa de retrato.

Num infausto entardecer, ocorreu-me a ideia de provar a fidelidade de minha esposa por um meio vulgar e ordinário, que será familiar a qualquer um que tenha conhecimento da literatura factual ou fictícia. Fui à cidade, tendo dito a minha esposa que estaria ausente até a tarde do dia seguinte. Mas retornei antes do amanhecer e fui até os fundos da casa, com o propósito de entrar por uma porta que eu manipulara de modo que, estando aberta, parecesse bem trancada. Quando dela me aproximei, ouvi-a abrir e fechar discretamente e vi um homem se esgueirar para longe na escuridão. Com o coração sedento de morte, disparei em seu encaço, mas ele desapareceu sem deixar sinais que o identificassem. Às vezes, hoje em dia, mal posso me persuadir de que se tratasse de uma criatura humana.

Louco de ciúme e de raiva, cego e embrutecido por todas as paixões mais elementares de uma masculinidade aviltada, entrei em casa e disparei escada acima até a porta do quarto de minha esposa. Estava fechada; mas, tendo manipulado também a sua fechadura, entrei facilmente e, a despeito da negra escuridão, logo me coloquei ao lado da cama. Às apalpadelas, minhas mãos me disseram que, embora desarrumada, a cama não tinha ocupante.

– Ela está aqui – pensei – e, aterrorizada com minha vinda, fugiu de mim para a treva do corredor.

Com intenção de procurá-la, voltei-me para deixar o quarto, mas tomei uma direção errada – a direção certa! Meu pé tocou-a, agachada num canto do cômodo. Imediatamente minhas mãos alcançaram sua garganta, provocando um

grito, e meus joelhos fizeram pressão contra o seu corpo que se debatia. E então, em meio à treva, sem uma palavra de acusação ou de reprovação, estrangulei-a até à morte.

Aí termina o sonho. Relatei-o no passado, mas o presente seria a forma mais adequada, pois repetidamente a tragédia sombria é encenada em minha consciência – de novo e de novo eu traço o plano, sofro a confirmação e corrijo o erro. Então sobrevém o vazio, e depois as chuvas batem contra as vidraças encardidas, ou a neve cai sobre meu escasso vestuário, as rodas rumorejam sobre as ruas miseráveis onde minha vida transcorre entre a pobreza e um trabalho mesquinho. Se alguma vez houve sol, não me recordo; se existem pássaros, não os ouço cantar.

Há um outro sonho, uma outra visão dessa noite. Eu estou parado, em meio às sombras, sobre uma estrada enluarada. Tenho a noção de uma outra presença, mas de quem é eu não posso determinar. Na sombra de uma casa grande, capto a fulguração de roupas brancas; então a figura de uma mulher me aparece na estrada – minha esposa assassinada! Há morte em seu rosto, há marcas em sua garganta. Seus olhos se fixam nos meus com uma infinita gravidade, que não provém do reproche, nem do ódio, nem da ameaça, nem de nada menos terrível que o reconhecimento. Perante essa horrível aparição eu me afasto com terror – um terror que me envolve enquanto escrevo. Mal posso dar forma correta às palavras. Vejam! Elas...

Agora estou calmo, mas de fato não há mais nada a dizer: o incidente termina onde começou, na escuridão e na dúvida.

Sim, tenho de novo o controle sobre mim: “o capitão de minha alma”. Mas não se trata de alívio: é outro estágio, outra fase da expiação. Minha pena, constante em grau, muda apenas de espécie: uma de suas variações é a tranquilidade. No final, é uma sentença única e perpétua. “No inferno por toda a vida” – é uma penalidade tola: o criminoso escolhe a duração de seu castigo. Hoje meu prazo termina.

A cada um e a todos, a paz que não me coube.

3. Testamento da falecida Julia Hetman, segundo o médium Bayrolles

Eu fora cedo para a cama e caíra quase imediatamente num sono tranquilo, do qual despertei com aquele indefinível senso de perigo que é, creio, uma experiência comum naquela outra vida, a anterior. De sua falta de sentido, também, eu estava persuadida, o que no entanto não o afugentou. Meu marido, Joel Hetman, não se achava em casa; os criados dormiam numa outra parte da residência. Mas essas eram condições familiares, que nunca antes me preocuparam. Não obstante, o estranho terror se tornou de tal maneira insuportável que, vencendo minha relutância em me mover, sentei-me e acendi a lâmpada da cabeceira. Contrariando minha expectativa, isso não me deu nenhum alívio: a luz pareceu-me mais um perigo adicional, pois imaginei que brilharia por debaixo da porta, revelando minha presença a qualquer coisa de má que estivesse a espreitar pelo lado de fora. Vocês que ainda estão na carne, sujeitos aos horrores da imaginação, pensem em que medo monstruoso deve haver, o qual procura nas trevas segurança diante de malévolas existências da noite. É o mesmo que se aproximar de um inimigo invisível – a estratégia do desespero!

Apagando a lâmpada, puxei os lençóis até a cabeça e fiquei em silêncio, trêmula e incapaz de gritar ou de fazer uma prece. Nesse estado lastimável devo ter permanecido durante o que vocês chamam de horas; entre nós, aqui, não existem horas, não existe tempo.

Por fim veio: um som suave e irregular de pés que subiam as escadas! Eram lentos, hesitantes, incertos, como de alguma coisa que não enxergasse o seu caminho, o que, para a minha razão em desordem, era mais terrificante ainda, tal como a aproximação de algum mal inconsciente e cego diante do qual não haverá apelo. Pensei mesmo ter deixado acesa a lâmpada do corredor e que as apalpadelas dessa criatura a experimentariam como um monstro da noite. Isso era tolo e inconsistente, considerando-se o meu medo anterior da luz, mas o que vocês querem? O medo não tem cérebro, é um idiota. Seu testemunho lúgubre e o testemunho covarde que sussurra não estão relacionados. Sabemos disso muito bem, nós que já passamos para o Reino do Terror, que nos ocultamos na penumbra eterna, entre cenas de nossas vidas anteriores, invisíveis até para nós mesmos e uns para os outros, e ainda assim abandonados em lugares solitários, ansiando por falar a nossos entes amados, e no entanto mudos, e a temê-los tanto quanto eles a nós. Algumas vezes essa inabilidade desaparece, a lei é suspensa: pela força imortal do amor ou do ódio quebramos o feitiço – somos vistos por aqueles a quem gostaríamos de advertir, consolar ou punir. Que forma parecemos ter para eles não sabemos; sabemos apenas que aterrorizamos até mesmo aqueles que mais desejamos confortar e pelos quais nutrimos ternura e

simpatia.

Perdoem, suplico, essa digressão inconsequente feita pelo que um dia foi uma mulher. Vocês que nos consultam por este modo imperfeito, vocês não entendem. Fazem perguntas tolas sobre coisas desconhecidas e coisas proibidas. Muito do que sabemos e do que poderíamos comunicar em nossa fala não tem sentido na fala de vocês. Devemos nos comunicar com vocês por meio de uma inteligência balbuciante, naquela mínima fração de nossa linguagem que vocês próprios podem falar. Pensam que somos de outro mundo. Não, não temos conhecimento de nenhum outro mundo a não ser o de vocês, conquanto este não tenha para nós nenhuma luz do sol, nenhum calor, nenhuma música, nem sorrisos, nem cantos de pássaros, nem companheirismo nenhum. Ó Deus, que coisa é ser um fantasma, retraído e trêmulo num mundo diferente, presa só de apreensão e desespero!

Não, não morri de medo: a Coisa se virou e foi embora. Ouvi-a descer as escadas, às pressas, supus, como se tomada ela mesma de um medo súbito. Então me levantei para pedir ajuda. Mal minha mão tocou a maçaneta, e então – misericórdia! – a ouvi retornar. Suas passadas, quando subia os degraus, eram rápidas, pesadas e ruidosas, e fizeram estremecer a casa. Esgueirei-me até um ângulo das paredes e me agachei no chão. Tentei rezar. Tentei chamar pelo nome de meu querido esposo. Então ouvi a porta ser aberta. Houve um intervalo de inconsciência; e quando me recobrei senti um aperto na garganta: senti meus braços se debaterem impotentes contra qualquer coisa que me empurrava para trás, senti minha língua enrijecer entre os dentes! E então passei a esta vida.

Não, não tenho nenhuma ideia do que era. A soma do que sabíamos ao morrer é a medida do que saberemos depois acerca de tudo o que ocorreu antes. Desta existência sabemos muitas coisas, mas nenhuma luz nova se derrama sobre página alguma daquela outra; tudo o que podemos ler está escrito na memória. Aqui não existem píncaros de verdade a se elevar sobre a paisagem desse dubio território. Ainda moramos no Vale da Sombra, nos esgueiramos por seus lugares desolados, espreitando através das moitas e dos arbustos para os seus habitantes loucos, malignos. Como poderíamos obter novo conhecimento acerca daquele passado evanescente?

O que vou narrar aconteceu numa noite. Sabemos quando é noite, pois então vocês se retiram para suas casas e podemos nos aventurar e sair de nossos esconderijos, movendo-nos sem medo através de nossas antigas casas, olhando através das janelas, ou mesmo entrando e examinando as faces de vocês

enquanto dormem. Por muito tempo eu tinha permanecido junto à casa onde fui tão cruelmente transformada no que sou, como fazemos quando resta alguma coisa que amamos ou odiamos. Em vão eu buscara algum modo de me manifestar, algum modo de fazer que a continuação de minha existência e meu grande amor e minha intensa compaixão fossem compreendidos por meu marido e por meu filho. Sempre, se estivessem dormindo, eles despertavam; ou, se em meu desespero eu ousasse me aproximar quando estivessem despertos, voltariam para mim os olhos terríveis dos vivos, assustando-me com aqueles olhares que eu buscava devido ao propósito que me movia.

Nessa noite eu os procurei sem sucesso, temendo encontrá-los. Não estavam em parte alguma da casa, nem no pátio enluarado. Pois, embora tenhamos perdido o sol para sempre, a lua, cheia ou incompleta, permanece em nós. Às vezes brilha durante a noite, outras vezes durante o dia, mas sempre se levanta e se põe, como nessa outra vida.

Deixei o pátio e me movi, magoada, a esmo, sob a luz branca e no silêncio, ao longo da estrada. De repente ouvi a voz de meu pobre marido se elevar em exclamações de assombro, acompanhada pela de meu filho, que tentava retificar e dissuadir; e ali eles ficaram, junto à sombra de um grupo de árvores – tão próximos, tão próximos! Suas faces se voltaram para mim, os olhos do mais velho se fixaram nos meus. Ele me viu, ele me viu afinal! Na consciência disso, meu terror se desfez como um sonho cruel. O feitiço da morte fora quebrado: o Amor suplantara a Lei! Louca de exultação, eu gritei, devo ter gritado: “Ele vê, ele vê: ele entenderá!” Então, controlando-me, avancei, sorridente e cônica de minha beleza, para me oferecer aos seus braços, para confortá-lo com afagos e, segurando a mão de meu filho, para dizer palavras que restaurariam os elos partidos entre os vivos e os mortos.

Ai, ai! Seu rosto ficou branco de medo, seus olhos eram como os de um bicho acuado. Ele se afastou de mim, enquanto eu avançava, e por fim se virou e fugiu para a floresta – para onde? Não me é dado saber.

Ao meu pobre menino, que por certo ficou desolado, jamais pude comunicar qualquer sinal de minha presença. Em breve ele também passará a esta Vida invisível, e eu o perderei para sempre.

A CARTA EXTRAVIADA – Nicolai Gogol

Um dia, o sereníssimo hetmã lembou-se de mandar uma carta para a czarina. O escriba do regimento (que o diabo o carregue), esqueci como se chamava! Era Viskriak ou não? Motuzotchka ou não? Goloputsek ou não?... Como quer que seja, o que sei é que seu nome era difícilimo. Enfim, o escriba do regimento chamou meu avô e disse-lhe que o hetmã o encarregara de levar uma carta para a czarina.

Meu avô não gostava de fazer preparativos demorados. Coseu a carta em seu gorro, arreou o cavalo, beijou a mulher e os dois (como ele os chamava) porquinhos, um dos quais era meu pai, e partiu levantando após si tanta poeira quanta teriam levantado quinze malandros que estivessem jogando barra no meio da rua.

No dia seguinte pela manhã, ainda não cantara o galo pela quarta vez e meu avô já estava em Konotop. Realizava-se aí, então, uma feira: tão grande era a multidão que entulhava as ruas, mas como ainda era muito cedo, todas as pessoas dormiam deitadas no chão. Junto a uma vaca, estava deitado um "parabok" gozador, de nariz vermelho como um pisco; mais adiante roncava, sentada junto a suas coisas, uma vendedora de pederneiras, de anil, de chumbo para fuzil e de "bubliki". Debaixo de uma carriola, estava deitado um cigano; sobre outra carriola carregada de peixe estava estendido o carroceiro; e, na estrada real, de pernas abertas, permanecia deitado o moscovita barbudo com um carregamento de cinto e de luvas... numa palavra, havia toda a espécie de pessoas que é costume encontrar nas feiras.

Meu avô parou para olhar ao redor. As tendas começavam gradativamente a se animar: as judias arrumavam seus frascos, a fumaça subia em espirais aqui e ali e o odor das iguarias aquecidas espalhava-se por todo o acampamento.

Meu avô lembrou-se de que estava sem fumo e sem estopa, e começou a procurá-los na feira. Mal dera vinte passos, encontrou um "zaporoga" um verdadeiro gozador; bastava olhá-lo para verificar-se isso.

Calções vermelhos como fogo, um "caftã" azul; um cinturão escarlate, e sobre à cintura, um cachimbo de canudo curto com uma correntinha de cobre que ia até os pés, numa palavra, um verdadeiro "zaporoga" Ah! que rapagões! como eles param, como se espreguiçam ao passar a mão pelos valentes bigodes, como fazem tinir as esporas e começam a dançar: suas pernas giram com a velocidade de uma roca em mãos femininas! Fazem ressoar e depois, com as mãos nas cadeiras, atiram-se em "prissiadka" e entoam uma canção arrebatadora!... Não! passou-se o tempo. Não se verão mais "zaporogas"!

Então, meu avô encontrou um desses "zaporogas". Palavra puxa palavra, não lhes foi preciso muito tempo para se tornarem amigos. Começaram a tagarelar, a tagarelar a tal ponto que meu avô esqueceu inteiramente sua viagem. Beberam tanto quanto num festim antes da quaresma.

Finalmente, cansaram-se de quebrar jarros e de espargir dinheiro pela multidão; aliás, a própria feira não podia durar eternamente; os dois novos amigos combinaram então não se separarem e prosseguirem juntos.

A tarde já ia adiantada quando eles se encontravam em pleno campo. O sol partiu para o descanso, só deixando aqui e ali, após si, algumas faixas avermelhadas. A campina, com seus prados multicores, lembrava os trajes festivos das raparigas de negras sobrancelhas. Uma tagarelice terrível dominou nosso "zaporoga"; meu avô, com outro gozador que se reunira a eles, já estava pensando que um diabo penetrara certamente nele. Onde ia o homem buscar histórias e contos tão engraçados que meu avô segurava as ilhargas e quase passou mal da barriga? Mas quanto mais caminhavam, mais aumentava a escuridão, e concomitantemente as narrativas do rapaz perdiam sua jovialidade. Afinal o contador calou-se inteiramente, e começou a estremecer ao menor ruído.

– Eh! eh! patrício. Vejo que estas seriamente entretido a contar as corujas. Já pensar em correr o mais depressas possível para casa e sentar-te de novo sobre a tua estufa!

– Pois bem! Não quero ocultar-lhes a coisa – disse de súbito o "zaporoga" – voltando-se para os companheiros e olhando-os fixamente. – Saibam que há muito tempo vendi minha alma ao maligno.

– E que importância tem isso? Quem, em sua vida, não teve algum negocio a resolver com os impuros? Esse é exatamente o caso em que é necessário, como se diz, folgar desabridamente.

– Eh! companheiros, bem que eu folgaria; mas acontece que o prazo expira justamente esta noite. Eh! irmãos – disse ele batendo-lhes nas mãos – ajudem-me, não durmam esta noite, jamais esquecerei, enquanto viver, esse favor.

Como não auxiliar um homem às voltas com tão grande desgraça! Meu avô declarou imediatamente que preferia que lhe cortassem a própria nuca a deixar o diabo farejar com seu focinho canino uma alma cristã.

Nossos cossacos talvez houvessem prosseguido o caminho, se a treva não envolvesse todo o céu como num manto negro e a treva não fosse tão densa nos campos quanto debaixo de um capote de pelo de carneiro. Na distancia brilhava apenas uma débil luz e os cavalos, sentindo próxima a estrabaria, aceleravam a andadura, com as orelhas erguidas e varando com os olhos a escuridão. A luzinha parecia caminhar ao encontro deles, em frente aos cossacos, surgiu uma pequena taverna, inclinada para o lado, como uma mulher ao voltar de um alegre batismo.

Nessa época, as tavernas não eram o que são hoje. Um homem de bem não encontrava aí somente lugar para se pôr à vontade e dançar o "hopak", mas também para se deitar quando o vinho lhe pesasse na cabeça e suas pernas comesçassem a fazer ziguezagues.

O pátio todo estava cheio de carriola de "tchumaks". Nos galpões nas cavaliças, no vestíbulo, todos ressonavam como gatos uns encolhidos, outros arreganhados. O taverneiro estava sozinho em frente ao lampião fazendo entalhes num bastão para marcar quantas medidas as cabeças de "tchumaks" haviam esvaziado.

Meu avô, após pedir o terço de um cântaro de aguardente para três, dirigiu-se para o galpão, onde ele e os companheiros se estiraram lado a lado. Ainda não tivera tempo para se voltar quando verificou que os companheiros já estavam dormindo a sono solto. Acordando o terceiro cossaco que se reunira a eles, durante o trajeto, meu avô lembrou-lhe a promessa feita ao companheiro. O homem levantou-se, esfregou os olhos e adormeceu novamente. Que fazer, a não ser resignar-se a montar guarda sozinho?

Para afugentar o sono, meu pai foi examinar todas as carriolas e certificar-se do que os cavalos estavam fazendo; depois acendeu o cachimbo voltou e sentou-se outra vez junto aos companheiros.

Tudo estava tão calmo que se poderia ouvir uma mosca voar. Eis que de repente ele vê qualquer coisa cinzenta mostrar uns chifres por cima de uma carriola que estava perto; ao mesmo tempo seus olhos começaram a fechar-se, de sorte que

ele se pôs a esfregá-los continuamente com os punhos e lavá-los com a aguardente que restava; mal seus olhos ficavam desanuviados, tudo desaparecia, mas pouco depois o monstro se apresentava novamente atrás da carriola.

Meu avô arregalou os olhos o mais que pode, mas o maldito sono tudo baralhava em sua frente. Seus braços ficaram pesados, sua cabeça inclinou-se e dominou-o tão profundo sono que ele caiu que nem morto.

O avô dormiu por longo tempo; só quando o sol já havia aquecido muito sua tonsura é que ele se levantou rapidamente. Após se haver espreguiçado duas vezes e coçado as costas, reparou que há havia menos carriolas que na véspera. Provavelmente os "tchumaks" haviam partido ao amanhecer. Olhou para onde estavam os companheiros: o cossaco lá estava e ainda dormina, mas o "zaporoga" desaparecera. Começou a interrogar as pessoas, mas ninguém sabia de coisa alguma. Somente a "sivitk" do "zaporoga" ficara no lugar onde ele estivera deitado.

Apavorado, meu avô refletiu um instante. Foi ver os cavalos, mas não encontrou nem o seu, nem o do "zaporoga". "Que significaria isso? Admitamos que a força maligna se houvesse apoderado do "zaporoga"; mas quem levou os cavalos?"

Depois de refletir muito tempo, o avô concluiu que o diabo viera e, como era longe o caminho para voltar ao inferno, furtara-lhe o cavalo. Ele estava muito pesaroso por não haver cumprido a sua palavra de cossaco.

"Nesse caso – pensou – nada há que fazer! Irei a pé! Talvez encontre na estrada algum almocreve de volta da feira que me queira vender um cavalo."

Quis botar o gorro, mas o próprio gorro desaparecera. Meu finado avô juntou as mãos de desespero ao se lembrar de que na véspera o trocara pelo do "zaporoga". E então o impuro também o roubara! Não adiantava agora ele procurar em todos os bolsos. O hetmã havia mesmo de lhe dar presentes!... Ei-lo bem arranjado para levar a carta à czarina! E meu avô pôs-se então a deblaterar contra o diabo, a tal ponto que as orelhas lhe deviam ter ficado a arder no recesso do inferno.

Mas as palavras não resolvem os impasses; não adiantou a meu avô coçar a nuca, não lhe acudiu coisa alguma. Que fazer? Ele recorreu então à inteligência dos outros. Reuniu todas as boas criaturas que estavam na taverna, "tchumaks" e outros viandantes, e contou-lhes sua desdita. Os "tchumaks" ficaram muito tempo a refletir, com o queixo apoiado no cabo do chicote, depois baixaram a cabeça e acabaram dizendo que nunca tinham ouvido falar, em todo o mundo cristão, em alguma carta de hetmã roubada pelo diabo; outros acrescentaram que

nada havia a esperar, quando um diabo ou um moscovita roubava alguma coisa. Só o taverneiro permanecia quieto em seu canto. O avô dirigiu-se a ele: "Quando um homem permanece calado é que tem muito engenho." Somente o taverneiro não era muito pródigo em palavras; e se meu avô não houvesse puxado do bolso cinco escudos, não lhe arrancaria uma única palavra.

– Vou ensinar-te a maneira pela qual poderás recuperar tua carta – disse o homem afastando-se um pouco com meu avô.

Foi como se tirasse um peso de cima de meu avô.

– Já vejo em teus olhos que és um cossaco e não uma mulher. Pois bem! ouve: Pertinho daqui há um caminho que dobra à direita e entra na floresta. Logo que a noite descer sobre os campos, prepara-te para partir. Na floresta existem ciganas que somente saem de seus esconderijos para forjar o ferro nas horas da noite em que somente as feiticeiras passeiam montandas em seus atidores. Qual é, de fato, sua verdadeira profissão? Isso não é contigo. Haverá muita bulha na floresta; apenas, não te dirijas para o lado onde a ouvires. Chegarás em frente a uma veredazinha que passa junto a uma árvore queimada pelo raio; segue essa trilha, e caminha, caminha, caminha... As moitas espinhosas hão de te esfolar; densos matagais de aveleiras hão de barrar-te o caminho – mas continua a caminhar e quando chegares junto a um regato, só então é que poderás parar, e verás o que desejas. Também não te esqueças de botar nos bolsos a coisa para qual eles são feitos... Compreendes, diabo ou homem, todos gostam dele...

Depois de assim falar, o taverneiro retirou-se para seu quarto e não quis dizer mais uma palavra.

Meu finado avô não era um poltrão. Quando lhe acontecia encontrar um lobo agarrava-lhe pela cauda; quando abria caminho entre os cossacos, com seus punhos, todos caíam à sua volta como peras. Contudo, um arrepio percorreu-lhe a espinha quando entrou na floresta naquela noite escura. Nem uma estrela no céu. Estava tão escuro e deserto como num subterrâneo. Só se ouvia lá em cima, muito acima da cabeça, o vento frio que passeava pelas copas das árvores, e estas, como outras tantas cabeças de cossacos bêbados, cambaleavam, como se fossem calaceiros, murmurando com suas folhagens arengas desconexas. Foi quando ele sentiu o frio aumentar e lamentou não ter trazido o seu capote de pelo de carneiro que, subitamente, a floresta ficou iluminada como pela aurora, e ao mesmo tempo um fragor semelhante ao de cem martelos retumbou em seus ouvidos com tanta força que a cabeça lhe parecia estalar.

Meu avô depressa viu em sua frente uma vereda que serpenteava entre as moitas; a árvore consumida pelo raio também apareceu, bem como os arbustos espinhosos. Tudo era exatamente como lhe haviam dito. Não! O taverneiro não mentira. Mas não era nada fácil, nem divertido, abrir o caminho através das sarças. Aos poucos foi saindo desse lugar e chegou a local mais desolado onde, tudo quanto pôde notar, as árvores tornavam-se mais raras, mas ao mesmo tempo tão grandes que ele nunca encontrara iguais, nem mesmo do outro lado da Polônia.

Subitamente, entre as árvores, deparou-se-lhe um regato que brilhava com reflexos de aço, de um negrume azulado. O avô ficou muito tempo na margem, olhando para todos os lados. No lado oposto resplandecia um fogo que ora reavivar-se, refletindo sua chama ao regato que estremecia sob ela como um polônês subjugado por um cossaco.

Afinal, surgiu a pontezinha, Ah tem graça! Poderia acaso atravessá-la alguma coisa que não fosse a carruagem do diabo?

Não obstante, meu avô pisou na ponte animosamente e em menos tempo do que um tomador de rapé precisa para retirar uma pitada de tabaco e levá-la ao nariz, já se encontrava do outro lado. Só então foi que ele pôde verificar que ao redor do fogo havia homens de caratonhas tão atraentes, que em qualquer outra ocasião ele daria sabe Deus o que para evitar encontrá-los. Mas a situação não comportava recuos e era preciso entabular conversação.

Meu avô inclinou-se até quase a cintura e disse:

– Deus seja convosco, boa gente!

Ninguém respondeu sequer com um aceno de cabeça. Conservando o mesmo mutismo, derramaram qualquer coisa no fogo. Ao reparar que a havia um lugar vago, meu avô ocupou-o sem maior cerimônia. Ficaram muito tempo assim sem trocar palavra. Meu avô já estava começando a se entediar. Remexeu no bolso, tirou o cachimbo e tranquilamente, examinou as fisionomias dos companheiros. Ninguém lhe prestou atenção.

– Poderiam ter a bondade?... Como direi... de... (meu avô era educado e sabia como dizer as coisas; perante o próprio czar não teria ficado embaraçado) de... de permitir que eu esteja à vontade sem ofendê-los com isso? Tenho muito fumo, um cachimbo, mas nada para acendê-lo.

Seu discurso ainda não obteve a menor resposta. Apenas uma caratonha adiantou-lhe um tição até o rosto, de maneira tal que, se meu avô não afastasse a cabeça, teria podido despedir-se para sempre de um olho.

Vendo, afinal, que estava perdendo inutilmente seu tempo, decidiu-se ele – escutasse ou não aquela gente impura – a contar seu caso. As caratonhas aguçaram então os ouvidos e adiantaram as garras. Meu avô compreendeu-as: reunindo num só punhado todo o dinheiro que trouxera, atirou-o ao centro, num movimento circular, como se eles fossem cães. Mal atirou o dinheiro, tudo turbilhonou à sua frente; a terra tremeu, e como aconteceu isso? Nunca ele pode explicá-lo, mas desceu até o inferno.

– Oh! lá! lá! paizinho – exclamou olhando para todos os lados.

Que monstros viu então! eram só as caratonhas e mais caratonhas, como se diz. Havia lá feiticeiras em quantidade não inferior à da neve que cai pelo Natal, todas enfeitadas, pintadas; pareciam raparigas na feira; e todas, todas que haviam, dançavam como embriagadas, uma sarabanda qualquer do diabo! E que poeira levantavam! Um cristão tremeria só ao ver os saltos que eles davam.

Meu avô, apesar de todo o seu pavor, não pode deixar de rir, ao ver que de que maneira os diabos com seus focinhos de cão e sua compridas pernas de alemães, sacudindo o rabo, viravam ao redor das feiticeiras como rapazes junto às moças, enquanto os músicos, batendo nas bochechas com os punhos como se fossem pandeiros, faziam seus narizes assobiarem como flautas.

Mal avistaram eles meu avô, precipitaram-se todos em bando ao seu encontro. Focinhos de porco, de cão, de bode, de betarda, de cavalo, todos estendiam o pescoço e procuravam beijá-lo. Meu avô sentiu-se tão repugnado que cuspiu; afinal, agarraram-no e o fizeram sentar em frente a uma mesa tão comprida que iria perfeitamente de Konotop a Baturin.

"Muito bem! Ainda podia ser pior!" pensou o avô ao avistar em cima da mesa carne de porco, salsichão, cebola e repolho misturados, e muitas outras iguarias.

"Bem se vê que esse crápula de Diabo não observa o jejum da quaresma"

Preciso dizer-lhe que meu avô nunca perdia a oportunidade, quando possível, de mastigar qualquer coisa; o finado tinha bom apetite; por isso, sem perder tempo, puxou para si o prato onde estavam o toucinho e o presunto, apanhou um garfo quase tão grande quanto o forcado com que os mujiques espetam o feno, fiscou o pedaço maior, fixou com a mão uma côdea de pão debaixo do queixo e, no instante em que se dispunha a engolir o bocado, mandou-o, involuntariamente, para outra boca, e junto a seus ouvidos ouviu uma caratonha mastigar com um ruído de queixo que chegava às duas pontas da mesa.

Meu avô não disse palavra; espetou outro pedaço; já estava com ele entre os lábios, mas novamente a garfada foi para outra boca. O mesmo acontece na terceira vez. A colera dominou meu avô; esquecendo o medo e as garras entre as quais se encontrava, avançou ameaçador para as feiticeiras.

– Mas como! raça de Herodes! estão pensando que vão continuar zombando de mim? Que eu me torne católico se não lhes virar pelo avesso as carrancas, caso não restituam imediatamente meu gorro de cossaco!

Mal acabou de proferir essas palavras, todos os monstros mostraram os dentes e desandaram numa tal gargalhada que o coração de meu avô se gelou.

– Está combinado – miou uma das feiticeiras que meu avô julgou ser a presidente, porque sua caratonha ainda era mais feia que a das outras: – Nós te restituiremos o gorro... sob condição de jogares conosco três partidas seguidas de "durak".

– Que fazer! Um cossaco jogar "durak" com mulheres! Meu avô a principio protestou, mas teve que ceder. Trouxeram cartas tão sebatas quanto aquelas com as quais a filha de um pope procura adivinhar qual será o noivo.

– Mas ouve – ladrou pela segunda vez a feiticeira – se ganhares, uma vez que seja, terás o gorro, porem se ficares "durak" todas as três vezes, não te deves queixar, nunca mais verá teu gorro, nem talvez o mundo!

– Dá mesmo assim as cartas, feiticeira, aconteça o que acontecer.

As cartas foram dadas; meu avô apanhou seu jogo – nem valia a pena olhar; pois se não recebera, por pilhéria que fosse, um trunfo sequer! Entre os outros naipes, a carta mais forte era um dez; nenhuma figura, enquanto a feiticeira jogava sempre as cartas altas. Meu avô teve que ficar "durak", e mal terminara a primeira partida, de todos os lados as caratonhas começaram a ladrar, a rinchar, a grunhir: "Durak", "durak", "durak!"

– Que a pele de vocês arrebente, raça do diabo – exclamou meu avô tapando os ouvidos.

"Vamos, pensou ele, a feiticeira trapaceou ao embaralhar as cartas; agora é minha vez de dar."

Deu, voltou a carta do trunfo, olhou seu jogo que era bom; também tinha trunfos; sem mais refletir, bateu com esse trunfos nos bigodes dos reis.

– Eh! eh! não está jogando como cossaco? Com que estás cobrindo minhas cartas, camarada?

– Como, com que?

– Com trunfos.

– Talvez em tua terra isso seja trunfo, mas aqui não.

Meu avô olhou as cartas e, de fato, eram de naipe comum.

Que velhacaria! – teve de ficar "durak" pela segunda vez e as impuras puseram-se novamente a gritar ensurdecedoramente: "Durak!", "durak!", "durak"!

A mesa tremia e cartas pulavam.

Meu avô cada vez mais se exaltava. Deu para a terceira partida. Como na anterior, as coisas começaram muito bem. A feiticeira exibiu cinco cartas.

Meu avô cobriu-as e apanhou, no baralho, toda uma mão de trunfos.

– Trunfo! – exclamou ele, batendo com a carta na mesa a ponto de voltá-la. A feiticeira, sem dizer palavra, cobriu-a com um simples oito.

– E com que estas cobrindo, velha diaba?

A feiticeira levantou a carta e meu avô viu que a dele não passava de um simples seis.

– Estão vendo essa trapaça infernal? – disse meu avô ; e, despeitado, deu um soco fortíssimo na mesa.

Felizmente a feiticeira só tinha cartas desirmanadas, enquanto que meu avô tinha cartas que faziam par. Mostrou-as e, de novo, apanhou as cartas no baralho; mas todas eram tão ruins que lhe caíram os braços, e aquelas eram as últimas. Com um gesto de indiferença, deixou cair sobre a mesa um simples seis. A feiticeira apanhou-o.

– Ah! Tem graça, que significa isso! Alguma coisa está sendo tramada.

Meu avô pôs então disfarçadamente as cartas em cima da mesa e marcou-as com o sinal da cruz. E de repente em suas mãos os ás, o valete de trunfo; o que ele pensara ser um seis, era a dama do trunfo.

– Ah! Que imbecil fui eu! Queres o rei do trunfo? Ah, ah! ah! estás apanhando-o. Ah! sua gata! e o ás, também o queres? ás! valete!

A trovoada ribombou pelo inferno. A feiticeira debatia-se numa convulsão, e não se sabe de onde, bum! o gorro caiu na cara de meu avô.

– Não, isso ainda não me basta – bradou meu avô que recuperara a coragem e punha o gorro na cabeça – se, imediatamente, meu valente cavalo não se

apresentar aqui em minha frente, seja eu estendido morto pelo raio, neste lugar impuro, caso não os esbofeteie a todos com a cruz.

Já erguia o braço, quando de repente estalou diante dele o esqueleto de seu cavalo.

– Eis teu cavalo.

O pobre homem chorou como uma criança ao olhar o esqueleto. Sentia falta de seu velho companheiro.

– Forneça-me então qualquer outro cavalo para sair de seu antro.

O diabo fez estalar o chicote: um cavalo de fogo surgiu debaixo de meu avô e levou-o como um pássaro para as nuvens. Entretanto, dominou-o o medo no meio do trajeto quando o cavalo, não atendendo a seus gritos, não obedecendo às rédeas, voou sobre os abismos e pantanais. Que sítios não viu ele? Tremia-se só de ouvi-lo contar. Quando ele se lembrava de olhar para baixo, avistava um abismo a pique, e aquele animal de Satanás, sem se inquietar, marchava diretamente sobre ele.

Meu avô fazia todos os esforços para se sustentar, mas uma vez não conseguiu. Foi atirado num precipício e seu corpo bateu com tanta força no chão que ele já pensava estar morrendo, ou pelo menos, para falar a verdade, perdeu a noção do que estava passando; quando recuperou os sentidos e olhou em torno, já era dia e ele reconheceu os sítios que lhe eram familiares: estava estendido no telhado da sua própria "kata".

Desceu e persignou-se.

– Que feitiçaria! que coisas estranhas podem acontecer aos homens!

Olhou para as mãos, estavam ensanguetadas. Mirou-se no tonel cheio de água e viu seu rosto também estava ensanguentado.

Depois de se lavar muito bem para não assustar os seus, entrou mansamente na "kata", e viu seus filhos andando de costas e mostrando-lhe com o dedo a mãe deles, dizendo:

– Olha, olha, a mãe está saltando como uma louca.

De fato, sua mulher estava sentada, adormecida em frente a seu torno de fiar, com a roca na mão e, em seu torno, estremecia sob o banco.

Meu avô tomou-lhe docemente a mão e acordou-a.

– Bom dia, mulher! Estás passando bem?

Ela, com os olhos arregalados, olhou-o longamente, e por fim, reconhecendo o marido, contou-lhe que, em sonhos, vira a estufa andar pela "kata" afugentando com a pá as caçarolas, as tinas e o diabo sabe mais o quê.

– Vamos – disse meu avô – tu só viste as diabruras em sono e eu acabo de vê-las realmente. Muito convicto estou de que será preciso mandar exorcizar nossa "kata". Quanto a mim, não tenho mais um minuto a perder.

Depois de rápido repouso, meu avô apanhou um cavalo e, desta vez, sem parar dia e noite, chegou a seu destino e entregou a carta à czarina.

Em Petersburgo meu avô viu tantas maravilhas que durante muito tempo não lhe faltou o que contar: como o conduziram a um palácio tão alto que nem dez "katas" colocadas umas sobre as outras o alcançariam; como atravessou um quarto sem encontrar ninguém, outro, ninguém, um terceiro ainda sem ninguém, ninguém ainda no quarto e somente no quinto é que olhou e viu a pessoa sentada com uma coroa de ouro, com sua "svitk" cinzenta, nova, de botas vermelhas a comer "galucki" de ouro; como a czarina mandou que enchessem de cédulas azuis o gorro de meu avô; como... Mas seria um nunca mais acabar!

Quanto às suas rixas com o diabo, meu avô esqueceu-se mesmo de pensar nelas, e se acontecia alguém lembrá-las, meu avô conservava-se calado como se o caso não fosse com ele.

Para castigá-lo, provavelmente, por não haver, como dissera, feito exorcizar sua "kata", todos os anos, exatamente no aniversário da aventura, acontecia à sua mulher o fato extraordinário de dançar involuntariamente. Não havia meio de ela evitá-lo. Estivesse cuidando do que fosse, suas pernas começavam a se mover e, Deus que me perdoe, acabavam executando as mais extravagantes cabriolas.

UM BRAVO, O VISCONDE DE SIGNOLES – Guy de Maupassant

Chamava-se Gontran Joseph de Signoles, era visconde e em sociedade todos o conheciam pelo «Belo Signoles».

Órfão e possuidor de razoável fortuna, fazia figura, como é uso dizer-se. Tinha um aspecto atraente e apresentava-se bem, dotes suficientes para fazer acreditar em muitos predicados, sem excluir, até, uma certa dose de espírito; aliava à graça natural um ar de nobreza e altivez, usava bigode e tinha uns olhos meigos, coisas de muito agrado às mulheres.

Procurado nos salões, reclamado pelo olhar das damas amigas de valsar, o seu rosto de pessoa enérgica inspirava aos homens aquela cínica inimizade que é costume desfazer-se em sorrisos.

Atribuíam-lhe muitas daquelas aventuras que tornam invejável a reputação dum homem. Vivia feliz e tranquilo, respirava bem-estar por todos os poros. Sabia-se que esgrimia admiravelmente a espada e melhor era ainda a sua reputação como atirador à pistola.

– Quando um dia me bater – assim o afirmava escolherei a pistola. É a arma com que tenho a certeza de matar qualquer adversário.

Ora uma noite, fora ao teatro com dois amigos que se faziam acompanhar das suas jovens esposas e, à saída do espectáculo, a seu convite, entraram todos na casa Trotoni para tomar sorvetes. Pouco tempo depois de ali estarem, uma das senhoras descobriu que um homem, que estava sentado numa mesa próxima, a fitava com obstinação. Nervosa a princípio, a alvejada, acabou por baixar a cabeça, de vergonha; depois, mais inquieta, voltou-se para o marido e disse com certo azedume:

– Está ali um homem que não faz outra coisa senão olhar para mim. Não o conheço. E tu?

O marido, que até então nada tinha percebido, levantou os olhos e informou:

– Não, também não conheço.

Momentos depois a esposa, entre sorridente e enfasiada, queixou-se:— Aquele maçador está a estragar-me o gelado. O marido encolheu os ombros:

— Deixa! Não faças caso. Se nos preocupássemos com todos os insolentes que encontramos não sei o que seria deste mundo.

Nesta altura o visconde levantou-se bruscamente. Não podia permitir que qualquer desconhecido estragasse assim um gelado oferecido a uma senhora. A ele, só a ele, a injúria era dirigida, pois por sua causa e para lhe serem agradáveis é que os amigos tinham acedido a entrar naquele café.

Adiantou-se para o homem e disse rispidamente:— Não tolero essa maneira ofensiva de fítar estas senhoras. Espero que faça o favor de não insistir.

O outro replicou:

— Não me mace, deixe-me em paz.

E o visconde de dentes cerrados, respondeu:

— Cuidado! Não me faça perder a cabeça.

O desconhecido deu por resposta uma só palavra, uma palavra obscena que entooou por todo o café e produziu um efeito semelhante ao distender rápido de uma mola de aço; todos os assistentes reagiram bruscamente. Os que estavam de costas, voltaram-se: outros levantaram a cabeça; três rapazes que tomavam bebidas ao fundo da sala rodavam sobre os saltos como se fossem piões e as duas empregadas do balcão, como dois autômatos, viraram-se com uma rapidez fantástica para o lado donde a palavra viera.

Fez-se um grande silêncio. Depois, sem que houvesse tempo para qualquer reacção, estoirou, no ar, um ruído seco. O visconde esbofeteara o insolente. Toda a gente se levantou para separar os contendores. Depois, os dois homens trocaram cartões.

O visconde entrou em casa e passeou, durante algum tempo, no quarto, dum lado para o outro. Tão agitado se sentia que era incapaz de refletir, de pensar fosse o que fosse.

Só uma ideia lhe dominava o espírito, ideia que nessa altura não lhe despertava qualquer espécie de emoção: o duelo, pensava no duelo. Estava certo de que tinha procedido como devia; reagira dignamente. Falariam, dar-lhe-iam razão, felicitá-lo-iam.

Falando em voz alta, como acontece a toda a gente que a indignação faz saltar

fora de si, exclamou:

– Que brutamontes!

Sentou-se e a reflexão voltou. Precisava de ir, logo de manhã, procurar testemunhas. E quem escolheria? Esforçava-se por lembrar as pessoas mais importantes e melhor colocadas das suas relações e por fim optou pelo marquês de La Tournoire e pelo coronel Bourdin: um fidalgo e um militar. Satisfez-se com a escolha, os padrinhos eram conhecidos nos jornais. Teve sede e bebeu um, dois copos de água; depois continuou o seu passeio pelo quarto. Uma energia estranha o tomou e então achou-se capaz de todas as audácias, capaz de exigir as mais arriscadas condições. Se reclamasse um duelo sério, muito sério, uma luta feroz, possivelmente faria recuar o adversário e este pediria as suas desculpas.

Pegou novamente no cartão que tirara da algibeira e deixara em cima da mesa e voltou a lê-lo, como já fizera no café, no trem de aluguer e à luz de cada bico de gás que encontrou ao caminho quando voltava para casa. «Georges Lamil, 51, rue Moncei» e nada mais.

Aquelas letras pareciam-lhe misteriosas estavam cheias de um sentido confuso. Georges Lamil? Mas quem seria aquele homem? Em que se empregaria? Porque olhara com tal insistência a mulher do seu amigo? Não era revoltante o facto de um estranho, de um desconhecido qualquer vir, dum momento para o outro, perturbar a vida dum homem só porque lhe apetecera fitar com insolência um rosto de mulher?

A este pensamento repetiu indignado:

– Que brutamontes.

De pé e imóvel, com o olhar fito no cartão de visita, o visconde cismava. Aquele pedaço de papel viera despertar-lhe uma cólera surda, um ódio a que se vinha juntar um estranho e indefinido sentimento de mal-estar. Um caso estúpido! Pegou num canivete que encontrara à mão, abriu-o e raspou no sítio do nome do cartão, como se estivesse apunhalando alguém.

Era preciso bater-se. Escolheria a espada ou a pistola: sim, ele é que escolheria, visto considerar-se ofendido. Se com a espada havia um risco menor, a pistola teria a vantagem de forçar a desistência do adversário. Um duelo à espada só em casos de exceção podia ser mortal – a recíproca prudência dos contendores fá-los afastar, fá-los guardar-se de forma a que as pontas das espadas não possam ferir profundamente. Se sabia que num encontro à pistola arriscava a vida, maiores eram também as possibilidades de sair airoso da situação e com todas as honras, sem que o duelo chegasse a realizar-se.

Talvez para ganhar coragem, para vencer o silêncio, disse:

– Se for enérgico, ele, certamente, terá medo. Mas o som da sua própria voz fê-lo estremecer. O nervosismo aumentava. Bebeu mais um copo de água e seguidamente começou a despir-se. Depois meteu-se na cama, apagou a luz e fechou os olhos.

Não dormia, o cérebro trabalhava: «Tenho todo o dia de amanhã para tratar de tudo o que necessito. Durmamos um pouco. O sono é um ótimo remédio».

Se bem que a cama fosse confortável, não conseguia adormecer. Não encontrava posição. Deitava-se de costas, permanecia assim cinco minutos; depois; voltava-se para o lado esquerdo, a seguir para o direito... e o sono não vinha.

A sede torturava-o. Levantou-se para beber e sentiuse inquieto.

– Terei medo? Acaso terei medo? Porque lhe bateria o coração desordenadamente quando qualquer ruído, mesmo familiar, se fazia ouvir no quarto? Até o arrastar da mola que movia o pêndulo do relógio o punha em sobressalto; faltava-lhe o ar, precisava abrir a boca para respirar, tal era a força que lhe oprimia o peito.

Deu-se a um raciocínio frio e perguntou, perturbado, novamente a si próprio:

– Terei medo? Certamente que não, pois estava resolvido, sem vacilações, a bater-se. Contudo uma nova interrogação o deixou profundamente perturbado.

Poder-se-á ter medo mesmo contra a nossa vontade? Esta dúvida inquietante, este temor avassalava-o. Se existisse uma força mais poderosa, uma força superior às suas próprias forças que o dominasse, o que sucederia? Sim, o que poderia acontecer? Certamente que iria bater-se, uma vez que tal desejava. Mas se tremesse? Mas se desmaiasse? Pensava com egoísmo na sua reputação, na mancha que ficaria sobre o seu nome.

Um desejo absorvente o fez saltar da cama e encaminhar-se para o sítio onde se encontrava o espelho. Acendeu a vela. Ao ver o rosto refletido no vidro polido que estava à sua frente, não se reconheceu, convenceu-se mesmo de que nunca se tinha visto. Os olhos, muito abertos, pareceram-lhe enormes; estava pálido, muito pálido mesmo.

Ficou de pé algum tempo, em frente do espelho. Deitou a língua de fora para avaliar do seu estado de saúde e, repentinamente, foi assaltado por um mau pensamento:

– É possível que depois de amanhã, a esta mesma hora, já esteja morto.

E o coração voltou de novo a bater—lhe desordenadamente.

— Sim, é possível que depois de amanhã, a esta mesma hora, esteja morto. E não tornarei a ver este rosto que agora se projeta no espelho. Mas será possível? Eu que vejo tudo o que me rodeia, que sinto a vida a pulsar... e dentro de vinte e quatro horas poderei encontrar-me, nesta mesma casa e neste mesmo quarto, morto, de olhos fechados, frio, inanimado?

Voltou a deitar-se e viu-se estendido no leito e nos mesmos lençóis que momentos antes acabara de deixar. Tinha o mesmo rosto cavado dos mortos e as mãos moles, tão moles como aquelas que nunca mais se mexerão.

Desviou os olhos da cama; teve medo e, para fugir à estranha visão, atravessou o quarto a passos largos e dirigiu-se à sala de fumo. Num gesto mecânico, pegou numa vela, acendeu-a e continuou a andar. Sentiu frio e foi direito à campainha na intenção de chamar o criado de quarto. Já com a mão no cordão, ainda ganhou forças para se deter.

— Ele vai, certamente, perceber que tenho medo.

Desistiu de chamá-lo e acendeu o lume. As mãos tremiam—lhe nervosamente quando tocava em qualquer objeto. Desvairamento... Com a perturbação os pensamentos tornaram-se—lhe fugazes, bruscos, dolorosos: uma lassidão semelhante à da embriaguez lhe invadia o espírito e sem cessar perguntava:

— Que farei? O que será de mim?

O corpo tremia—lhe todo, sacudia-se como vara verde ao vento. Aproximando-se da janela, correu as cortinas. Despontava a manhã de um dia de Verão. O céu róseo emprestava a sua cor a toda a cidade; róseos eram os telhados, róseas eram as paredes. Uma enorme toalha de luz, uma verdadeira carícia do sol nascente envolvia a terra ao seu despertar. E esta claridade trouxe ao coração do visconde uma esperança radiosa e rápida como um deslumbramento mas ao mesmo tempo brutal. Um doido, sim, era um doido por se deixar arrastar pelo medo sem que nada estivesse decidido, sem que ao menos as suas testemunhas se tivessem avistado com as de Georges Lamil, sem que ao menos soubesse se teria ou não de bater-se.

Lavou-se, vestiu-se e saiu de casa num passo firme e decidido.

Enquanto caminhava, repetia, para ganhar forças:

– Preciso de mostrar-me enérgico, muito enérgico mesmo. Sim, preciso de mostrar que não tenho medo. O marquês e o coronel, as testemunhas que convidou, aceitaram a incumbência, apertaram-lhe calorosamente a mão e discutiram as condições. O coronel perguntou:

– Pretende um duelo a rigor?

O visconde respondeu:

– Sim, um duelo sério, muito a sério.

Depois, o marquês continuou:

– Opta pela pistola?

– Sim.

– Deixe o resto conosco.

Numa voz seca e ao mesmo tempo sacudida, o visconde acrescentou:

– A vinte passos, levantando as armas, em vez de as baixar à voz do comando. E só findará quando um de nós ficar gravemente ferido.

Satisfeito com a audácia do visconde, o coronel declarou:

– Excelentes condições. O senhor é bom atirador e as vantagens estão todas do seu lado.

Partiram.

O visconde voltou para casa, onde ficou à espera das suas testemunhas. A agitação, que nele se acalmara por alguns momentos, crescia agora continuamente. Sentia nos braços, nas pernas, no peito uma espécie de tremor, uma vibração constante; não conseguia estar quieto; nem sentado, nem de pé encontrava posição conveniente. Secara-lhe, por completo, a saliva, e a língua, de seca também, parecia prender-se-lhe ao céu da boca.

Quis almoçar mas não conseguiu comer: lembrou-se de beber para tomar coragem, foi buscar uma garrafa de rum e encheu, e esvaziou seis vezes um pequeno copo.

Primeiro, um calor semelhante ao de uma queimadura o invadiu; depois ficou atordoado, entontecido. Pensou então:

– Encontrei o remédio. Agora tudo correrá bem. Passada uma hora já a garrafa estava despejada, mas a agitação voltou assalta-lo. Um desejo doido de se atirar ao chão, de rebolar, de gritar, de morder, apoderou-se dele. A noite chegou, a

campainha tocou e o visconde, roído de angústia, nem sequer teve forças para se levantar, para receber as testemunhas.

Nem sequer ousava falhar-lhes; qualquer cumprimento, o pronunciar de uma só palavra, dar-lhes-ia a compreender, de tal modo sentia que a voz se lhe alterava, o medo que o dominava.

O coronel informou:

– Tudo combinado de acordo com as suas condições. A princípio, o seu adversário ainda reclamou os privilégios de ofendido, mas depressa cedeu e tudo aceitou. Escolheu dois militares como testemunhas.

O visconde agradeceu e o marquês explicou:

– Desculpe as nossas constantes entradas e saídas, temos de nos ocupar ainda de mil coisas. Uma vez que a luta só vai terminar no caso de ferimento grave, teremos de procurar um médico, pois sabe tão bem como nós que um duelo à pistola, em tais condições, não é brincadeira. Será conveniente escolher um local que fique próximo duma casa, para lá conduzir o ferido, em caso de necessidade: enfim, ainda temos que fazer para ocupar duas ou três horas.

O visconde repetiu, com esforço:

– Obrigado.

E o coronel, interessado pelo estado de espírito do senhor de Signoles, indagou:

– Está bem disposto? Sente-se calmo?

– Sim, sinto-me bem.

Retiraram-se as duas testemunhas.

Ao sentir-se de novo só, julgou que tinha enlouquecido, e mal o criado acabou de acender as luzes sentou-se à mesa a redigir algumas cartas. Depois de escrever, no alto de uma folha de papel: «Este é o meu testamento...», levantou-se com a rapidez de quem pretende fugir da morte e afastou-se da mesa; sentia-se incapaz de coordenar quaisquer ideias, de tomar uma resolução, de decidir fosse o que fosse.

Bater-se, ia bater-se! E não era coisa que pudesse evitar. Perguntava a si próprio a razão do que se passava e não a encontrava. Sim, queria bater-se, resolvera-o com firmeza, era essa a sua intenção, mas por mais que concentrasse a vontade em tal resolução, estava certo de que nem sequer conseguiria arranjar a força necessária para percorrer o caminho até ao lugar onde iria dar-se o encontro. Fazia um esforço sobre-humano para contactar com a realidade e procurava

pensar na sua própria atitude e adivinhar a disposição do adversário. Batiam-lhe os dentes, de vez em quando. Quis ler, interessar-se por alguma coisa e pegou no código de duelo de Chateauvillar. Depois, interrogou-se:

– Terá o meu adversário frequentado alguma sala de armas? Será bom atirador? Como posso sabê-lo?

Lembrou-se do livro do barão de Vaux sobre o tiro à pistola e percorreu-o de ponta a ponta. Não, não vinha nele o nome de Georges Lamil. Mas se não fosse um bom atirador teria aceitado, sem qualquer reserva, tão perigosa arma e ainda por cima as condições rigorosas que lhe tinham proposto? Parou junto dum velador e abriu uma caixa Gostinau Rennette e dela retirou uma pistola. Elevou o braço, colocou-o na posição de atirar. Tremia dos pés à cabeça e o cano da arma movia-se, acompanhando o tremor das mãos.

Murmurou então:

– Impossível. Não posso bater-me neste estado.

Olhava para o extremo do cano da pistola, fitava o pequeno buraco escuro por onde sai, num vômito, a morte e pensava na desonra, naquilo que diriam a seu respeito, nos risos dos salões, no desprezo das mulheres, na perfídia dos jornais, nos insultos covardes que receberia.

Continuava a fitar a arma: levantando o cão, viu brilhar, num repente, como uma chama vermelha, a escorva da bala. Tinha deixado, por esquecimento, a pistola carregada, e, sem saber porquê, experimentou uma alegria estranha.

Se em presença do adversário não mantivesse o aspecto nobre e calmo que era preciso mostrar em tais circunstâncias, estaria perdido para desonrado, marcá-lo-ia o ferrete escoraçado pelo mundo! E sentia que lhe era impossível manter o aspecto calmo, aquele ar brigão que até aí o caracterizara. Mas alguém lhe poderia chamar cobarde se fora ele quem procurara bater-se?

Aquele pensamento nem sequer chegou a completar-se. Abriu a boca até mais não poder, enterrou fundo, bem fundo, o cano da pistola e carregou no gatilho...

Ao ouvir o tiro o criado correu para o quarto e encontrou-o morto, estendido no chão, de barriga para o ar. O sangue que jorrara da ferida salpicou o papel branco que estava sobre a mesa, transformando-se numa grande mancha vermelha debaixo das únicas palavras que o visconde conseguira escrever: «Este é o meu testamento...».

O QUARTO VERMELHO – H.G. Wells



– Posso garantir a vocês – disse eu – que nem o mais tangível dos fantasmas conseguira me assustar. E me posicionei diante da lareira com meu copo na mão.

– É por sua conta e risco. Disse o homem com o braço atrofiado, olhando para mim de lado.

– Tenho vinte oito anos de vida, – disse – bem vividos e nunca vi até agora um fantasma.

A velha senhora estava sentada olhando fixamente para o fogo, com seus pálidos olhos arregalados, quando interrompeu:

– Sim, com vinte e oito anos de idade você ainda não conhece os gostos desta casa. Acho que existem muitas coisas para uma pessoa da sua idade ver ainda. – ela balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro – Muitas coisas para viver e se arrepender.

Eu suspeitava que os dois idosos estavam tentando me impressionar com os terrores espirituais daquela casa através das suas insistências monótonas. Coloquei meu copo vazio na mesa olhando em volta da sala, tive um vislumbre de mim mesmo, era minha imagem em forma reduzida e com uma robustez impossivelmente alargada, no estranho espelho antigo que estava no final da sala.

– Bem, disse eu, se ver alguma coisa hoje à noite eu sairei daqui muito mais sábio. Pois venho estudar este caso com uma mente aberta.

– É por sua conta e risco... Falou outra vez o homem com o braço atrofiado.

Ouvi o som de uma bengala e passos cambaleantes no assoalho do corredor externo, a porta rangeu nas dobradiças e um segundo velho entrou, mais curvado, mais enrugado, mais idoso que o primeiro. Ele apoiou-se na sua única muleta, seus olhos estavam cobertos por uma mancha sombreada, seu lábio inferior meio alargado pendia para baixo, expondo uma parte de sua gengiva num tom pálido de rosa com dentes podres e amarelos. Seguiu direto para uma poltrona do lado oposto da mesa, sentou desajeitadamente e começou a tossir. O homem com o braço atrofiado lançou ao recém-chegado um rápido olhar de total

antipatia, a velha parecia ignorar sua chegada e permanecia firme com os olhos fixos no fogo.

– A escolha é sua. Reafirmou o homem com o braço atrofiado, quando a tosse do outro tinha cessado por um tempo.

– Concordo, a escolha é minha. Respondi.

O homem da mancha nos olhos percebeu pela primeira vez minha presença, jogando de forma instantânea a cabeça lateralmente para trás no intuito de me ver. Eu tive o vislumbre momentâneo de seus olhos, pequenos, flamejantes e vermelhos. Então ele começou a tossir e engasgar de novo.

– Por que você não toma uma bebida? – perguntou o homem com o braço atrofiado, empurrando a cerveja para ele. O homem da mancha nos olhos encheu o copo com seu braço trêmulo que derramou metade o líquido na mesa de pinho. Uma sombra monstruosa dele agitava-se na parede, trasladando sua ação enquanto tremia e bebia. Devo confessar que não esperava encontrar naquela morada criados tão grotescos. Imaginava-os como seres desumanos naquela senilidade, algo fantasioso e sórdido; as qualidades humanas parecem que escapam dos velhos insensivelmente, dia após dia. Os três faziam-me sentir desconfortável, com os seus silêncios ameaçadores, seus corpos encurvados, além da evidente hostilidade contra mim e de um para o outro.

– Se – disse eu – vocês me mostrarem o quarto assombrado desta casa, eu me instalarei para repousar lá.

O velho da tosse curvou a cabeça para trás tão repentinamente que me assustou, fintando-me com os olhos avermelhados e encobertos daquela mancha sombreada. Mas ninguém me respondeu. Esperei um minuto, olhando de um para outro.

– Se... – disse agora um pouco mais alto – se vocês me mostrarem o tal quarto assombrado daqui, eu vou aliviar da tarefa de me cortejarem.

– Há um aparador com um candeeiro do lado de fora da porta. – disse o homem de o braço atrofiado, olhando para os meus pés enquanto falava – Mas se você for ao quarto vermelho esta noite...

– Esta noite e todas as outras noites! Disse a velha.

– Você vai sozinho?

– Muito bem – respondi – E qual é o caminho?

– Você segue pelo corredor, – continuou velho de braço atrofiado – até chegar a uma porta, depois dela tem uma escada caracol, no meio do caminho há um pavimento e uma outra porta coberta com feltro. Atravesse-a e siga pelo corredor até o fim, o quarto vermelho fica à sua esquerda logo a diante.

– Veja se eu entendi direito? Perguntei repetiu suas instruções, ele só me corrigiu em uma parte.

– E você vai mesmo dormir lá esta noite? – questionou o homem da mancha nos olhos, olhando para mim pela terceira vez, com aquela inclinação e deformação natural do seu rosto.

– Esta noite com qualquer outra noite! Disse a velha.

– Foi para isso que vim. Disse eu caminhando para a porta.

Enquanto eu andava, o velho das sombras nos olhos levantou e cambaleou em volta da mesa, de modo a ficar mais perto dos outros e do fogo. Na porta eu me virei e olhei para eles, vi que eles estavam todos juntos, numa cena escura contra a luz do fogo, fitando-me sobre os ombros, com uma expressão de meditação em seus rostos enrugados.

– Boa noite! Disse eu passando pela porta aberta.

– É por sua conta e risco, advertiu novamente o homem de braço atrofiado.

Deixei a porta aberta para que a vela ficasse bem acesa, então fechei e caminhei pelo corredor frio e ressonante.

Devo confessar que a singularidade daqueles três velhos pensionistas reunidos naquela sala, pessoas estas que estavam encarregados de cuidar do castelo a mando do proprietário além de zelar pelas antigas mobílias, afetou-me; apesar dos meus esforços para manter meu propósito inabalado. Eles pareciam pertencer a uma outra época de um tempo remoto, quando as coisas espirituais eram diferentes da nossa, com entendimentos incertos; uma época que se acreditava em presságios, bruxas e também em fantasmas. Suas aparências eram espectrais; o corte das roupas, moda que já estava enterrada junto com seus estilistas. E os ornamentos e utensílios da sala em volta deles, eram fantasmáticos – objetos desenhados por pessoas já mortas que no mundo de hoje mais assombravam do que beneficiavam. Com esforço consegui afastar tais pensamentos. O corredor subterrâneo – comprido onde corriam algumas correntes de ar – era frio e empoeirado, minha vela tremulava e fazia as sombras estremecerem inquietas. Os ecos soavam em cima à baixo da escada caracol,

uma penumbra vinha varrendo de baixo de mim, enquanto outra escuridão mais misteriosa fugia por cima. Eu cheguei ao pavimento e parei por um momento para escutar um som que imaginei estar ouvindo; então, satisfeito com o silêncio absoluto, abri a porta forrada de baeta e detive-me num outro corredor.

O que eu contemplava não era bem o que esperava, porque o luar, entrando pela grande janela sobre a escadaria imponente, realçava tudo com uma sombra vivamente negra como uma iluminação prateada. Tudo estava em seu lugar, parecendo que a casa tinha sido abandonada no dia anterior, em vez de dezoito meses atrás. Havia velas nos soquetes das arandelas e pouco pó sobre os tapetes ou sobre o soalho encerado uniforme de modo a ser invisível à luz do luar. Eu estava prestes a entrar, mas parei instantaneamente. Um conjunto de bronze estava numa prateleira, escondido de mim pela aresta da parede, porém sua sombra caía numa nitidez maravilhosa sobre o tecido da porta me dando a impressão que era alguém agachado de atocaia. Fiquei rígido por alguns instantes, não sei bem por quanto tempo. Então, com minha mão no bolso que guardava o revólver, avancei, apenas para notar que dava para ver Ganimedes (lua de Júpiter descoberta por Galileu através da observação científica) e uma águia reluzente ao luar. Aquele achado por vez restaurou meus nervos. Havia um chinês de porcelana sobre uma mesa de marfim cuja cabeça girou em silêncio, me olhando enquanto passava por ele, me assustei um pouco.

A porta do quarto vermelho e os degraus para adentra-lo estavam num canto sombrio. Movi minha vela de um lado para outro, tentando ver claramente as particularidades daquela passagem antes de abrir a porta. É aqui, pensei, que meu antecessor foi encontrado. A memória daquela história me deu uma pontada súbita de apreensão. Olhei por cima do meu ombro para Ganimedes ao luar e depois abri a porta do quarto vermelho apressadamente, com a metade do rosto voltado ao lívido silêncio de dentro.

Entrei, fechei de imediato a porta atrás, girei a chave e a deixei dentro da fechadura; fiquei segurando a vela no alto, observando as peculiaridades da minha vigília, o grande quarto vermelho de Lorena Castelo, onde o jovem duque morreu. Ou melhor, onde ele começou a morrer, porque ele abriu a porta e caiu de cabeça nos degraus que eu tinha acabado de subir. Fora este o fim de sua dedicação, de sua ousada tentativa de conquistar a tradição fantasmagórica do lugar. Nunca pensei antes, mas a apoplexia serve-se melhor nos limites da superstição. Havia outras histórias mais antigas que igualmente difamavam este insólito quarto, até o início inacreditável de tudo, o caso da esposa medrosa e o

trágico fim que acabou pela brincadeira de seu marido em assustá-la. E, olhando em torno desse grande quarto lutuoso, com suas sacadas e janelas sombrias, suas reentrâncias e alcovas, dava para entender muito bem as lendas que idealizavam graças a suas arestas tenebrosas, sua escuridão germinando uma relativa cegueira. Minha vela era uma pequena fagulha em brasa perante sua vastidão, não conseguia atravessar a extremidade oposta da sala, algo que deixava um oceano de mistério e sugestão para além da minha ilha de luz. Resolvi fazer um exame sistemático no lugar naquele instante para dissipar minhas hesitações fantasiosas daquela obscuridade antes que ela tivesse alguma influência sobre mim. Depois de certificar-me que a porta estava trancada, comecei a andar pela sala, reparando em volta de cada peça da mobília, enrolando as valências da cama e abrindo completamente as cortinas. Puxei as persianas e examinei os fechos das janelas antes de fecha-las, abaixei-me na frente da lareira olhando para dentro do negrume da chaminé, bati nos painéis de carvalho enegrecidos para sentir se havia alguma passagem secreta. Havia dois grandes espelhos na sala, cada um com um par de castiçais, sobre o aparador também continha mais velas num candeeiro de porcelana. Acendi todas, uma após a outra. Também existia lenha na lareira, uma delicadeza inesperada da velha empregada, a acendi para evitar qualquer disposição a arrepios; quando o fogo ascendeu por inteiro, me pus de costas no intuito de sondar o quarto novamente. Puxei uma poltrona e uma mesa forrada com uma toalha de chita para fazer uma espécie de barricada diante de mim, sobre esta coloquei meu revólver próximo à mão. Meu exame preciso me fez bem, mas eu ainda encontrava a escuridão nas partes afastadas do recinto e sua quietude absoluta era um estimulante para a imaginação. Os ecos emitidos pelo crepitar do fogo não traziam nenhum tipo de conforto para mim. A sombra na parte de trás da alcova, em particular, tinha aquela forma indefinível da presença de alguém, uma impressão de um estranho à espreita, algum vivo que oculta-se com facilidade no isolamento do silêncio. Por fim, para me tranquilizar, eu caminhei com uma vela até aquela parte e convenci-me de que não havia nada palpável ali. Coloquei a vela no chão atrás da alcova, clareando aquela posição.

Neste ponto eu já estava num estado de grande tensão nervosa, embora não houvesse motivos racionais para tal condição. Contudo minha mente estava perfeitamente ajuizada. Convenci-me de que nada de sobrenatural poderia acontecer e, para passar o tempo, comecei a criar rimas poéticas à moda Ingoldsby, sobre os mitos originários do lugar. Alguns versos eu falava em voz alta, porém os ecos eram muito desagradáveis. Pela mesma razão, depois de certo tempo, eu também abandonei um ensaio teórico comigo mesmo sobre a

impossibilidade de existirem fantasmas e o que eram assombrações. Minha mente voltou aos três velhos distorcidos lá debaixo e tentei mantê-la concentrada neste assunto. Que vermelhos ameaçadores eram aqueles na sala! Mesmo com as sete velas e uma lareira o lugar ainda estava pouco iluminado. Na alcova trepidava uma silueta rascunhada, o fogo cintilava resistente dentro da penumbra perpetuamente sombria, com chama que se movimentava agitada pelos sopros do vento. Pensando numa solução, lembrei-me das velas que eu tinha visto no corredor e, com leve esforço, sai para a luz do luar; carreguei comigo uma vela e deixei a porta aberta, logo retornei com outras dez. Posicionei-as nos vários utensílios de louça dos quais o quarto estava fartamente adornado, acendia e colocava onde as sombras tinham permanecido constante; algumas no chão, outras na base das janelas, até que finalmente as dezessete velas foram distribuídas de tal modo que nenhuma parte do quarto ficasse escura, sem pelo menos a claridade direta de ao menos uma chama. Ocorreu-me que, quando o fantasma chegasse, eu poderia avisá-lo para não tropeçar nelas. O aposento estava agora muito bem iluminado. Havia algo muito alegre e reconfortante nestas pequenas chamas trepidantes e agora me ocupava observando a cera derreter, isto era um sentido útil para a passagem do tempo. Mesmo assim, apesar de toda iluminação, a expectativa sobre ninhada vigília pesava-me. Foi logo depois da meia-noite que a vela na alcova repentinamente apagou, ao mesmo tempo a sombra negra voltou ao seu lugar. Eu não vi a vela apagar, simplesmente virei a cabeça e notei que a escuridão estava lá, igual alguém que sente a presença inesperada de um estranho.

– Por Deus! – disse em voz alta – que corrente de ar irritante! E pegando a caixa de fósforos, atravessei o quarto de forma tranquila para reacender aquela beirada novamente. O primeiro fósforo não quis ascender e, quando consegui riscar o segundo, alguma coisa parecia piscar na parede na minha frente. Virei a cabeça involuntariamente e vi que as duas velas sobre a pequena mesa perto da lareira foram extintas. Me pus rapidamente de pé.

– Estranho! Fui eu que causei isto ao passar apressado?

Voltei, reacendi uma e, assim que fiz isto, eu vi a vela da arandela à direita dos espelhos piscar até apagar totalmente, quase de imediato a sua companheira lhe seguiu. Não havia dúvida sobre aquele fato. A chama desapareceu, como se os pavios haviam sido apertados entre dois dedos de repente, sem deixar brasa nem fumaça, mas tudo preto. Enquanto eu estava pasmado, a vela ao pé da cama apagou e as sombras pareciam dar mais um passo em minha direção.

– Isso não é possível! – dizia quando outra vala e depois mais uma no aparador a imitou.

– O que está acontecendo? – eu questionei emitindo um som agudo e até estranho para minha voz agora receosa. No que a vela sobre o guarda-roupa morreu, junto com aquela que eu tinha reacendido no canto da alcova.

– Concentração! – disse para mim – Estas velas são necessárias.

Risquei um fósforo em movimento, passando pelos castiçais da cornija na lareira. Minhas mãos tremiam tanto que por duas vezes errei a lixa na lateral da caixa. Assim como o manto da escuridão que me cobre mais uma vez, duas velas na parte remota da janela foram eclipsadas. Mas com o mesmo fósforo eu reacendi as velas maiores do espelho em seguida aquelas no chão perto da porta, assim parecia que tinha ganho os apagamentos momentâneos. Porém, repentinamente, algo como um vendaval fez desaparecer ao mesmo tempo quatro luzes em diferentes cantos da sala. Eu risquei vários palitos de fósforos tremidamente nervoso, confuso em decidir para onde ir.

Enquanto estava indeciso, uma mão invisível parecia varrer as duas velas sobre a mesa. Com um grito de terror, corri na alcova, para o canto em seguida, e depois até a janela, reacendendo três, só que mais duas desapareceram perto da lareira. Então, numa forma de buscar forças, eu soltei a caixa de fósforos sobre a escrivaninha e agarrei o castiçal que estava no quarto. Evitei assim a demora de riscar os palitos na caixa, contudo o processo de extinção continuava constante. As sombras que eu temia e contra qual lutava marchavam para cima de mim, primeiro com um passo dum lado do recinto, depois do outro. Algo semelhante a uma gigante nuvem tempestuosa varrendo das estrelas. Pouco em pouco uma vela clareava por segundos, mas sumia novamente. Eu agora estava quase frenético com a horrenda escuridão chegando, meu autocontrole me abandonou. Eu caminhava ofegante, encostando o castiçal de vela em vela numa luta em vão contra aquele avanço implacável. Até bater minha coxa na quina da mesa, derrubei a cadeira, tropecei e cai levado o pano da mesa na queda. Meu castiçal foi arremessado ao chão e peguei-o do chão enquanto me levantava. Só que uma das velas dele apagou com o deslocamento de ar causado pelo meu movimento brusco, depois as duas velas restante ao mesmo tempo a seguiram. Havia agora um único foco de claridade no quarto, a luz avermelhada que ficou de fora das sombras que me escondiam. O fogo! Evidente que poderia aproximar as velas do meu castiçal junto à lenha para reacendê-las!

Me virei na direção onde as chamas ainda estavam dançando entre brasas, salpicando reflexos macilentos sobre a mobília, dei dois passos na direção da

lareira, neste mesmo instante as chamas brocharam e o fogo desapareceu. Enquanto eu enfiava as velas nas toras frias, uma escuridão fechada surgiu perante mim como se tivesse de olhos fechado, me envolvendo num abraço sufocante, selando minha visão, esmagando os últimos vestígios racionais do meu cérebro. O castiçal caiu da minha mão. Agora eu erguia os braços na tentativa fracassada de empurrar essa densa treva para longe de mim, e, elevando a minha voz gritei com todas as minhas forças – uma, duas, três vezes. Eu acho que queria caminhar com meus pés errantes. Pensava em cambalear até o corredor iluminado pela lua, com minha cabeça curvada e os meus braços sobre o rosto, tentei correr no que seria a direção da porta.

Mas eu esqueci a posição exata da saída e bati com toda força na quina da cama. Cambaleei para trás, girei meu corpo e fui atingido por outra mobília atingida e volumosa. Tenho uma vaga lembrança das coisas que eu esbarrava, porém eu vagava na escuridão zonzinho para lá e para cá, tentando fugir daquela aflição, ouvindo meus próprios gemidos de dor eu ziguezagueava dentro daquela vasta cegueira, até sentir um último e derradeiro golpe na minha testa, passei por uma sensação horrível de estar caindo perpetuamente, lembro-me também dos meus esforços frenéticos continuar de pé e depois não me recordo de mais nada...

Abri os olhos com a luz da manhã. Notei que minha cabeça estava enrolada por uma enfaixa curativa e o homem com braço atrofiado estava sentado ao meu lado me vigiando. Olhei em minha volta, tentando lembrar o que tinha acontecido, só que não conseguia. Olhei para o lado e vi a velha, que agora não estava mais meditando, ela derramava algumas gotas de medicamento dum pequeno frasco azul no copo.

– Onde estou? – eu perguntei – Eu me recordo de vocês, mas ainda não consigo saber da onde?

Disseram-me então e ouvi do assombrado quarto vermelho como quem ouve um conto.

– Nós o encontramos quando amanheceu, notamos que havia sangue em sua testa e lábios. Disse ele.

De maneira gradativa eu recuperava minha memória daquela experiência.

– Você acredita agora que a sala está assombrada? Questionou o velho, ele não falava mais como alguém que recebia um intruso, mas como um amigo que sentia estímulos do colega machucado.

– Sim, disse eu, o quarto é mal-assombrado.

– E você mesmo viu! E nós que vivemos aqui toda nossa vida nunca avistamos nada, porque não nos atrevemos em arriscar... Conte-nos o que viu de verdade, é mesmo velho conde que...

– Não, disse eu interrompendo, não é.

– Eu avisei. – falou a velha senhora com o copo na mão – É a pobre condessa, aquela jovem mulher que tinha muito medo.

– Não! Não é nem a assombração do conde nem o espírito da condessa que está naquele quarto, não há nenhum fantasma lá dentro e sim algo pior, muito pior...

– O quê? Eles perguntaram.

– O pior de todas as coisas que assombram o frágil homem mortal, disse eu, e isso pode ser simplesmente revelado: O Medo! O medo de que não haja luz nem som, tal coisa anula toda nossa razão, confunde e nos oprime. Foi o medo que primeiro surgiu no meu intimo ao chegar no corredor e depois lutou comigo dentro daquele quarto.

Parei subitamente. Houve um intervalo de silêncio. Toquei com minha mão nos curativos. Então o homem que tinha sombra nos olhos suspirou e falou.

– É isso! Eu sabia que era isso. A força das trevas. Para atacar como uma maldição sobre aquela temerosa mulher! Ela está sempre lá, a espera. Podemos sentir isso mesmo durante o dia, mesmo num dia de verão, algo que encobre, como cortinas, permanecendo atrás de nos sempre num ponto cego. Na penumbra ela se arrasta pelo corredor seguindo você, de modo que nós jamais ousamos olhar para trás. Existe o mesmo medo que a condessa sentia. Um medo negro, ele sempre existirá... sempre que este recinto transgressor perdurar.

A CONSOADA ^{11} DO QUAKER – Nathaniel Hawthorne

Era véspera de Natal e, terminada a ceia, o ferreiro quaker, John Inglefield, sentou-se no meio dos seus, na velha poltrona carcomida.

Como estava no centro do semi-círculo formado pelos membros de sua família, em torno da lareira, o clarão das chamas iluminava o seu corpo grosso e atarracado, espargindo um resplendor de cobre no seu rosto rude e dando-lhe o aspecto duma grosseira figura de ferro incandescente, boa para ser forjada na sua própria bigorna.

À direita de John Inglefield havia um lugar vago. As outras cadeiras, muito apertadas à volta do fogo, estavam ocupadas pelos membros da família, muito silenciosos, enquanto suas sombras se projetavam na parede que lhes ficava atrás e dançavam alegremente.

O filho do quaker, que seguira o curso superior e era então estudante de teologia em Andover, também estava presente, assim como a irmã, mocinha de dezesseis anos, que lembrava bem, a quantos a olhassem, um fresco botão de rosa entreaberto. Também estava Robert Moore, antigo aprendiz do ferreiro, agora seu sócio, cujos traços enérgicos e viris contrastavam com os do pálido e escanifrado estudante.

O lugar à direita do velho quaker tinha sido deixado vazio em memória de sua mulher, falecida na última véspera de Natal. Com uma delicadeza de sentimentos verdadeiramente inesperada na casa de um rude ferreiro, o marido, muito compungido, colocara a cadeira da falecida no lugar de sempre, a seu lado, e de quando em quando deitava-lhe um olhar triste e interrogativo, como se perguntasse a si mesmo como era possível que a tumba fria não devolvesse a amada figura da desaparecida para alegria daquelas chamas, naquela suave noite de Natal.

Dessa forma, o velho quaker pensava com saudade e dor naquela que tão recentemente o havia deixado. Outra dor, porém, o consumia, e bem quisera ele arranca-la do coração, ou pelo menos do pensamento: uma perda pela qual ele não queria nem podia sofrer como pela primeira. É que outra pessoa da família

também abandonara o lar desde o último Natal, mas para essa ele não tinha reservado o lugar com amorosa lembrança . . . Todavia, ela não tinha morrido. Enquanto John Inglefield se achava cercado da família à beira do fogo, que projetava na parede sombras fantásticas, ouviu-se a porta abrir e leves passos soaram no corredor.

O abrir da porta e o som dos passos eram tão familiares que ninguém se moveu. Uma moça entrou na sala, tirou o capote, colocou-o sobre a mesa, debaixo do espelho, e aproximou-se do círculo familiar, sentando-se na cadeira vazia como se estivesse preparada para ela.

– Pai! Aqui estou. Vocês jantaram sem mim, mas venho cear com vocês.

Era Prudence Inglefield. Usava o mesmo vestido singelo e elegante que outrora costumava pôr, de tarde, ao terminar os trabalhos de casa. Os cabelos lisos, divididos por uma simples risca, à moda das quakers, assentavam-lhe muito bem. Estava um pouco mais pálida que antes, mas a luz da lareira emprestava-lhe um belo tom rosado e saudável. Mesmo que tivesse passado todo o tempo de sua ausência num ambiente dissoluto, sua beleza não parecia ter sofrido o menor arranhão. Mudara tão pouco como se tivesse ausentado apenas uma hora e voltasse à casa paterna antes de consumida a lenha posta na lareira.

Parecia-se extraordinariamente com a mãe. Portanto, ao se sentar à direita do pai, este julgou ver sua delicada esposa, tal como a tinha amado, apaixonadamente, num remoto dia em que festejavam juntos a noite de Natal. Assim, apesar de seu caráter áspero, quase brutal, não conseguiu encontrar as duras palavras com que sempre pensara receber a filha rebelde. Não a abraçou, porém. Disse apenas:

– Seja bem-vinda a esta casa, Prudence. Sua mãe teria tido imensa alegria em vê-la; infelizmente morreu há quatro meses.

– Bem sei, pai, eu sei; e contudo, ao entrar aqui, meus olhos ficaram tão deslumbrados pela luz destas chamas que imaginei vê-la sentada ao seu lado.

Nesse instante, os demais membros da família, refeitos da surpresa, compreenderam que aquela que entrara tão imprevistamente não era um fantasma, nem uma imagem dos seus desejos e das suas saudades, mas a própria Prudence em carne e osso. Foi seu irmão, quem primeiramente a saudou, dirigindo-se a ela afetuosamente, apertando-lhe a mão, sem todavia pôr nesse gesto todo o calor fraterno, porque, embora sendo um bom coração, era um pastor e sabia que diante de si tinha uma pecadora.

– Felicito-me, minha irmã, por ver que a misericordiosa Providência aqui a trouxe a tempo de eu me despedir de você. Dentro de poucos dias devo embarcar para as ilhas do Pacífico, como missionário. Não tenho, portanto, certeza de tornar a vê-la... Ah!, possa eu encontrá-la além da morte! . .

Uma sombra toldou a fisionomia da moça.

– A sepultura é muito escura, meu irmão – respondeu ela, retirando apressadamente a mão que ele apertara. – Você tem de me ver pela última vez aqui, à luz destas chamas.

Entretanto, a irmã gêmea de Prudence, que com ela sempre tinha compartilhado trabalhos, alegrias e sonhos, levantou-se impelida pelo violento desejo de apertá-la carinhosamente contra o peito. Mas resistiu a esse natural movimento, temendo, envergonhada, que Prudence tivesse mudado demais para corresponder a essa demonstração de afeto, ou que a sua própria pureza parecesse uma severa censura para a moça rebelde. Contudo, ouvindo sua voz familiar, fitando bem as delicadas feições de seu rosto e a graça de seus gestos, esqueceu-se de tudo para só se lembrar de que ela tinha voltado e se atirar nos seus braços. Porém, no mesmo momento, Prudence levantou-se e agitou as mãos para contê-la num sinal de advertência.

– Não, Mary! Não, minha irmã! Não me toque! Não podemos nos abraçar.

Mary parou, trêmula, sentindo uma sombra mais espessa e mais fria que a morte interpor-se entre ela e a irmã, apesar de seu inesperado regresso ao lar, onde tinham vivido juntas quase toda a vida.

Prudence, entretanto, olhava para um lado e para outro, procurando com o olhar a única pessoa que ainda não lhe tinha dirigido a palavra. Esta, abandonando o seu lugar, fora para perto da porta e ali ficara, com o rosto virado, de maneira que, das suas feições, só se podia ver a deformada sombra na parede. Prudence, não obstante, reconheceu-o e chamou-o com voz meiga e alegre.

– Venha cá, Robert. Não quer apertar a mão de sua velha amiga?

Robert Moore, ainda por um instante, ficou imóvel. Mas seu orgulho e sua mágoa por fim cederam, e, encaminhando-se para a moça, tomou-lhe a mão e beijou-a.

– Ah!, Robert! – disse ela com tristeza, retirando a mão com vivacidade. – Não é necessária tanta efusão...

Todos se sentaram novamente em volta do fogo, e Prudence ocupou o lugar à direita do pai. Seu caráter era vivaz, terno e geralmente muito alegre, mas sua

atitude e sua voz tinha tido sempre qualquer coisa de dramático que se misturava a todos os seus gestos e palavras. Desde a infância tinha compreendido que possuía a rara faculdade de impor a todos os que se aproximavam dela o seu humor do momento, e de espalhar em torno de si, como por magia, o seu estado de alma, triste ou alegre.

Assim havia sido nos seus dias de inocência, e assim ainda foi naquela memorável noite de Natal. Seus parentes, surpresos e encantados pela sua volta, quase haviam se esquecido de que ela os tinha abandonado e perdido o direito ao seu afeto. Talvez, pela manhã, à luz do sol, a olhassem com outros olhos; mas naquela noite de festa, à luz do fogo familiar, não sabiam senão que a sua querida Prudence tinha voltado e que todos lhes deviam estar agradecidos por isso.

A dura fisionomia do ferreiro parecia então luminosa de íntima e funda alegria. Por uma ou duas vezes, riu com um riso tão forte que, como outrora, fez tremer os vidros das janelas. Sentia-se surpreso da sua própria alegria. O sisudo pastor também desenrugou as sobrancelhas e pôs-se a trocar com o estudante. E Mary, por sua vez, esqueceu-se de que sua irmã gêmea tinha perdido a inocência que por tanto tempo lhes fora comum. Robert Moore fitava Prudence com os olhos brilhantes e envergonhados, tal como um tímido namorado. E a moça sorria de tal modo que ao mesmo tempo o animava e desalentava.

Aquela hora foi uma dessas ocasiões em que a tristeza mortal que há no fundo de todas as vidas se desvanece como uma sombra importuna, e só brilha uma alegria tanto mais deslumbrante e forte como leve e rápida.

Ao soarem onze horas no velho relógio, Prudence, inclinando-se sobre a lareira, pegou a caneca onde fervia o chá que seu pai tomava todas as noites e nela pôs um torrão de açúcar, como sempre o fizera.

– Deus a abençoe, minha filha – disse John Inglefield, aceitando a xícara. – A felicidade voltou ao seu velho pai. Mas... como sua mãe nos faz falta neste momento! Ah!, Prudence, como ela nos faz falta!

E após um silêncio, ajuntou:

– E, contudo, tenho a ilusão de que ela voltou...

– Voltou. . . – respondeu Prudence.

Pouco antes da meia-noite, as conversas cessaram. Era a hora do culto da família. Mary foi buscar a velha Bíblia, onde o pai ia ler o capítulo do nascimento. Mas, enquanto cada um se preparava para um recolhimento íntimo, viram que Prudence se levantava, punha o chapéu e o capote e se encaminhava para a porta.

– Prudence! Prudence! Aonde você vai? – gritaram todos, quase ao mesmo tempo.

Com a porta já aberta, ela virou-se, fazendo com a mão um gesto de adeus. Naquele instante, porém, sua fisionomia pareceu-lhes tão mudada, que eles mal a reconheciam. Era como se uma força diabólica lhe houvesse repentinamente deformado as feições, que uma paixão terrível inflamava. Um sorriso de triunfo, doloroso de se ver, dilatava-lhe os lábios.

– Minha filha! – gritou John Inglefield, pondo-se de pé. – Fique para seu pai abençoá-la, ou vá-se com sua maldição!

Prudence ficou lívida e olhou em torno. Dançavam nas paredes as sombras dos reflexos do fogo. Por um momento, ela pareceu lutar contra uma força demoníaca que a impedia de ser ela mesma, força que só podia vencer dentro do honrado lar paterno... Mas o Demônio venceu. Prudence desapareceu na noite. Todos correram para a porta, mas já nada viram. Só ouviam o som dos guizos dos cavalos que, lá longe, levavam o trenó sobre a neve endurecida.

Nessa mesma noite, entre as belas moças que enchiam o café-concerto da cidade próxima, havia uma cuja perversa alegria parecia incompatível com a doce e pura alegria da vida familiar. Era Prudence Inglefield. Sua rápida aparição no lar paterno, naquela noite de Natal, não tinha sido mais do que a materialização de um desses sonhos de candura que por vezes assaltam as almas mais miseráveis. Mas o mal, ai!, sabe prender os seus escravos. Convoca-os nas horas mais sagradas, nos mais santos momentos, quando as inocentes lembranças de felicidade pura talvez os fizessem voltar ao bem. E eles lhe obedecem.

O ESPECTRO E O SALTEADOR DE ESTRADAS – Daniel Defoe

Conta-nos uma história que Hind, aquele famoso assaltante e procurado da Justiça, o mais renomado desde Robin Hood, encontrou um espectro no caminho de um lugar chamado Sangate-Hole, em Huntingdonshire, onde ele costumava cometer seus roubos, e era famoso por seus numerosos assaltos.

O espectro apareceu a ele na forma de um simples comerciante de gados local.

E como o Diabo, como é fácil supor, conhecia muito bem os refúgios e esconderijos frequentados por Hind, chegou assim disfarçado a uma estalagem e, havendo alugado um quarto, pôs em lugar seguro o seu cavalo, ordenando ao estalajadeiro que carregasse a sua mala, que era muito pesada, aos seus aposentos. Lá, abriu a mala, retirou o dinheiro, que estava distribuído em pequenos invólucros, e o colocou em duas sacolas, que teriam o mesmo peso em cada lado do cavalo, tornando-as tão chamativas quanto possível.

As estalagens que alojam bandidos raramente estão livres de espias, que àqueles proporcionam as devidas informações de tudo quanto ali acontece. Hind tomou conhecimento do dinheiro, olhou o homem, olhou o cavalo, e os memorizou. Averiguou o caminho que o homem seguiria. Deparou-se com ele

em Stangate-hole, exatamente no vale entre as colinas, e o parou, dizendo-lhe que entregasse as sacolas. Quando indagou sobre o dinheiro, o comerciante de gado fingiu surpreender-se, simulou pânico e tremeu, atemorizado. Com um tom de inspirar compaixão, disse:

– Como o senhor pode ver, sou um homem pobre! Em verdade, senhor, não tenho dinheiro!

(Aí mostrou o Diabo que podia dizer a verdade quando lhe é conveniente a ocasião.)

– Ah, velho cão! – disse o bandido. – Não tem dinheiro? Vamos, abra seu alforje e me entregue as duas sacolas, estas que estão de cada lado da sela. O quê? Não tem dinheiro, mas as suas sacolas são tão pesadas que não seguem em

um só lado! Vamos, passe-me logo as sacolas, senão o cortarei em pedaços agora mesmo!

(Aqui, Hind estava fora de si e ameaçou o comerciante da pior forma que pôde.)

Bem, o pobre diabo chorava e dizia que o ladrão devia estar equivocado; que o havia tomado por outra pessoa, porque realmente não trazia dinheiro consigo.

Vamos, vamos! – disse Hind. – Venha comigo! A mim ninguém engana!

Então tomou o cavalo pelas rédeas, tirou-o do caminho, conduzindo-o ao bosque, que é muito espesso naquele local, porque o negócio seria demorado demais para levar-se a cabo em plena estrada.

Quando estava no bosque, ordenou:

– Vamos, senhor comerciante, desmonte e dê-me as sacolas imediatamente!

Em suma, fez o pobre homem descer, cortou as rédeas e as cilhas, e abriu o alforje, onde encontrou as duas sacolas.

–Muito bem – disse –, aqui estão elas, tão pesadas como antes. E as atirou ao chão, cortando-as para abri-las. Numa, encontrou uma corda; noutra, uma peça de latão maciço com a forma exata de uma forca. Então o comerciante de gados exclamou, detrás dele:

–Eis o seu destino, Hind! Tome cuidado!

Se o salteador se surpreendeu com o que descobriu nas sacolas – pois não havia sequer um quarto de penny naquela onde estava a corda –, mais surpreso ainda ficou quando ouviu o comerciante chama-lo pelo nome. Voltou-se, então, se para matá-lo, acreditando que havia sido reconhecido. Mas ficou sem fôlego quando, virando-se (como já disse) para matar o homem, dada mais viu do que o pobre cavalo. Caiu por terra e ali ficou um tempo considerável. Quanto tempo, ele não poderia dizer, porque estava sozinho, mas deve ter sido por alguns minutos. Voltando a si, fugiu aterrorizado até o último grau, envergonhado e estupefato com o que vira.

Eu dei a entender que não havia dinheiro, mas uma peça foi encontrada, e esta, segundo a história, era escocesa: uma moeda chamada na Escócia “catorze”, que na Inglaterra equivale a treze pence e meio penny para pagar o carrasco. De onde é possível supor que vem daí o ditado, corrente até o dia de hoje, segundo o qual “treze pence e meio penny é o soldo do carrasco”.^[12]

A AVENTURA DO ESTUDANTE ALEMÃO – Washington Irving

Numa noite tormentosa, nos tempos tempestuosos da Revolução Francesa, um jovem alemão regressava aos seus aposentos, tarde da noite, cruzando a parte mais antiga de Paris. Relampejava e nas ruas estreitas ressoava o ribombar dos trovões. Mas devo, primeiramente, dizer alguma coisa sobre o jovem alemão.

Gottfried Wolfgang era um jovem de boa família. Ele estudara durante algum tempo em Göttingen. Mas, tendo um caráter visionário e entusiasta, dedicou-se a estranhas doutrinas especulativas, que há tanto tempo têm fascinado os estudantes alemães. Sua vida reclusa, sua intensa dedicação e a natureza singular de seus estudos produziram um estranho efeito sobre o seu corpo e o seu espírito.

Sua saúde tornou-se débil; sua imaginação, doentia. Entregara-se a especulações fantasiosas sobre a essência dos espíritos, até que, como Swendenborg, encerrou-se num mundo ideal, construído em torno de si mesmo. Imaginava-se – e ninguém sabe a causa – perseguido por uma influência maligna, um gênio do mal ou um espírito, que intentava possuir-lhe o corpo, conduzindo-o à perdição. Tal ideia, trabalhando em seu temperamento melancólico, produziu os efeitos mais sombrios. Tornou-se abatido e desanimado. Seus amigos viram nisto uma doença mental e decidiram que o melhor remédio era uma mudança de ares. Enviaram-no, assim, para concluir os estudos, à alegre e esplendorosa Paris.

Wolfgang chegou a Paris no eclodir da Revolução. O delírio popular capturou de imediato sua mente entusiasmada e ele se deixou dominar pelas teorias filosóficas e políticas da época. Todavia, as cenas sangrentas que se seguiram chocaram a sua natureza sensível e, nauseado da sociedade e do mundo, tornou-se mais do que nunca um recluso. Encerrou-se, pois, num apartamento solitário no Quartier Latin, o bairro dos estudantes. Lá, numa rua sombria, não muito longe das paredes monásticas da Sorbonne, continuou as suas especulações favoritas. Às vezes, ele passava horas inteiras nas grandes bibliotecas de Paris, essas catacumbas de autores falecidos, vasculhando suas hordas de obras empoeiradas e obsoletas, em busca de alimento para o seu

apetite enfermigo. Ele foi, de certa forma, umghoul literário, que se alimentava no sepulcro da literatura decadente.

Wolfgang, embora solitário e recluso, era de um temperamento ardente, mas apenas no âmbito da própria imaginação. Ele era muito tímido e ignorante do mundo para insinuar-se ao sexo mais frágil, embora fosse um admirador apaixonado da beleza feminina. E, na solidão de seu quarto, perdia-se muitas vezes em devaneios sobre formas e rostos que ele havia visto; em sua fantasia, criava imagens de beleza que superavam em muito a realidade.

Neste estado de excitação e sublimação, um sonho passou a exercer um extraordinário efeito sobre ele. Era o sonho com um rosto feminino de beleza transcendente. Tão forte foi a impressão recebida, que ele sonhava com o mesmo rosto, repetidamente. De dia, o rosto assombrava seus pensamentos; de noite, seus sonhos. Em suma, tornou-se apaixonadamente enamorado dessa sombra de seus sonhos. E tal estado se prolongou até tornar-se uma daquelas ideias fixas, que apavoram as mentes dos homens melancólicos, e que, às vezes, são confundidas com a loucura.

Tal era Gottfried Wolfgang e tal o seu estado na época a que me referi.

Voltava ele para casa no final da noite de tempestade, percorrendo as ruas antigas e sombrias do Marais, na parte velha de Paris. O estrondear dos trovões reverberava sobre as casas altas das ruas estreitas. Chegou à Place de Grève, onde as execuções públicas eram realizadas. Os relâmpagos estremeciam acima dos pináculos do antigo Hôtel de Ville, espalhando um brilho cintilante sobre o espaço aberto à frente do estudante. Atravessando a praça, Wolfgang recuou de horror quando se acercou da guilhotina. Era o auge do reinado do Terror e esse terrível instrumento de morte estava sempre em prontidão. No cadafalso, continuamente corria o sangue dos virtuosos e valentes. Nesse mesmo dia, a guilhotina havia sido empregada ativamente em seu ofício de carnificina, e, agora, erguia-se cruelmente, em meio a uma cidade silenciosa e adormecida, à espera de novas vítimas.

O coração de Wolfgang fremiu no peito, e já se afastava ele, a tremer, do horrível instrumento, quando notou o vulto de uma figura encolhida ao pé da escada que levava ao cadafalso. Uma sucessão de relâmpagos permitiu um vislumbre mais claro: era uma figura feminina, vestida de preto. Ela estava sentada em um dos degraus mais baixos, inclinada para frente, com o rosto escondido no peito. Seus longos e desgrenhados cabelos tocavam o solo, misturando-se à água que caía torrencialmente. Wolfgang fez uma pausa. Havia

algo de terrível nesse solitário monumento de aflição. A mulher parecia estar acima do normal. Eram tempos de vicissitudes, e muitas belas cabeças, que antes descansavam em seus travesseiros, agora vagavam sem teto. Talvez se tratasse de uma pobre mulher enlutada, com o coração destroçado, a quem a terrível lâmina havia deixado solitária, lançando à eternidade todos os entes queridos.

Ele aproximou-se e falou-lhe num tom compadecido. Ela ergueu a cabeça e o olhou selvagememente. Qual não foi o espanto do rapaz ao contemplar, à luz do clarão do relâmpago, o mesmo rosto que insistentemente havia assombrado os seus sonhos! Ela estava pálida e desconsolada, embora linda e encantadora.

Tremendo em meio a emoções violentas e conflitantes, Wolfgang novamente a abordou. À mulher falou sobre a circunstância de estar exposta, àquela hora da noite, à fúria de uma tempestade, oferecendo-se, assim, a conduzi-la a seus conhecidos. Ela apontou para a guilhotina com um gesto de terrível significado.

– Não tenho ninguém sobre a Terra – disse ela.

– Mas você tem um lar – Wolfgang respondeu.

– Sim, num túmulo.

O coração do estudante se liquefez com tais palavras.

– Se um estranho se atreve a fazer uma oferta – disse ele –, sem o perigo de ser mal interpretado, eu te ofereço o meu humilde lar, como um amigo dedicado. Eu mesmo não tenho amigos em Paris. Sou um estrangeiro nesta terra. Mas, se eu puder dedicar a minha vida a seu serviço, ela está à sua disposição. Estou propenso a sacrificar a minha vida antes que a ti sobrevenha alguma aflição ou indignidade.

Havia uma honestidade tão sincera na atitude do jovem que suas palavras realmente produziram efeito. O seu sotaque estrangeiro também acorria em seu favor: demonstrava que não era um habitante qualquer de Paris. Com efeito, há no entusiasmo da verdade tanta eloquência que não é possível pô-lo em dúvida. Sem reservas, a desconhecida desabrigada se entregou à proteção do estudante.

Ele amparou os seus passos vacilantes através da Pont Neuf e do local onde a estátua de Henrique IV havia sido derrubada pelas turbas. A tempestade amainara e o trovão ressoava à distância. Toda Paris permanecia tranquila. O grande vulcão das paixões humanas dormitava, reunindo as forças para a erupção do dia seguinte. O estudante conduziu seu fardo pelas ruas antigas do

Quartier Latin, junto às paredes sombrias da Sorbonne, levando-a ao sórdido hotel em que morava. A velha porteira, que lhes franqueou a entrada, contemplou, com surpresa, a visão incomum de um melancólico Wolfgang acompanhado por uma mulher.

Ao entrar no apartamento, o estudante, pela primeira vez, corou ao ver a pobreza e a impessoalidade de seus aposentos. Consistiam em apenas um cômodo – uma sala à moda antiga – fantasticamente talhado com os restos de uma antiga magnificência, porquanto compunha um desses hotéis situados na mesma quadra do Palácio de Luxemburgo, que pertencera à nobreza. Estava repleto de livros e papéis, e de tudo o quanto é próprio a um estudante. Sua cama ficava em um canto afastado.

Quando as luzes foram acesas, permitido a Wolfgang melhor vislumbrar a desconhecida, ficou ele mais ainda extasiado com aquela beleza. O rosto da desconhecida era pálido, mas de uma beleza deslumbrante, desencadeada por uma profusão de cabelos negros, que pendiam em cachos. Seus olhos eram grandes e brilhantes, dotados de uma expressão singular, quase selvagem. Até onde o vestido preto permitia a visão de suas formas, estas eram de perfeita simetria. Sua aparência geral era extremamente impressionante, embora a mulher se vestisse com simplicidade. A única coisa a assemelhar-se a um ornamento era uma fita preta, larga, adornada por diamantes, que lhe cingia o pescoço.

Veio, então, ao encontro do estudante alemão a preocupação de como ajudar aquela mulher indefesa, que se lançara à sua proteção. Pensou em abdicar do próprio quarto em favor dela e buscar alojamento em outro lugar. Mas estava tão fascinado com os seus encantos, pois dela irradiava uma magia que lhe subjugava os sentidos e pensamentos, que não podia desviar-se de sua presença. Suas maneiras eram também estranhas e inexplicáveis. Ela deixou de falar sobre a guilhotina. Sua aflição havia diminuído. Com suas atenções, o estudante ganhara a confiança da desconhecida, e, aparentemente, o seu coração. Evidentemente, ela era, assim como ele, uma entusiasta e as pessoas assim talhadas se entendem prontamente.

Na paixão do momento, Wolfgang confessou o seu amor pela mulher. Contou-lhe a história de seus misteriosos sonhos, e como ela havia se apossado de seu coração antes mesmo que o rapaz a conhecesse. A desconhecida ficou estranhamente impressionada com aquela declaração e admitiu sentir-se atraída por ele de uma maneira igualmente inexplicável. Era a época de teorias e

ações selvagens. Velhos preconceitos e superstições eram abolidos. Tudo estava sob a influência da "Deusa da Razão". As formalidades e cerimônias de casamento, escombros dos velhos tempos, começaram a ser consideradas supérfluos rituais para as mentes honrosas. Os pactos sociais estavam em moda. Wolfgang era demasiadamente teórico para não ser contaminado pelas doutrinas liberais de sua época.

– Por que devemos nos separar? – perguntou. – O nosso coração está unido; ante os olhos da razão e da honra, somos um só. Que necessidade há de formalidades sórdidas para unir as almas elevadas?

A desconhecida ouvia com emoção: ela evidentemente fora iluminada pela mesma escola teórica.

– Tu não tens casa ou família – continuou ele. – Deixa-me ser tudo para ti. Ou melhor, sejamos tudo um para o outro. Se as formalidades são necessárias, nós as acataremos. Eis aqui a minha mão. Eu me entrego a ti para sempre.

– Para sempre? – indagou a desconhecida, solenemente.

– Para sempre! – repetiu Wolfgang.

A desconhecida apertou a mão que lhe era estendida.

– Então eu sou tua - murmurou ela, reclinando-se ao peito do rapaz.

Na manhã seguinte, o estudante deixou sua esposa a dormir e saiu uma hora mais cedo, em busca de um apartamento mais espaçoso, adequado a seu novo estado civil. Ao voltar, encontrou a mulher deitada, com a cabeça pendendo da cama e um braço estirado. Falou com ela, mas não recebeu resposta alguma. Então, avançou para despertá-la daquela postura inquietante. Ao tomar-lhe a mão, verificou que esta estava fria e que não havia pulsação. A face da mulher estava pálida e medonha. Em uma palavra, ela era um cadáver.

Horrorizado e frenético, ele gritou um alarme, clamando pelos da casa. Uma cena de confusão se seguiu. A polícia foi chamada. O oficial de polícia entrou na sala e retrocedeu ao contemplar o cadáver.

– Céus! – gritou. – Como esta mulher veio parar aqui?

– Você sabe alguma coisa sobre ela? – indagou Wolfgang, ansiosamente.

– Se eu sei? - exclamou o oficial. – Ela foi guilhotinada ontem.

Deu um passo à frente e desatou o colar negro que cingia o pescoço do cadáver. A cabeça rolou no chão!

O estudante perdeu o controle.

– O demônio! O demônio finalmente me tomou! – gritou ele. – Estou perdido para sempre.

Tentaram acalmá-lo, mas em vão. Estava dominado pela crença de que um terrível espírito maligno havia reanimado o cadáver com o intuito de apoderar-se dele, o estudante. Enlouqueceu e morreu em um hospício.

Aqui, o velho homem, de feições assombradas, terminou sua narrativa.

– Esse fato é verdadeiro? – perguntou um cavalheiro curioso.

– Um fato que não pode ser posto em dúvida – respondeu o primeiro. – Soube-o por fonte autorizada: foi o próprio estudante que me contou. Eu o conheci no manicômio de Paris.

{1}. A Polônia foi vencida na batalha de Maciejowice em 4 de outubro de 1794 e nela o valente caudilho disse a célebre frase: Finis Poloniae, grito de desespero daquele heróico coração. Kosciusko caiu nas mãos dos russos e foi posto em liberdade pelo Czar Paulo I. Morreu obscuro em 1817 com 71 anos de idade.

{2}. *Não nos foi agradável a tua viagem / A tua amizade era-nos preciosa no país*

{3}. Personagens duma comédia do conde Carlos Gozzi.

{4}. É provável que Hoffmann se refira aqui a Napoleão, com quem os Polacos inutilmente contaram para restabelecer-lhes a independência.

{5}. Tratamento dado às freiras, equivalente à “irmã”

{6}. Algo como “irmã administradora”, ou “tutora”

{7}. Aplicar um penso; fazer um curativo.

{8}. Forma antiga de limiar.

{9}. Mulher encarregada do serviço de integração entre as pessoas no convento.

{10}. Aborrecimento; tédio; fastio

{11}. Ceia de Natal (segundo o Dicionário Caudas Aulete)

{12}. o texto que o leitor acabou de ler não é propriamente um conto, visto como não tem o caráter ficcional. Trata-se de uma das várias narrativas que ilustram exemplarmente o extenso ensaio “An Essay on the History and Reality of Appetitions”, publicado em Londres, no ano de 1728.